



Auro del Giglio

Iniciação ao Talmud

*Iniciação ao
Talmud*

*Iniciação ao
Talmud*

*Iniciação ao
Talmud*

*Iniciação ao
Talmud*

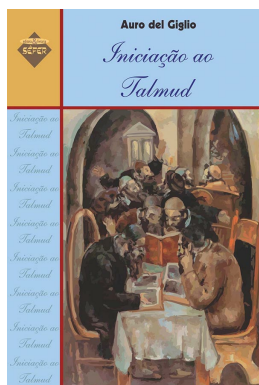
*Iniciação ao
Talmud*

*Iniciação ao
Talmud*

*Iniciação ao
Talmud*

*Iniciação ao
Talmud*





Iniciação ao Talmud

ISBN 978-85-7931-042-3

Versão Eletrônica

©2012 - Todos os direitos reservados à

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Produção: **LCT Informática Editorial**

Versão Impressa

©2000 - Auro del Giglio

©2000 - Todos os direitos reservados à

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735

CEP 01232-001 — São Paulo - SP — Brasil

Tel. 11 3826-1366 Fax 11 3826-4508

sefer@sefer.com.br

Livraria Virtual: www.sefer.com.br

Produção, Projeto Gráfico e Editoração **Jairo Fridlin**

Mapas **Thais Przewozinski**

Capa e digitalização de imagens **Dagui Design**

Revisão **Jacob Lebensztayn**

Imagem de capa:

The Talmidists, óleo sobre tela, Max Weber, 1934

Jewish Museum, New York.

Nota:

Nas palavras transliteradas, adotou-se o "**ch**" para o som de "**rr**",
como **carro** em português.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio,
sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

ליכא מידי דלא

רמיזא באוריתא.

*Não há assunto que não seja mencionado na
Torá.*

Talmud, Taanit

מרבה תורה מרבה חיים.

Quanto mais Torá, mais vida.

Avót 2:7

Este livro é dedicado à

Adriana del Giglio

em homenagem ao seu Bat-Mitsvá.

Querida Fifa, desejamos a você uma vida
muito feliz e cheia de alegrias.

Deus permita que você possa sempre
nortear-se pelo legado de nossos
antepassados, presente na nossa sagrada
Torá.

Sandra e Auro del Giglio

אל תסג גבול עולם

אשר עשו אבותיך.

*Não removas as marcas criadas por nossos
antepassados!*

Provérbios 22:28

אזכירה שמך בכל דר ודר.

על כן עמים יהודוך לעולם ועד.

Mencionarei Teu nome para todas as
gerações, para que as nações Te
agradeçam eternamente.

Salmos 45:18

Em memória de meus avós
Samuel e Regina del Giglio^{Z"l}
Samuel e Aranka Deutsch^{Z"l}

Em memória de meu pai
Alfredo del Giglio^{Z"l}
לע"נ אלטר יוסף בן שמואל ז"ל

Em homenagem à minha mãe
Norma
minha esposa
Sandra
e meus filhos
Adriana, Eduardo, David e Denise.

הקדמה Introdução

O estudioso interessado em se aprofundar no conhecimento do judaísmo certamente, em algum momento, se defrontará com o Talmud. Esta obra monumental, responsável - juntamente com o Pentateuco - pela sobrevivência do povo judeu através dos séculos, é fundamental para que se compreendam as bases éticas, religiosas, filosóficas, legais e históricas da religião judaica. Seu estilo polido e sua estrutura peculiar, embasada muito mais em debates do que em narrativas, constituem, porém, uma dificuldade para sua leitura e compreensão.

Neste livro, o leitor encontrará uma breve introdução ao estudo do Talmud Babilônico, escrita por um iniciante que, a despeito de não ter tido uma educação judaica formal, aproximou-se deste texto já adulto. Através dos princípios de didática utilizados na docência universitária, o autor procurou apresentar o estudo do Talmud de uma maneira bastante acessível ao público leigo.

O livro pode ser lido de duas formas: na íntegra, por aqueles que ainda desconhecem particularidades da história, constituição formal do texto e dos comentários do Talmud, ou concentrando-se apenas no texto talmúdico traduzido e comentado por aqueles que já tenham conhecimentos básicos sobre o Talmud e sua estrutura. De qualquer forma, não haveria uma vivência plena do leitor no estudo do Talmud

sem que houvesse uma interação com o próprio texto desta obra. Existem muitos livros sobre o Talmud, mas são poucos os que possibilitam aos leitores a experiência de participar de uma discussão talmúdica e perceber a magia que se estabelece quando estes debates, ocorridos há muitos séculos e preservados intactos nos volumes desta grande obra, se revitalizam a cada vez que seu texto é estudado.

Além de sua enorme importância para o judaísmo, o estudo do Talmud pode ainda aprimorar a todos que a ele se dediquem. O desafio intelectual que representa a compreensão de um texto talmúdico exige do estudante que analise a discussão rabínica, pesquise informações em fontes pertinentes a fim de enriquecer seu entendimento, aprenda com os diversos comentários e discuta com colegas e professores, emulando novamente as discussões que ocorriam nas grandes academias nas quais o Talmud foi criado.

Além de todo este exercício em capacidades como análise de dados, argumentação, lógica e discussão em grupo, fundamentais para o sucesso profissional nos dias de hoje, o estudante ainda se expõe a conteúdos éticos e humanísticos que foram frequentemente veiculados na forma de narrativas (Agadá) por nossos antigos mestres no seio destes debates. Este estofo moral contextualiza as ações dos grandes rabinos e passa a fazê-lo também em nossas vidas, quando utilizamos suas biografias como um modelo de atuação. Portanto, do ponto de vista educacional, o estudo do Talmud constitui-se em uma oportunidade ímpar para o aprendizado de

habilidades fundamentais para o sucesso profissional e acadêmico em um contexto ético e humano.

Neste livro, a tradução dos trechos do Talmud aparece em negrito e as explicações acerca do texto em caracteres itálicos; eventuais adições ao texto talmúdico foram colocadas entre colchetes. Os versículos do Pentateuco citados nesta obra foram extraídos da tradução para o português do rabino Meir Matzliah Melamed, em “A Lei de Moisés”. Agradeço profundamente aos rabinos M. A. Illovits e Boruch Twersky pelas sugestões ao manuscrito deste livro.

Cabe salientar que o autor não pretendeu criar um compêndio sobre o Talmud e se excusa por eventuais erros e impropriedades que tiverem escapado aos seus olhos, apesar das rigorosas revisões que o texto sofreu durante sua elaboração.

Que este livro consiga introduzir e estimular o leitor a mergulhar neste imenso e deslumbrante mar que é o Talmud.

São Paulo, Tishrê de 5761, Outubro de 2000.

Auro del Giglio

“Se a Bíblia é o elemento mais básico do judaísmo, então o Talmud é seu pilar central, estendendo-se desde as suas fundações e sustentando todo o seu edifício espiritual e intelectual.”

Rabino Adin Steinsaltz

O que é o Talmud?

A lei judaica se baseia nos ensinamentos transmitidos diretamente por Deus a Moisés no monte Sinai sob duas formas: uma escrita, e que veio a constituir o Pentateuco, e outra oral, dada também por Moisés aos sábios daquela geração que, por sua vez, a transmitiram às gerações subsequentes, sem a existência de um registro escrito.

Com a destruição do Segundo Templo e a resultante dispersão do povo judeu na Diáspora, os rabinos sentiram a necessidade de registrar as tradições orais de forma escrita, para que estas não se perdessem. Graças ao trabalho dos Tanaítas (“Tanaim”), tendo como expoente o rabino Judá Ha-Nassi, tal tarefa foi levada a cabo por volta do século II da era comum, constituindo, assim, a Mishná. Esta, por sua vez, foi exaustivamente estudada nas academias de Jerusalém e da Babilônia pelos diversos Amoraítas (“Amoraim”) e,

nos séculos seguintes, dois corpos de comentários da Mishná, denominados Guemará, foram redigidos, um na Palestina e outro na Babilônia.

O conjunto de Mishná e Guemará constitui o Talmud (ou Talmude) que, por sua vez, de acordo com o local no qual a Guemará foi criada, se denominará Talmud de Jerusalém ou Talmud Babilônico. Como na Babilônia o ambiente era mais profícuo para o estudo, dada a melhor situação econômica e maior estabilidade política, o Talmud Babilônico, concluído por volta do século VI, é mais elaborado que o Talmud de Jerusalém.

A estrutura do Talmud consiste, portanto, nos vários trechos da Mishná, aos quais se agregam comentários, explicações e debates sobre o seu conteúdo legal, além de muitas narrativas que, em conjunto, constituem a Guemará. Na Guemará encontramos um rico acervo de debates sobre as diversas leis rituais, comerciais, familiares e sociais. Nestas discussões, através do uso da lógica e de uma série de recursos interpretativos das Escrituras Sagradas, diferentes opiniões rabínicas são contrapostas até que, frequentemente, surja um consenso acerca de uma controvérsia legal em discussão. Quando emerge este consenso, esta passará então a integrar o corpo de leis judaicas, a Halachá.

Os debates talmúdicos têm por característica a aplicação de modelos concretos, como a perda de moedas, vasilhames de um dado tipo e outros, que veremos a seguir. As conclusões derivadas da aplicação destes modelos buscam sempre a verdade, independentemente da

aparente trivialidade que uma dada conclusão possa assumir no contexto de um destes modelos. Assim, nossos sábios não se preocupavam em discutir demoradamente leis acerca de um tipo de vasilhame que não mais existia. Tal discussão utilizava este tipo de vasilhame como um modelo concreto e as conclusões obtidas poderiam ser aplicadas em outros contextos, inclusive em situações atuais e, portanto, inexistentes por ocasião da discussão talmúdica inicial.

Esta incessante busca pela verdade determina a existência de um método de demonstração que norteia as discussões talmúdicas, sempre procurando questionar uma explicação aparentemente correta, visando chegar a um estágio de inquestionabilidade que corrobore, de forma irrefutável, um determinado ponto de vista. Muitas vezes, tentava-se conciliar pontos de vista aparentemente opostos através da busca de um denominador comum entre eles.

Frequentemente, as discussões apresentadas na Guemará necessitam de uma explicação para que se compreenda melhor a linha de raciocínio utilizada pelos Amoraítas, ou mesmo seja aclarada melhor a natureza da discórdia entre os rabinos. Devemos ao ilustre comentarista francês medieval **Rashi** uma das mais claras explicações da Guemará, que facilitou muito o estudo do Talmud nos séculos subsequentes e serve, até hoje, de guia para qualquer estudioso desta obra. Outros comentários como as **Tossafót**, que compreendem explicações oriundas de uma série de sábios medievais, assim como outros comentários de sábios mais modernos

acerca das questões discutidas na Guemará, também enriqueceram muito o estudo do Talmud.

Como é uma página do Talmud?

Quando a redação do Talmud foi concluída, por volta do século VI, cópias desse material foram feitas pelos próprios estudantes das academias. Por serem poucas e raras, eram muito preciosas. Muitos sábios memorizavam grandes porções do Talmud e ditavam porções do seu texto para serem escritas. Além destas dificuldades, muitas cópias do Talmud foram destruídas na Idade Média durante perseguições e movimentos migratórios dos judeus. A primeira cópia impressa do Talmud apareceu na Espanha, em Guadalajara, em 1482, pouco antes da Inquisição. Outras cópias do Talmud foram posteriormente impressas em outras cidades, como Soncino e Pissarro.

A primeira edição completa do Talmud Babilônico data de 1520, após a aprovação do Papa Léo X, e foi conduzida pelo editor cristão Daniel Bomberg, na cidade de Veneza. A divisão do material da Mishná e Guemará nas várias páginas do Talmud, bem como a diagramação dos comentários principais (Rashi e Tossafót) ao seu redor são ainda mantidas nas edições atuais conforme idealizado por Bomberg. Outras edições posteriores, entre as quais estão as usadas atualmente, apareceram em Vilna e Slavura entre 1880 e 1886. Mais recentemente, destacam-se as edições traduzidas e explicativas,

como a Soncino, a do rabino Steinsaltz (israelense) e a edição Shottenstein da Editora Artscroll (americana), que tornaram o estudo desta obra fundamental do judaísmo mais acessível.

A seguir destacamos a estrutura de uma página do Talmud como a encontramos hoje nas edições clássicas desta obra.

Cada página pertence a um capítulo que, por sua vez, está inserido em um tratado, indicados na margem superior. A página (*Amud*), por sua vez, tem uma face anterior (א) e uma posterior (ב). Como podemos observar, o texto da **Mishná** e o da **Guemará** ocupam uma posição central na página e são rodeados pelos comentários de **Rashi** e **Tossafót**. Ao lado destes, por sua vez, encontram-se comentários de outros sábios, como o do **Rabino Chananel** (990-1055). Encontra-se também nas margens laterais da página um índice de referências - **En Mishpat Ner Mitsvá** - escrito pelo rabino lehoshúa Boaz, que viveu na Itália no século XVI. Neste índice, há referências aos Códigos de Leis (Halachá), como o de Maimônides (Mishnê Torá), Iossef Caro (Shulchan Aruch) e Moshe de Coucy (Sefer Mitsvá Gadol), onde se encontram referências às leis relativas às discussões presentes naquela página do Talmud. O **Massóret Hashas** é um conjunto de referências a outras porções do Talmud relacionadas à presente página em estudo. Estas referências foram também compiladas pelo rabino lehoshúa Boaz.

Nas margens laterais, há também conjuntos de correções e emendas ao texto, como **Hagahot HaBach** - escritas pelo rabino Ioel Sirkles, que viveu na Polônia no século XVII - e **Hagahot HaGra** - escritas

pelo rabino Eliahu, conhecido como o Gaon de Vilna (1720-1797). Estas correções, anotadas por estes rabinos nas margens laterais dos exemplares do Talmud nos quais estudavam, foram mais tarde incorporadas às edições mais modernas desta obra, e visam corrigir palavras do texto da Guemará, de Rashi e das Tossafót. Grande parte destas anotações derivaram da comparação dos textos impressos com os manuscritos mais antigos destes mesmos textos, então disponíveis para o estudo destes sábios.

Além dos comentários que mencionamos, há vários outros nas edições mais modernas do Talmud. O leitor interessado poderá encontrar mais detalhes nas referências elencadas no final do livro.

MODELO DE UMA PÁGINA DO TALMUD

folha

tratado

capítulo

nome do capítulo

Comentários
de Rashi
(lado interno
do livro)

Massoret
HaShas

MISHNÁ

En Mishpat
e
Nef Mitsvá

Comentários
dos Tossafot
(lado externo
do livro)

Rabênu
Chananel

Hagahot
HaGrá

GUEMARÁ



Qual é a estrutura do Talmud?

O Talmud está dividido segundo as Ordens da Mishná. A Mishná, por sua vez, se divide em seis sessões básicas (**Sedarim**), ou Ordens. As ordens contêm tratados que são subdivididos em capítulos. Existem no Talmud 517 capítulos ordenados em 63 Tratados. Os nomes dos Tratados são oriundos da época talmúdica e refletem o seu conteúdo. Os títulos dos capítulos, por sua vez, contêm as palavras iniciais que abrem o capítulo.

As seis ordens da Mishná e os principais assuntos nelas encontrados são:

1 Zeraim (sementes): concentra-se nas leis relacionadas à agricultura, oferendas aos sacerdotes e donativos aos pobres. Devido ao fato da aplicação destas leis serem restritas à Terra de Israel, no Talmud Babilônico encontramos apenas um único Tratado desta Ordem - **Berachot** - que lida apenas com as leis referentes a rezas e bênçãos.

2 Moed (festas): trata das festas do calendário judaico ao longo do ano, incluindo o Shabat e os dias de jejum.

3 Nashim (mulheres): lida com leis relacionadas ao casamento, divórcio e adultério.

4 Nezikin (danos): discute leis civis e penais, além de abordar a proibição à idolatria. Nesta Ordem encontra-se o Tratado **Bava Metsia**, do qual extraímos parte do segundo capítulo para análise neste livro. Encontramos também nesta Ordem o **Tratado de (Pirkê) Avót** (conhecido como “Ética dos Pais”), que contém sùmulas de

cunho ético e filosófico expressas pelos sábios do período da composição da Mishná, mas que não foi comentado na forma de Guemará.

5 Kodashim (objetos santos): dedica-se às leis pertinentes ao Templo e aos sacrifícios, e também sobre alimentos permitidos e o abate ritual de animais.

6 TahOrot (pureza): lida com as leis de pureza e impureza rituais, na maior parte, e de relevância somente para os sacerdotes na época do Templo. O **Tratado de Nidá**, entretanto, dedica-se às leis de pureza familiar em vigor até os dias de hoje.

No Apêndice desta obra, o leitor encontrará um esquema das Ordens da Mishná e os Tratados que lhes correspondem no Talmud Babilônico.

Qual é a língua do Talmud?

O Talmud foi escrito em hebraico e aramaico. Ambas são línguas semíticas e é devido a esta origem comum que se explica a semelhança entre elas. O aramaico começou como uma língua falada entre as tribos dos arameus há 3.000 anos atrás e evoluiu para uma língua internacionalmente conhecida por ocasião do domínio persa. O aramaico falado na Palestina (dialetos aramaicos ocidentais) na época da criação do Talmud de Jerusalém é diferente daquele falado pelos judeus que viviam na Babilônia (dialetos aramaicos orientais), em cujas

academias foi produzido o Talmud Babilônico. Durante os anos que se sucederam, várias palavras foram intercambiadas entre o hebraico e o aramaico, incrementando ainda mais as semelhanças existentes entre estes dois idiomas. Enquanto a língua da Mishná é o hebraico, a Guemará foi escrita predominantemente em aramaico.

A Mishná

A tradição oral transmitida a Moisés no monte Sinai explica detalhes da observância das leis escritas na Torá. Encontramos, por exemplo, especificações do que é exatamente uma Sucá (cabana) ou Totafót (filactérios, Tefilin), quais os tipos de trabalhos proibidos no Shabat e mesmo o significado exato de algumas das palavras encontradas na Torá. Tais detalhes são essenciais para que se possam observar corretamente as Mitsvót (mandamentos) que nos foram ordenadas e que envolvem o adequado entendimento destes conceitos para o seu cumprimento. Todo este conhecimento fundamental para a compreensão da Torá escrita e para o correto cumprimento das Mitsvót era transmitido oralmente de geração em geração.

Além destas explicações, transmitia-se também a metodologia para a derivação de leis (Halachót) da Torá. Este método permitia aos eruditos de uma determinada geração legislar sobre novas situações não abordadas explicitamente na Torá escrita. Podemos citar como exemplos destas novas situações, regulamentadas pelos sábios, as leis de funcionamento das cortes de justiça e a estruturação do serviço religioso a ser conduzido nas sinagogas. A prece Shemone-

Esrê (“Dezoito Bênçãos”), por exemplo, recitada em pé e em posição de sentido, foi originalmente composta pela Grande Assembleia (vide abaixo), mas uma bênção adicional (“Contra os hereges etc.”) foi adicionada mais tarde.

A metodologia de derivação das leis da Torá escrita, através da análise e interpretação do seu texto por regras pré-estabelecidas, constitui uma das mais importantes fontes de leis, o Midrash Halachá. A palavra Midrash tem raiz na palavra “Darash”, que significa inquirir, investigar. Há dois tipos de Midrash: o Midrash Halachá e o Midrash Agadá. No primeiro, como vimos, os rabinos procuram derivar leis a partir da Torá escrita, através de uma metodologia exegética pré-estabelecida. No Midrash Agadá, por outro lado, a leitura da Torá escrita se faz à custa de uma tradição pela qual se podem imprimir ao texto significados diferentes daqueles que seriam perceptíveis apenas pelo seu entendimento literal. Por conseguinte, estas interpretações iluminam novas maneiras de se entender a Torá escrita de acordo com a nossa tradição.

A primeira tentativa de organização do material que constitui a tradição oral ocorreu (segundo Steinsaltz) durante o período da Grande Assembleia, que correspondeu à época do domínio persa sobre a Palestina (539-332 a.e.c.). Sabe-se pouco sobre a natureza da Grande Assembleia. Presume-se que tenha atuado nos primeiros dois séculos do período de existência do Segundo Templo e que pode ter sido um órgão legislativo, ou mesmo a denominação de um conjunto de sábios daquela época.

A dominação persa sobre a Palestina foi seguida pela dos gregos (332-140 a.e.c.). Este período foi caracterizado por uma oposição aos decretos anti-judaicos promulgados pelos gregos e pela luta contra as influências assimilacionistas da cultura helênica. Nesta época, a instituição legislativa principal era o San'hedrin (Sinédrio, a suprema corte), liderado por dois sábios: o presidente (Nassi) e o chefe da corte (Av Bet Din).

O Período dos Tanaítas se iniciou com os rabinos Hilel e Shamaï, no começo do reino de Herodes (73 a.e.c.). A palavra Taná significa aquele que estuda, repete e ensina o que aprendeu de seus mestres. Neste período, a lei oral foi organizada precisamente por assunto ou por formatos que facilitassem sua memorização.

ISRAEL NO PERÍODO DA MISHNA E DO TALMUD

0 10 20 km



O período dos Tanaítas foi marcado pela destruição do Segundo Templo pelos romanos (70 e.c.). Entretanto, apesar da turbulência política externa, a produção intelectual desta época foi excepcional. Ao contrário dos períodos anteriores, nos quais o trabalho intelectual dos sábios era coletivo, na era dos Tanaítas cessa o anonimato. Sabemos a identidade dos proponentes das ideias e dos diversos pontos de vista acerca da correta interpretação da lei oral, seus métodos de estudo e inclusive características de suas personalidades. No início da era dos Tanaítas, as escolas dos rabinos Hilel e Shamai contrapunham-se em seus pontos de vista. Apesar de ambas as escolas divergirem em um contexto de profundo respeito pela observância das leis judaicas, a escola de Hilel era geralmente mais liberal nos pontos de controvérsia, enquanto a de Shamai era mais estrita e severa no seu julgamento. Os debates entre os discípulos destas duas escolas foram acirrados e, por vezes, estenderam-se por gerações, até que geralmente os pontos de vista da escola de Hilel passaram a prevalecer. Hilel ocupou o cargo de Nassi do San'hedrin. Desde então, este importante posto pertenceu quase que totalmente a seus descendentes pelos próximos 400 anos, até a extinção do San'hedrin. Estes líderes eram denominados "Raban", nosso mestre.

Quando lochanan ben Zacai, discípulo de Hilel, assumiu a chefia do San'hedrin, obteve autorização do Imperador romano Vespasiano para estabelecer um centro de estudos fora de Jerusalém, em lavne, por ocasião da destruição do Segundo Templo. Em lavne, conseqüentemente, estabeleceu-se um novo centro intelectual do judaísmo que, nas gerações vindouras, abrigou os grandes sábios

daquele período, como Gamliel de Iavne, Eliezer ben Hirkenos, Iehoshúa ben Armania, Dossa ben Harkinas, Elazar ben Azaria, Ishmael ben Elisha, Tarfon e Akiva.

Akiva iniciou seus estudos aos 40 anos de idade sob a supervisão de Iehoshúa e Eliezer, em Iavne. Viveu até os 120 anos e participou da revolta contra Roma liderada por Shimon Bar-Cochba. Após a vitória dos romanos, que culminou também com a morte de vários de seus discípulos, Akiva não se submeteu às imposições do imperador Adriano e continuou a ensinar a Torá. Como resultado deste ato de rebeldia, Akiva foi torturado e morreu como um mártir.



Akiva teve vários eminentes discípulos, como lehudá ben Ilai, Shimon bar lochai, Elazar, lossi bar Chalafta e Shimon ben Gamliel (Nassi do San'hedrin).

Durante esta geração de Tanaítas, destacam-se Shimon bar Iochai e seu filho Elazar, que deram origem aos comentários da Bíblia (Midrashim) sobre o livro do Êxodo (Mechilta), Números e Deuteronômio (Sifri), além do Zôhar, uma das obras de cunho místico mais importante que compõe a Cabalá.

Shimon ben Gamliel foi substituído como Nassi do San'hedrin por seu filho, o rabino Iehudá (Judá) Ha-Nassi, que foi o maior erudito de seu tempo. Graças ao seu bom relacionamento com as autoridades romanas, sua geração viveu um período de paz, no qual lhe foi permitido iniciar o processo de redação da lei oral, que culminou com a composição da Mishná.

A necessidade de registrar de maneira indelével e uniforme o material que constituía a tradição oral surgiu da convergência de vários fatores. Por um lado, o trabalho das diversas academias de eruditos e seus discípulos ao longo das gerações resultou em um material legal que cresceu muito em extensão, dificultando, portanto, sua completa memorização. Em paralelo a esta explosão de conhecimento, divergências entre diversas academias e a interação com as várias civilizações da época ameaçavam a unidade das leis judaicas derivadas, de maneira lógica e coerente, das Escrituras Sagradas.

Na verdade, desde a época de Akiva havia sido iniciado o processo de organização e classificação do material que compõe a tradição oral. Este trabalho continuou com Meir e culminou com a sumarização, compilação e redação final da tradição oral por Judá Ha-Nassi, e que resultou na Mishná.

Como vimos anteriormente, a Mishná está organizada em seis Ordens (vide Apêndice) divididas em Tratados (Massechtót, plural de Masséchet) que, por sua vez, estão divididos em capítulos, e estes em unidades menores (Mishnaiót, plural de Mishná) que lidam com leis (Halachót, plural de Halachá) específicas ou conjuntos de leis inter-relacionadas. O estilo da Mishná é sucinto, quase telegráfico, e o idioma no qual foi escrita é o hebraico. Com Judá Ha-Nassi concluiu-se a redação da Mishná e o período dos Tanaítas.

Gerações dos Tanaítas e Amoraítas apenas os principais rabinos de cada geração (baseado em Steinsaltz, The Talmud: a Reference Guide, 1989)		
PERÍODO TANAÍTICO		
Data	Tanaítas	Eventos Históricos
30 a.c. - 20 e.c.	Hilel Shamai	Período Herodiano. Ascensão do Império Romano no Oriente. Imperador Augusto.
20 - 40 e.c.	Gamliel (II) Ha-Zaken	
40 - 80 e.c.	Shimon ben Gamliel (II) Iochanan ben Zacai	Destruição do 2º Templo, 70 e.c. Imperadores Tito e Vespasiano
80 - 110 e.c.	Gamliel (II) de Iavne Eliezer ben Hircanus	
110 - 135 e.c.	Akiva Shimon bar Iochai Shimon ben Gamliel (II) Meir	Revolta de Bar Cochba, 135 e.c. Imperador Adriano.
170 - 200 e.c.	Iehuda Ha-Nassi	Redação final da Mishná, 200 e.c. Imperadores Caracala, Alexandre Severus.

PERÍODO DOS AMORAIM NA BABILÔNIA		
Data	Tanaítas	Eventos Históricos
220 - 250 e.c.	Mar Ucva, Rav, Shemuel	Reino Sassânida na Babilônia
250 - 290 e.c.	Huna, Chisda, Iehudá (ben Iechezkel)	
290 - 320 e.c.	Raba (ben Nachmani), Sheshet, Iossef (bar Chiya)	
320 - 350 e.c.	Abaiê, Rava, Rami bar Chama	Reconhecimento do cristianismo como religião oficial do império romano.
350 - 375 e.c.	Amemar, Papa	
375 - 425 e.c.	Ashi, Ravina (I), Mar Zutra	Redação final do Talmud de Jerusalém.
425 - 460 e.c.	Mar bar Rav Ashi	Divisão do império romano em oriental e ocidental.
460 - 500 e.c.	Raba Tossafaá, Ravina (II)	Queda do império romano do oriente (476 e.c.) Redação final do Talmud Babilônico (500 e.c.)

Um trecho da Mishná

A Torá determina claramente que objetos perdidos sejam devolvidos a seus legítimos donos. Entretanto, há situações nas quais é impossível localizar ou mesmo identificar o dono de um objeto perdido. A quem pertence o objeto nestas situações, o que se constitui em uma marca identificatória do objeto para efeito de restituição a seu verdadeiro dono e em quais situações o indivíduo que encontra o objeto pode dele se apropriar - estas são algumas das questões abordadas neste capítulo do Talmud. Este capítulo, que é o segundo do tratado Bava Metsia, inicia-se com o trecho da Mishná transcrito e comentado a seguir:

MISHNÁ: משנה:

Estes achados lhe pertencem **NA** אלו מציאותשלו

NA – A Torá, em Deuteronômio (22:1-3), menciona:

“Vendo o boi de teu irmão, ou o seu cordeiro, extraviados, não farás como se não os visses, mas os restituirás a teu irmão. E se teu irmão não estiver perto de ti ou não o conheceres, recolhê-los-ás até que teu irmão os reclame e, então, os restituirás a ele. O mesmo farás com o seu jumento, o mesmo farás com a sua veste, e o mesmo farás com toda coisa perdida que teu irmão tiver perdido, e tu a encontrares; não farás como se não os visses.”

A Torá ordena a todos que vierem a encontrar uma propriedade perdida, que a devolvam a seu proprietário. A Mishná acima deduz que, como a Torá enumera uma série de itens a serem devolvidos – boi, jumento, veste, coisa perdida –, esta obrigação de devolver uma propriedade perdida não é universal, e restringe-se a situações nas quais o dono original tem a expectativa de reaver o que perdeu. Se, pelo contrário, estivéssemos diante de uma lei universal, não haveria necessidade de enumerar os itens a serem devolvidos, mas apenas um enunciado único obrigando a devolução de todo e qualquer objeto perdido.

Nos casos em que a identificação do item perdido é impossível, ou quando o dono não se engaja na sua busca, pode-se depreender que o dono perdeu a esperança (*leúsh*) de reavê-lo e, por conseguinte, que desistiu de recuperá-lo. Nestas condições, Rashi considera que o objeto não tem proprietário e, portanto, quem o achar pode permanecer com ele, assumindo sua propriedade.

e estes é obrigado a anunciar. ואלו חייב להכריז.

Estes achados lhe pertencem: מציאותשלו:

se encontrar frutos dispersos, **NA** מצא פירותמפוזרין

NA – Neste caso, o termo fruto significa tanto frutos de uma árvore como sementes (Steinsaltz, Bava Cama 21a, pág. 3).

moedas espalhadas, מעותמפוזרות

pequenos feixes de espigas כריכות

encontradas em domínio público, ברשות הרבים

bolos arredondados de figos secos aglomerados, דבילה ועגולי דבילה

pães feitos por padeiro, NA ככרות של נחתום

NA – Antigamente, os vendedores de peixe uniam vários peixes, passando um cordão de tamanho determinado através de suas brânquias, para facilitar seu trabalho. Como o tamanho destas fieiras de peixes era padronizado, não havia como identificar seu dono no caso de uma perda (Ibid).

fierras de peixes, NA מחרוזות של דגים

NA – Todos os pães feitos por padeiro são uniformes e, portanto, não identificáveis, ao contrário de pães feitos em casa (Schottenstein Edition, Bava Cama, 21a3).

pedaços de carne, וחתיכות של בשר

pacotes de lã oriundos de sua província, NA הלכותין ממדינתן וגיזי צמר

NA – Antes de serem processados e tornarem-se identificáveis por características peculiares a algum tipo de tratamento específico que a lã venha a sofrer (Ibid).

feixes de fibra de linho ואניצי פשתן

e retalhos de lã de cor púrpura – ולשונות של ארגמן

todos estes achados lhe pertencem a quem os encontrar – הרי אלו שלו

estas são as palavras do rabi Meir.

Rabi lehudá diz:

Tudo que tiver em si algo de peculiar,

aquele que o encontrar deve anunciá-lo.

Como assim?

Se alguém encontrar um bolo redondo

de figos secos aglomerados com um fragmento de porcelana no seu interior,

ou um pão contendo moedas no seu interior.

Rabi Shimon, filho de Elazar, diz:

no caso de todos os recipientes

"anporia" novo, nunca antes usado e, portanto, conhecido pelo seu dono,

não há obrigação de ser anunciado.

A Guemará do Talmud Babilônico

Após a compilação da Mishná pelo rabino Judá Ha-Nassi, inicia-se uma nova era na qual os Amoraítas (do verbo “amar” que significa falar, interpretar) se dedicaram à interpretação do material contido nesta obra. Neste período de transição entre os Tanaítas e Amoraítas, foi compilado também parte do vasto material de cunho legal não escolhido pelo rabino Judá Ha-Nassi para ser incluído na Mishná. Os rabinos Hiya e Oshaia, discípulos do rabino Judá Ha-Nassi, criaram a Tossefta (adição), que contém várias passagens da tradição oral ausentes da Mishná. Além desta obra, os livros que compõem o Midrash Halachá, antes mencionados, foram também escritos nesta época. Todas as leis isoladas e as compilações de material legal de origem tanaítica não incluídas na Mishná são coletivamente denominadas Beraitot (ensinamentos de fora).

Do século II ao V da era comum, o papel preponderante dos sábios era a interpretação da Mishná. Curiosamente, ao contrário do que se observou durante o período dos Tanaítas, o principal centro de erudição passou a se situar na Babilônia devido ao enfraquecimento

político da Palestina, que ocorreu após a morte do rabino Judá Ha-Nassi.

Nas cidades babilônicas de Sura, Nehardea e Pumbedita estabeleceram-se então importantes academias de estudo. Por não terem sido ordenados oficialmente na Palestina, seus sábios recebiam o título de *Rav*, e não de *Rabi*. Desta época, estão registrados no Talmud os inúmeros debates entre os sábios de cada geração dos Amoraítas babilônicos. Destes debates emerge uma nova metodologia de estudo da Mishná, através da introdução de material de fontes diferentes, não incluído originalmente na Mishná em discussão. Através de uma análise mais profunda do texto da Mishná, procura-se confrontar e conciliar todas estas fontes entre si, enfocando-o sob vários e novos ângulos de interpretação. A partir destes debates, portanto, abria-se o caminho para uma nova forma de erudição, não mais voltada ao conteúdo textual de uma Mishná escrita e definitiva. Agora, esta obra compilada pelos Tanaítas passa a ser um ponto de partida para discussão, análise e pesquisa. Esta nova situação, privilegiando o debate ao invés da mera repetição do material já existente na Mishná, permitiu também a introdução de novas metodologias de interpretação e derivação de leis, a partir do material legal existente na Mishná e em outras fontes correlatas.

Na sexta geração dos Amoraítas babilônicos, Rav Ashi iniciou a organização e compilação do material legal (Halachá) resultante destes debates, bem como do histórico (Agadá), que passaram a constituir a Guemará do Talmud Babilônico. Este trabalho gigantesco prosseguiu com seu sucessor, Ravina, e pelos Savoraítas

(expositores) que nos dois séculos seguintes deram à obra um caráter definitivo. Entretanto, ao contrário da Mishná, cuja finalização se deve ao rabino Judá Ha-Nassi, nenhum erudito foi dado como o redator final da Guemará. Portanto, diz-se que o “Talmud nunca foi concluído”, implicando que nunca, nas gerações subsequentes, o estudo do Talmud deixou de se desenvolver.

Desta forma, munidos de uma potente metodologia para estudo, análise e derivação de leis, o povo judeu herdou dos Amoraítas o Talmud - um instrumento dinâmico e responsável ao longo do tempo pela sua capacidade de adaptação e sobrevivência no inóspito ambiente da diáspora.

* * *

O trecho da Guemará, que será agora estudado, concentra-se na elucidação da natureza dos frutos dispersos, o primeiro tipo de objeto perdido que a Mishná elenca como pertencente a quem o encontrar. Notaremos que se discutirá inicialmente o que a Mishná quer dizer por frutos dispersos e, em seguida, será aberto um debate com a formulação de quatro perguntas pelo rabi Yirmia acerca da proposição do rabi Yits’chac.

O método dialético de proposição de perguntas, com o intuito de aclarar melhor as implicações de um dado problema, é característico do rabi Yirmia (Steinsaltz). Quando se analisa o teor das quatro perguntas abaixo formuladas pelo rabi Yirmia, nota-se que todas se

concentram na importância relativa do esforço para coletar um produto disperso e o seu valor intrínseco. Desta maneira, uma pessoa poderá voltar ou não para coletar um produto disperso durante a colheita, de acordo com o seu valor e o esforço necessário para recuperá-lo.

Uma das interpretações para explicar a presença destas quatro questões aparentemente redundantes é que elas foram propostas pelo rabi Yirmia em quatro academias diferentes mas, quando da edição da Guemará por rav Ashi, foram por ele transcritas em conjunto nesta seção do Talmud.

גמרא GUEMARÁ: A Guemará passa agora a analisar o primeiro caso da Mishná. A Mishná diz:

פירות מפוזרין מצא **Se encontrar frutos dispersos, a Mishná diz** que ele pode ficar com eles. A Guemará pergunta:

וכמה? Quanto? ou seja, a partir de que quantidade de produtos espalhados e sobre qual dimensão de área é que se pode considerá-los “espalhados”?

אמר רבי יצחק A Guemará responde: Rabi Yits’chac diz:

קב בארבע אמות. um Cav de produtos espalhados sobre uma área de quatro Amot por quatro Amot. Ou seja, sobre uma superfície de quatro Amot quadradas, o produto é considerado espalhado. Portanto, uma quantidade maior de produto espalhado sobre esta superfície, deve ser anunciada.

A Guemará agora questiona a assertiva do rabi Yits’chac:

היכי דמי? **Em que circunstâncias** esta assertiva do rabi Yits'chac é verdadeira?

אי דרך נפילה **Se o produto está** espalhado de maneira a indicar que ele assim se encontra **por ter caído** do seu dono de um modo não intencional,

אפילו טובא נמי. **então mesmo mais** do que um Cav de produto disperso sobre quatro Amot quadradas deverá também pertencer a quem vier a encontrá-lo! Como o produto não tem nenhuma marca identificatória, quem o perdeu certamente perderá a esperança de recuperá-lo (leúsh) e, portanto, se desesperará por sua perda. Portanto, quem encontrar este produto, poderá ficar com ele.

ואי דרך הינוח **E se o produto encontrado está de forma** a que se presuma que foi colocado lá de forma **intencional**,

אפילו בציר מהכי נמי לא. **então, mesmo uma quantidade menor** do que um Cav do produto disperso sobre quatro Amot quadradas **não** deverá pertencer a quem o encontrar porque, provavelmente, o dono pretende voltar para recuperá-lo.

Em que situação a premissa do rabi Yits'chac - um Cav sobre quatro Amot - é válida?

A Guemará responde:

אמר רב עוקבא בר חמא: **O rav Ucva bar Chama diz explicando** a regra proposta por rabi Yits'chac:

במכנשתא דבי דרי עסקינן. **Nesta Mishná estamos tratando não** do grão que foi perdido, mas sim **do produto** que foi abandonado

por ocasião da sua colheita no solo de seu cultivo. Isto é, aquilo que resta do produto no solo após o dono ter terminado a colheita. **NA**

NA – Isto se refere, neste contexto, provavelmente a um campo de colheita compartilhado por várias pessoas, e não a uma propriedade particular (Steinsaltz, B. Cama, 21a, pág. 5).

קב בארבע אמות **Um Cav** de sementes de cereal disperso sobre uma área de **quatro Amot** quadradas,

דנפיש טרחייהו **onde o esforço** necessário para coletá-las é **grande**,

לא טרח איניש **a pessoa não se esforça**

ולא הדר אתי ושקיל להו **e não retorna para coletá-las as** sementes remanescentes,

אפקורי מפקר להו. **mas sim renuncia à sua posse sobre elas.**

בציר מהכי **Entretanto, se um Cav** de sementes de cereal estiver disperso em uma área **menor do que esta de quatro Amot**,

טרח והדר אתי ושקיל לאו **a pessoa se esforçará e retornará para coletá-las**

ולא מפקר להו. **e não renunciará à sua posse sobre elas.**

A Guemará traz agora quatro perguntas formuladas pelo rabi Yirmia em relação à aplicação da assertiva do rabi Yits'chac (um Cav de produto disperso sobre uma superfície de quatro Amot quadradas) para outras situações:

Rabi Yirmia pergunta: בעי רבי ירמיה:

Se alguém encontrar meio Cav de produto disperso sobre uma área do campo de cultivo de duas Amot quadradas, qual é a lei?

A Guemará explica a pergunta:

Qual é a principal razão de um Cav de sementes de cereal dispersas sobre uma superfície de quatro Amot quadradas pertencer a quem as encontrar?

Será porque o esforço necessário para coletá-las é tão grande a ponto de seu dono original as abandonar?

Se assim for, então no caso de meio Cav de produto disperso sobre uma superfície de duas Amot quadradas,

como o esforço para coletá-lo não é assim tão grande,

o seu dono original não renunciará à sua posse sobre ele o meio Cav de produto.

Ou talvez a principal razão para uma pessoa abandonar um Cav de sementes de cereal disperso sobre quatro Amot quadradas se deva ao fato de que ele não seja suficientemente importante para que ele - o dono - faça o esforço de voltar para apanhá-lo e, portanto, no caso de meio Cav de sementes de cereal disperso sobre duas Amot quadradas,

כיוון דלא חשיבי **como ele não é suficientemente importante,**
o seu dono **renunciará à sua posse sobre ele.**

A segunda pergunta do rabi Yirmia:

Aquele que encontrar dois Cavs
dispersos sobre uma superfície de oito Amot por quatro Amot, qual
é a lei?

A Guemará explica a questão:

Qual é a principal razão de uma
pessoa abandonar um Cav de sementes de trigo dispersas sobre
quatro Amot quadradas?

Por que o esforço necessário para coletá-lo
é tão grande? Se for assim, então

maior ainda será o motivo para
abandonar o produto no caso de dois Cavs de sementes de trigo
dispersas sobre uma superfície de oito Amot por quatro,

pois o esforço necessário para coletá-
los é ainda maior,

e o seu dono certamente renunciará à sua posse sobre
eles a despeito do maior retorno financeiro possível com a sua
colheita.

Ou talvez a principal razão pela qual alguém abandona
um Cav de produto disperso sobre uma superfície de quatro Amot

quadradas seja

משום דלא חשיבי **porque** esta quantidade de sementes **não é** suficientemente **importante** para que ele faça o esforço necessário para voltar e coletá-la.

וקביים בשמונה אמות **E no caso de dois Cavs de produto** disperso **sobre oito Amot** por quatro,

כיון דחשיבי **como ele** os dois Cavs de produto **é importante em** valor para o seu dono,

לא מפקר להו. **o seu dono não renunciará à sua posse sobre ele.**

A terceira pergunta do rabi Yirmia:

קב שומשמין בארבע אמות **No caso de alguém que encontra um** Cav de sementes de gergelim dispersas **sobre uma superfície de** quatro Amot **quadradas, NA**

NA – Sementes de gergelim são sementes muito pequenas e valiosas. Portanto, estas sementes são um exemplo de um produto cuja coleta é trabalhosa (pelo pequeno tamanho das sementes), porém compensada por um maior valor que justifica o esforço envolvido para coletá-las (Steinsaltz, Bava Cama, 21a, pág. 6).

מהו **qual é a lei?** Devemos presumir que o dono do Cav de sementes de gergelim voltará para coletá-lo ou o abandonará? A Guemará explica:

קב בארבע אמות טעמא מאי **Qual é a principal razão de uma** pessoa abandonar **um Cav** de sementes de trigo dispersas **sobre uma superfície de quatro Amot quadradas?**

חשיבי **Porque** o Cav de sementes de trigo **não é** suficientemente **valioso** para justificar a volta do seu dono para coletá-lo;

ושומשמין כיון דחשיבי **Portanto**, no caso das **sementes de gergelim**, como **são mais valiosas** que as sementes de trigo, o seu dono **não renunciará** à sua posse **sobre elas** as sementes de gergelim.

או דלמא **Ou talvez** a principal razão para abandonar um Cav de grãos de trigo dispersos sobre quatro Amot quadradas

משום דנפיש טרחייהו **seja porque o esforço necessário** para coletá-lo **seja muito grande**.

וכל שכן שומשמין. **Se assim for**, isto se aplica **mais ainda às sementes de gergelim**, que por serem menores em tamanho que as de trigo,

כיון דנפיש טרחייהו טפי **exigem um esforço ainda maior** para coletá-las

מפקר להו. **e portanto**, o seu dono **renunciará** certamente à sua posse **sobre elas**.

A quarta pergunta do rabi Yirmia:

קב תמרי בארבע אמות **No caso de alguém que encontra um Cav de tâmaras dispersas sobre uma superfície de quatro Amot quadradas**

קב רמוני בארבע אמותמהו **ou um Cav de romãs dispersas sobre uma superfície de quatro Amot quadradas, qual é a lei?** Deve-se presumir que o seu dono voltará para coletá-las - as tâmaras e as romãs - ou ele as abandonará? A Guemará explica:

קב בארבע אמותטעמא מאי **Qual é a principal razão de uma pessoa abandonar um Cav de grãos de trigo dispersos sobre uma superfície de quatro Amot quadradas?**

משום דלא חשיבי **Por não ser suficientemente valioso** para que seu dono volte para coletá-lo;

קב תמרי בארבע אמות **Se assim for, então também o será no caso de um Cav de tâmaras dispersas sobre uma superfície de quatro Amot quadradas**

קב רמוני בארבע אמותנמי **ou um Cav de romãs dispersas sobre uma superfície de quatro Amot quadradas,**

כיון דלא חשיבי **porque em ambas as situações o produto disperso não é suficientemente valioso** para justificar que se volte para coletá-lo,

מפקר להו. **e o seu dono, então, renunciará à sua posse sobre ele o Cav de tâmaras ou romãs.**

או דלמא **Ou talvez a principal razão pela qual alguém abandone um Cav de grãos de trigo disperso sobre uma superfície de quatro Amot quadradas seja**

משום דנפישא טרחיהו **porque o esforço necessário para coletá-lo é grande.**

Entretanto, no caso de um Cav de tãmaras dispersas sobre uma superfície de quatro Amot quadradas וקב תמרי בארבע אמות

ou um Cav de romãs dispersas sobre uma superfície de quatro Amot quadradas, וקב רמוני בארבע אמות

como o esforço necessário para coletar as tãmaras e as romãs não é tão grande pelo fato de o tamanho destas frutas ser maior do que o dos grãos de trigo, כיון דלא נפיש טרחייהו

o seu dono não renunciará à sua posse sobre elas as tãmaras e romãs. לא מפקר להו.

Qual é a lei no caso das quatro perguntas acima expostas? מאי

A Guemará conclui:

Que fiquem pendentes ou seja, estas perguntas תיקו. permanecem sem resposta. NA

NA – Em determinadas situações, nas quais não há fontes que possam solucionar uma questão, ou seja apresentada uma prova lógica que permita resolver um dilema, a questão fica sem uma resposta conclusiva. Nestes casos, se o problema em pauta tem relação com alguma proibição da Torá, opta-se pela alternativa que permita a mais estrita observância desta proibição. Se, pelo contrário, a questão não resolvida for abordada por alguma lei de origem rabínica, escolhe-se a alternativa mais branda (Steinsaltz, Bava Cama, 21a, pág. 7).

Medidas do Talmud

Baseado nos ensinamentos do rabino Moshe Feinstein זי"ל

פרסה	מיל	אמה	זרת	תפח	אצבא
Parsá	Mil	Ama	Zéret	Têfach	Etsba
4320 m	1.080 m	54 cm	27 cm	9 cm	2,25 cm

Medidas de cereais

Os equivalentes aproximados aqui descritos são baseados no que foi determinado pelo rabino Nae זי"ל

כור	לתך	סאה	קב	רבע
Cor	Letech	Seá	Cav	Rova
246,2 L	123,1 L	8,2 L	1,4 L	0,3 L

O comentário de Rashi

O rabino Salomão ben Isaac, conhecido como Rashi, foi um dos maiores mestres judeus de todos os tempos. Sua fama se deve a dois trabalhos monumentais: seus comentários sobre a Bíblia e sobre o Talmud. O nome Rashi é composto de três letras hebraicas: resh (ר), shin (ש) e iud (י), que são a abreviação de rabino Shelomo (filho de) Isaac. Acredita-se que Rashi nasceu na cidade de Troyes, em 1040, vindo a falecer em 13 de julho de 1105. Troyes, situada no norte da França, quase na fronteira com a Alemanha, era nesta época um importante centro comercial. Rashi teve três filhas que se casaram, por sua vez, com três de seus discípulos, e alguns de seus netos, como por exemplo o Rashbam e o Rabênu Tam, tornaram-se também eminentes eruditos.

Rashi iniciou seus estudos em Worms sob a orientação do rabino Isaac Halevi e, posteriormente, com o rabino Jacob ben Iacar, na cidade de Mainz, principal centro de estudo talmúdico da época. O rabino Jacob ben Iacar, por sua vez, foi discípulo do grande rabino Guershom. Acredita-se que, após completar sua educação em Mainz, Rashi ainda peregrinou por vários centros de estudo talmúdico para,

finalmente, reestabelecer-se em Troyes, onde criou sua própria academia. Os últimos anos de Rashi foram atormentados pelas perseguições contra os judeus da França, as quais marcaram a primeira Cruzada, organizada em 1095.

A característica mais marcante de seu comentário bíblico é a explicação do texto no seu sentido literal, enriquecida com a citação de diversas fontes de origem rabínica. Tal conjunto permite ao estudante vislumbrar também para além do plano literal mais restrito do texto e partir para a exploração de suas dimensões religiosas e éticas. Apesar de sua imensa riqueza de conteúdo, seus comentários foram escritos em hebraico claro e conciso.

Seu comentário sobre o Talmud teve um papel fundamental ao longo das gerações posteriores, por facilitar sobremaneira seu estudo, tornando-o acessível para muitos alunos que, sem ele, teriam muita dificuldade com a interpretação literal do texto talmúdico que, além de ser de difícil compreensão, versa sobre um conteúdo vasto e complexo. As principais dificuldades encontradas no estudo do Talmud devem-se ao fato do texto da Guemará ser, como vimos, escrito em aramaico; nele não há pontuação e ocorrem frequentes quebras na linha de argumentação do texto pela introdução de partes não diretamente relacionadas à discussão principal em pauta. Além destas dificuldades, existem ainda dúvidas quanto ao texto em si. Ao contrário da Torá, erros de copistas foram se acumulando ao longo das gerações. O rabino Guershom de Mainz, em sua academia, na qual Rashi estudou, produziu uma cópia do Talmud corrigida e aceita como definitiva, à qual Rashi teve acesso. Desta maneira, Rashi

muitas vezes aclara o sentido de uma frase ao trazer em seu comentário uma outra maneira pela qual aquele trecho teria sido escrito, entretanto, sem modificar jamais o próprio texto do Talmud. “Rashi se lança então no esclarecimento do texto, identificando as perguntas e assertivas, explicando palavras e frases, dando sentido a um argumento ou a um ponto em discussão.” (Chaim Pearl)

Rashi comentou a maior parte dos tratados do Talmud, exceto aqueles que não têm Guemará. Os tratados de Bava Batra e Macot também não foram completamente comentados por Rashi. Há também dúvidas em alguns tratados se houve ou não a contribuição de outros comentaristas no comentário de Rashi.

A influência dos comentários de Rashi para o estudo da Bíblia e do Talmud é tamanha que quase todas as edições destas obras os apresentam lado a lado com o texto original, mesmo já passados 900 anos de sua morte, o que tem facilitado aos estudiosos o entendimento destes textos sagrados de uma maneira atemporal.

Os trabalhos de Rashi sobre o Talmud continuaram através de um grupo de eruditos denominados Tossafistas (“suplementadores”), muitos dos quais netos ou bisnetos de Rashi, como o rabino Jacob ben Meir (Rabênu Tam) e o rabino Shemuel ben Meir (Rashbam).

Os comentários de Rashi e dos Tossafistas foram impressos nas edições clássicas do Talmud e da Torá com uma tipologia especial. Apesar de originalmente não terem sido escritos por seus autores com estas letras, o intuito foi diferenciá-los do texto principal nestas edições. A tipologia na qual estes comentários se encontram

impressos, conhecida como Tipologia de Rashi (Ketav Rashi), corresponde à escrita de mão dos judeus sefaraditas, que foram os primeiros a editar e imprimir textos em hebraico. As principais dificuldades com esta caligrafia se referem às letras װ, ץ, ך e ם.

A tipologia de Rashi													
א	ב	ג	ד	ה	ו	ז	ח	ט	י	כ	ל	מ	נ
ס	ע	פ	צ	ק	ר	ש	ת	א	ב	ג	ד	ה	ו
ז	ח	ט	י	כ	ל	מ	נ	ס	ע	פ	צ	ק	ר
ש	ת	א	ב	ג	ד	ה	ו	ז	ח	ט	י	כ	ל

Um exemplo do comentário de Rashi

Vimos nas passagens anteriores que o direito de posse de alguém que encontra um objeto perdido dependerá de que o seu dono original tenha ou não perdido a esperança de recuperá-lo. Em situações onde o dono original não perdeu a esperança de reencontrá-lo e, portanto, não se desesperou pela perda do objeto, aquele que o encontrar deverá anunciá-lo e devolvê-lo para o seu dono original. O desespero pela perda do objeto (uma condição legal denominada *leúsh*), advindo da perda da esperança do dono original em recuperá-lo, exime aquele que o encontrar da obrigação de anunciá-lo e devolvê-lo. Portanto, nestas condições seria permitido àquele que encontrar o objeto perdido ficar com ele.

A Guemará, a seguir, considera qual seria a lei no caso de se encontrar um objeto perdido em tais condições que o seu dono original perdesse completamente a esperança de recuperá-lo. A discussão que se segue concentra-se, entretanto, na situação na qual

este objeto é encontrado por alguém antes que seu dono original se aperceba de sua perda e, portanto, antes também dele se desesperar por ela. Introduce-se assim a importante questão da aplicação retroativa (ברירה) de conceitos legais (haláchicos).

Neste trecho da Guemará discute-se a perda de um objeto em condições nas quais certamente não haveria como recuperá-lo, ou seja, se o dono original do objeto soubesse de sua perda nestas condições, certamente ele perderia a esperança de sua recuperação e se desesperaria (*leúsh*), dando-o por perdido. Ocorre, entretanto, que o objeto é encontrado por outro indivíduo antes mesmo que o dono original tenha consciência de sua perda nestas circunstâncias de impossível recuperação. O rabino Abaiê argumentará que, nestas condições, o objeto perdido deve ser devolvido ao dono original porque aquele que o encontrou o fez durante uma fase na qual a posse do objeto era-lhe proibida, por ainda não haver ocorrido o fator desespero (*leúsh*) por parte do dono original (pois este não estava ciente naquele momento de sua perda). Já o rabino Rava opinará que o objeto pode, sim, passar à posse de quem o encontrar, embora o dono original nunca se aperceba da perda, pois Rava acredita na validade de um *leúsh* antecipado (retroativo).

Foi dito: איתמר:

abandono sem o conhecimento do dono. Ou seja: qual a situação de uma pessoa que perde um objeto e também qualquer esperança de recuperá-lo, mas que não entrou em desespero (“*leúsh*”) porque ainda não está ciente da perda? Esta situação é alvo da seguinte disputa:

לֹא הוּא יָאוּשׁ **Abaiê diz: não se considera o objeto abandonado.** Ou seja, como o dono ainda não se desesperou por sua perda, não se considera como existindo “leúsh” retroativo por parte de seu dono. Portanto, nesta situação, quem encontrar o objeto, não poderá ficar com ele, segundo o rabino Abaiê.**NA**

NA – São comuns no Talmud debates entre os rabinos Abaiê e Rava. À exceção de algumas situações específicas, enumeradas através de um famoso método mnemônico (יע"ל קג"מ), a razão estará sempre com o rabino Rava.

וְרַבָּא אָמַר: הוּא יָאוּשׁ. **Entretanto, Rava diz: considera-se abandonado.** Apesar de o dono ainda não estar ciente da perda, assume-se como se ele já tivesse perdido a esperança de recuperá-lo e, portanto, quem achar o objeto poderá ficar com ele, segundo a opinião do rabino Rava.**NA**

NA – São comuns no Talmud debates entre os rabinos Abaiê e Rava. À exceção de algumas situações específicas, enumeradas através de um famoso método mnemônico (), a razão estará sempre com o rabino Rava.

A Guemará explicará agora a área específica de conflito entre Abaiê e Rava. A Guemará inicia por abordar um caso em que ambos os rabinos concordam que a perda de um objeto sem prévio conhecimento do seu dono não configura uma situação onde exista perda da esperança de recuperação e, portanto, desespero (“leúsh”) por parte do dono, para permitir a posse do objeto por quem venha a encontrá-lo.

בְּדִבְרֵי שֵׁשׁ בּוֹ סִימָן **No caso de um objeto com um sinal peculiar,**

כּוֹלֵי עֲלָמָא לֹא פְּלִיגִי **não há controvérsia pois todos concordam,** inclusive Rava, que, a não ser que o seu dono explicita-mente

desista de recuperar o objeto perdido, **NA**

NA - Uma das maneiras pela qual a Guemará pode iniciar um debate é por delimitar a área de controvérsia, explicitando primeiramente os pontos em que ambos os debatedores concordam (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, 21b, pág. 8).

que não se considera abandono. דלא הוי יאוש.

E embora mais tarde, depois de o objeto ter sido encontrado, escutemos וואָ ער גב דשמעיניה

que finalmente seu dono tenha notado a sua perda e tenha se desesperado por ter perdido a esperança de recuperá-lo, לסוף דמיאש

que houve abandono, לא הוי יאוש **não se considera**

porque quando o objeto caiu nas mãos de quem o encontrou, לידיה דכי אתא

o objeto estava em um estado de proibição para que, quem o encontrasse, pudesse possuí-lo באיסורא הוא

quando veio à sua mão. de quem o encontrou. לידיה דאתא

Pois Quando o dono ficou ciente de que o objeto caiu dele e se perdeu, דלכי ידע דנפל מיניה

ele, o dono, ainda não se desesperaria pela perda, nesta situação, לא מיאש

porque ele diz para si mesmo: מימר אמר:

סימנא איתלי בגויה "Eu tenho um sinal peculiar nele pelo qual posso identificar o objeto perdido;

יהבנא סימנא eu vou fornecer a evidência da presença do sinal peculiar e identificatório

ושקילנא ליה. e pegá-lo de volta." de quem o encontrou.

Portanto, mesmo que mais tarde o dono perca a esperança de recuperá-lo, quem encontrar o objeto não poderá de qualquer maneira ficar com ele. A Guemará agora vai descrever um caso em que ambos - Abaiê e Rava - concordam que o objeto perdido pertencerá a quem o encontrou embora o seu dono original não tenha, de fato, perdido ainda a esperança de recuperá-lo e, portanto, se desesperado por sua perda.

בזוטו של ים Se o objeto for levado pelas ondas do mar NA

NA - De acordo com Rashi, pela maré.

ובשלוליתו של נהר ou pela enchente de um rio e, mais tarde, levado à margem do mar, ou do rio, e lá for encontrado,

גב דאיתביה סימן mesmo se o objeto tiver um sinal peculiar e identificatório,

רחמנא שרייה Deus, o Misericordioso, permitiu a quem encontrar o objeto, ficar com ele,

כדבעינן למימר לקמן. como tencionamos explicar abaixo.

Portanto, mesmo Abaiê concorda que, quem encontrar um objeto nestas condições, poderá ficar com ele.

* * *

O comentário de Rashi sobre o início desta porção da Guemará nos dá uma idéia de seu estilo. Abaixo vemos um trecho escrito na tipologia denominada "de Rashi" e depois em outra mais comum, para facilitar a leitura dos que não estão acostumados com este tipo de letras.

O comentário de Rashi inicia-se sempre frisando, em negrito, as palavras iniciais da frase do Talmud que vai ser comentada por ele. Na página seguinte, segue-se uma explicação sucinta deste comentário característico do estilo de Rashi:

יאוש דלא מדעת **Abandono sem o conhecimento** do dono –

יאוש דבר שסתמו **Geralmente haverá leúsh quando**

לכשידע שנפל ממנו **ele souber que o objeto caiu dele** do dono

וכשמצאו עדיין **e quando no momento em que a pessoa achou o objeto perdido,**

לא ידעו הבעלים שנפל מהן. **ainda o seu dono original não sabia que o objeto caiu dele.**

לא הוי יאוש **Não se considera o objeto abandonado –**

לקמיה מפרש פלוגתייהו. **Mais tarde será explicada a divergência.**

Vai desistir eventualmente – דמיאש לבסוף

depois que ele o encontrar. לאחר שמצאו זה.

O “leúsh” se manifesta em geral וכללא דיאוש כגון

dizendo-se: Ah que pena! ווי ליה

em relação à perda de uma bolsa de dinheiro, לחסרון כיס

demonstrando o dono naquele momento que já tinha se desesperado pela perda da bolsa. דגלי דעתיה שנואש מהן.

Estava em um estado de proibição quando veio à sua mão – באיסורא אתא לידיה

quer dizer que ele (o dono) usualmente não se deses peraria por conta da perda dele (do objeto). דדבר שאינו עשוי להתיאש הוא.

Pelas ondas do mar – זוטו של ים

loais na praia aonde o mar מקומות בשפתהים שדרך

vai e volta zona da maré por הים לחזור לאחוריו

10 Parsás ou 15 Parsás עשר פרסאותאו חמשה עשר פרסאות
vide quadro de medidas na pág. 28

duas vezes por dia פעמיים ביום

והולך. e arrasta tudo que se encontrar
nesta área, levando embora.

גודל "Zutu" זוטו לשון גודל, ou

"Siroá", em grego, ושירוע בלשון יווני

como os anciãos escreveram
para o rei Talmai:

"Ao grande, ao grande". ואל אצילי ואל זאטוטי

(Tratado Meguilá 9a) (מגילה ט א).

– Ou pela enchente de um rio ושלוּליתו של נהר

quando ele o rio transborda
para fora de seus limites ויוצא חוץ לגדותיו

e traz consigo, imerso, o que
encontrar. ושולל שלל ושוטף הנמצא.

– Deus, o Misericordioso permitiu רחמנא שרייה

embora o objeto tenha caído nas mãos
de quem o encontrou ובאפילו באתלד המוצא

antes que o dono tenha se desesperado por sua
perda. לפני יאוש.

Tossafót

As Tossafót (ou “os Tosfót”) são uma coletânea de interpretações e explicações da Guemará escritas por um grupo de cerca de 150 sábios, os Tossafistas. Também conhecidos como “Baalê Ha-Tossafót”(mestres das Tossafót, “adições”), estes eruditos viveram principalmente na França e na Alemanha durante os séculos XII a XIV. Este período da história judaica é conhecido como período dos Rishonim (“os Primeiros”). Os Rishonim sucederam aos Gueonim (“Sábios”) que viveram na Babilônia. O período dos Rishonim estende-se até o término da composição do famoso e elaborado código de leis, o “Shulchan Aruch”, escrito pelo rabino Iossef Caro (1488-1575), no século XVI, em Israel.

O material que constitui as Tossafót não foi escrito e editado originalmente de maneira organizada. A maior parte destes comentários são oriundos de anotações, muitas vezes registradas nas margens do texto de suas próprias Guemarót (plural de Guemará) pelos discípulos destes sábios durante suas aulas. Tais anotações foram então organizadas e editadas por eruditos de gerações posteriores e incorporadas às atuais edições do Talmud,

ocupando as margens externas das folhas da Guemará (lado esquerdo das páginas esquerdas - עמוד א' - e lado direito das páginas direitas - עמוד ב'), espelhados nos comentários de Rashi.

O nome Tossafót (“adições”, “adendos”) deve-se, provavelmente, ao fato de que estes sábios consideravam suas contribuições ao estudo da Guemará como mera e humilde complementação ao monumental comentário de Rashi. Abordando pontos não comentados por Rashi, ou mesmo, algumas vezes, discordando deste, os Tossafistas criaram um conjunto de comentários independentes dos de Rashi. (Haim Perlmutter)

Além dos comentários dos Tossafistas impressos nas margens externas das edições atuais do Talmud, existem outras coleções de comentários também denominadas Tossafót Ieshanim, Tossafót Rash Mishants e Tossafót Chachmê Anglia.

Apesar de Tossafót ser uma palavra no plural, utiliza-se este termo tanto para indicar a totalidade dos comentários dos Tossafistas como uma pequena porção individual deste grande conjunto.

Os objetivos dos comentários dos Tossafistas são:

a “conciliar contradições do texto da Guemará, resolvendo-as de forma que o Talmud se constitua em um trabalho perfeito para ser usado como base da lei judaica” (Perlmutter);

b escolha do texto mais correto da Guemará entre as versões manuscritas disponíveis à época;

c decidir, no contexto de uma discussão legal (haláchica), qual o ponto de vista preponderante e que deve, portanto, ser seguido. Tais decisões haláchicas interessavam aos Tossafistas, especialmente quando relativas a assuntos de interesse prático para os judeus daquela época;

d identificar os Tanaítas e Amoraítas aos quais determinadas passagens da Guemará se referem, nos casos em que sua identificação não era clara. A identificação da autoria de determinadas opiniões podia facilitar o esclarecimento de dúvidas ou contradições encontradas no texto;

e racionalização da ordem dos tratados e capítulos do Talmud pela busca de conexões entre tratados e capítulos justapostos;

f resolver alguns problemas de lógica relacionados à leitura do texto da Guemará e de outros comentários do Talmud, como os de Rashi;

g preencher lacunas nos comentários de Rashi em passagens da Guemará não comentadas por ele, ou traduzindo palavras do texto talmúdico de difícil compreensão e que Rashi não verteu para o hebraico.

Um exemplo do comentário do Talmud dos Tossafistas (Tossafót) sobre a seguinte passagem da Guemará:

Após listar os argumentos com que Abaiê e Rava concordam, a Guemará expõe um caso do qual eles discordam:

פליגי **Onde discordam** תכי

בו סימן. **é em relação a um objeto sem nenhum sinal peculiar e identificatório**, que foi encontrado antes de seu dono perceber sua perda.

Abaiê diz: אביי אמר:

não é um caso em que há desespero pela sua perda (“leúsh”) e, portanto, de abandono

porque o dono não sabe que o objeto perdido caiu dele. E como ele não sabe que o perdeu, ele não poderá perder a esperança de recuperá-lo e, conseqüentemente, desesperar-se por sua perda, para configurar o abandono do objeto.

Rava diz: רבא אמר:

É um caso de abandono תהוי יאוש

porque, quando o dono perceber que o objeto caiu dele,

ele perderá a esperança de recuperá-lo. מיאש.

Ele dirá para si mesmo: מימר אמר:

“Eu não tenho nenhum sinal peculiar e identi-ficatório para identificá-lo”. סימנא ליתלי בגויה

Considera-se neste caso, portanto, como se ele o dono tivesse perdido a esperança de recuperá-lo e, portanto, מהשתא הוא דמיאש

já tenha se desesperado no momento da perda.

(סימן: פמג ש ממקגט י ככסע ז) (A Guemará apresenta um **acróstico mnemônico para a longa lista de provas que serão citadas na disputa entre os rabinos Abaiê e Rava.**)**NA**

NA– Acróstico mnemônico é um método para se memorizar a sequência de provas que serão apresentadas na Guemará. Estes acrósticos, encontrados comumente no Talmud, visam facilitar a memorização de leis (Halachót) ou problemas apresentados em uma determinada passagem do texto talmúdico. Consistem usualmente de uma sequência de palavras conectadas entre si na forma de uma idéia facilmente memorizável ou, como neste caso, de um conjunto de letras que geralmente são as iniciais dos itens a serem lembrados (Steinsaltz, Bava Metsia 21b, pág. 9).

A Guemará tenta provar a opinião de Rava:

שמע: Venha e aprenda **NA** uma prova para corroborar a opinião de Rava, de uma Mishná que diz:

NA – “Venha e aprenda” é uma expressão que, usualmente, introduz uma fonte geralmente tanaítica, mas às vezes bíblica ou amoraítica, que será utilizada para corroborar uma opinião, introduzir uma objeção ou resolver um problema (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, 21b, pág. 10).

פירות מפוזרין produto disperso pertence a quem o achou.

הא לא ידע דנפל מיניה. Mas por quê, se o dono **não sabe que o produto caiu dele?** Ou seja, como a Mishná permite a quem encontra um produto disperso assumir a sua posse? Aparentemente, isto vem comprovar a opinião de Rava de que um produto pode passar para a posse de quem venha a encontrá-lo mesmo antes do próprio reconhecimento de sua perda por parte de seu dono original.

A Guemará rejeita esta prova:

Mas o rabino Ucva bar Chama já disse:

Aqui no caso de um produto disperso, trata-se de um produto abandonado durante a limpeza do campo da colheita, NA

NA – De acordo com o comentário de Rashi, o dono estava ciente que deixou para trás, de forma voluntária, uma pequena quantidade de produto disperso depois da colheita, optando por deixá-lo no solo ao invés de voltar para pegá-lo. Portanto, o dono estava ciente da perda do produto deixado no solo no momento em que isto aconteceu, antes mesmo de alguém tê-lo encontrado.

o que representa uma perda da qual seu dono está consciente. Como a Mishná está lidando com o abandono de um produto do qual seu dono está consciente, este argumento não serve para corroborar a opinião de Rava, que aborda o caso de abandono no qual o dono original ainda não está consciente.

A Guemará tenta novamente corroborar a opinião de Rava:

Venha e aprenda uma nova prova em apoio à opinião de Rava, de um segundo caso de outra Mishná, que diz:

moedas dispersas,

estas pertencem a quem as encontrar.

Por que seria assim,

mesmo antes de seu dono perceber que elas, as moedas caíram dele? Aparentemente, esta situação poderia ensejar que quem venha a encontrar moedas poderá ficar

com elas, mesmo antes que seu dono se dê conta de sua perda.
Poderia esta passagem corroborar a opinião de Rava?

A Guemará rejeita esta prova:

התם נמי **Lá** naquela citação da Mishná **também** pode ser entendido

ידדאמר כדרבי יצחק **de acordo com o rabino Yits'chac**, que diz em relação à Beraita citada mais abaixo:

אדם עשוי למשמש בכיסו בכל שעה ושעה. **Uma pessoa tem o hábito de verificar a sua bolsa de dinheiro todo o tempo para estar certa de que seu dinheiro está sempre seguro. NA**

NA – Naquela época, os bolsos não eram costurados nas roupas. As bolsas de dinheiro eram então continuamente carregadas nas mãos de seus donos. Assim, como estas bolsas continham objetos valiosos (moedas, etc) e estavam sempre à mão de seus donos, é de se supor que sua perda seria imediatamente notada por eles, pois estes as controlavam todo o tempo (Steinsaltz). Portanto, quando alguém achasse uma destas bolsas, ou moedas que dela porventura tivessem caído, poderíamos assumir que seus donos já estavam cientes de sua perda e já tenham se desesperado por ela (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, 21b, pág. 10).

הכא נמי **Aqui também,**

אדם עשוי למשמש בכיסו בכל שעה ושעה. **uma pessoa tem o hábito de verificar a sua bolsa de dinheiro todo o tempo.**

Portanto, podemos inferir que o dono estará ciente de uma eventual perda de suas moedas instantaneamente após elas terem caído dele e, assim, já terá perdido a esperança de encontrá-las, desesperando-se (“leúsh”) antes mesmo delas serem encontradas por outra pessoa. Desta maneira, esta situação não pode

exemplificar a condição de perda de um objeto achado por outra pessoa, antes do seu dono original perceber sua perda.

Tossafót

A primeira palavra das Tossafót é escrita em uma letra maior e em negrito. Esta palavra faz parte de um trecho da Guemará que vai ser comentado. Esta citação textual da Guemará, por sua vez, é separada do restante do texto do comentário dos Tossafót por um ponto. Cada citação da Guemará, encontrada no comentário dos Tossafistas (Tossafót), divide-o em unidades, que são também denominadas Tossafót.

Para a devida compreensão do comentário, é importante que, primeiro, se procure no texto da Guemará a citação das Tossafót e compreenda-se exatamente o seu sentido no Talmud, antes de se iniciar o estudo das Tossafót.

Abaixo se encontra o trecho de uma Tossafót referente à passagem acima da Guemará, na tipologia de Rashi e na convencional. Neste comentário dos Tossafót explica-se o porquê da escolha desta Beraita para corroborar a opinião de Rava.

תש המוצא מעותכו, Venha e aprenda: encontrou moedas etc. -

תימה כיון דכבר הקשה ממתני, Uma pergunta: como já se questionou na Mishná

דמעות מפוזרות **sobre moedas dispersas,**

אמאי פריך תו מהך ברייתא **por que perguntar novamente nesta Beraita,**

e ורבי יצחק נמי אמאי לא אמר למלתיה אמתני, **o rabino Yits'chac também não disse suas palavras sobre o próprio texto da Mishná?**

A resposta וי ל דברייתא אלימא ליה לאקשווי דמשמע **consiste que na Beraita de maneira mais evidente é esclarecida esta dificuldade,** a dúvida do porquê se levanta esta pergunta utilizando-se a Beraita, quando se poderia comentar o próprio conteúdo da Mishná

pois, aparentemente, em todos os **casos as moedas devem lhe pertencer a quem as encontrou**

mesmo que elas tenham um sinal **identificatório.**

Daqui se estabeleceria o argumento sobre a מדמוקי טעמא **posse do objeto achado sem o conhecimento do dono original,**

pois como muitas pessoas encontram-se lá שהרבים מצויין שם **no recinto público**

e aparentemente este que ומשמע נמי אע ג דכשזה הגביה **achou as pega as moedas,**

mesmo quando o dono עדיין היה בעל אבידה בביתהמדרש **original das mesmas ainda está na sinagoga um recinto público**

ולא ידע שנפל מיניה. e também não percebeu que as moedas
caíram dele.

A lei oral

Como vimos anteriormente, a Torá é dividida em duas partes: a escrita e a oral. Ambas, segundo nossa tradição, foram-nos legadas por Deus no Sinai por intermédio de Moisés. A lei escrita é composta pelo Pentateuco (os cinco livros de Moisés), e a oral, pelas exposições e interpretações comunicadas a Moisés oralmente no Sinai, como um suplemento à lei escrita.

Portanto, ao conjunto de interpretações e exposições que compõem a lei oral cabe complementar a leitura textual da Torá escrita e, algumas vezes, inclusive, veicular conteúdos que aparentemente contrastam com a lei escrita.

Como exemplo da primeira circunstância, citamos Deuteronômio 12:21, onde se lê:

“Poderás degolar do teu gado e do teu rebanho, que te deu o Eterno, como te ordenei”.

Deste mandamento, no seu sentido literal mais estrito, não podemos derivar todos os detalhes necessários para o abate ritual (Shechitá)

do animal comestível. Tais detalhes nos foram dados, conforme deduzem nossos sábios no Talmud (Chulin 28a), a Moisés diretamente por Deus. Tal dedução deriva do supramencionado versículo que diz: “como te ordenei”.

Para exemplificar uma situação na qual a lei oral aparentemente contrasta com a interpretação textual da Bíblia, citaremos a passagem de Deuteronômio 25:3, onde se lê:

“Quarenta açoites lhes fará dar, não irá além”.

No Talmud (Macot 22a), este número foi reduzido para 39, pois os sábios traduzem, no versículo imediatamente anterior, a palavra número como *limite*. **NA** Interpreta-se assim o número de 40 como “limite de 40 açoites”, ou seja, aplicam-se apenas 39 golpes, e não 40. Este tipo de situação, na qual a tradição oral determina o cumprimento de uma lei cujo conteúdo aparentemente é diferente daquele extraído pelo sentido literal da Torá escrita, demonstra que, sem a tradição oral, não poderíamos cumprir os mandamentos que nos foram ordenados na Torá escrita de maneira adequada.

NA – Deuteronômio 25:2 : “Se o culpado merecer açoites, o juiz o fará deitar e açoitar na sua presença, com o número de açoites segundo a sua culpa”. A palavra hebraica Mispar (número) foi traduzida como Sefar (limite) (Matzliah, “A Lei de Moisés”, pág. 347).

Na tentativa de buscar um suporte textual para estas interpretações, nossos sábios desenvolveram regras de derivação (descritas no próximo capítulo) pelas quais se poderia explicar, de uma maneira mais acessível ao nosso entendimento, como se chegou a estas conclusões através das próprias Escrituras.

Entretanto, é importante entender que, mesmo sem estas regras de derivação, graças ao legado oral transmitido a Moisés no Sinai e, depois, de geração em geração pelos nossos sábios, saberíamos exatamente como cumprir os diversos mandamentos enunciados na Torá escrita. (Chajes)

De fato, não se reconhece o uso destas regras de derivação para originar leis que sejam contrárias às previamente estabelecidas pela nossa tradição. Ainda, segundo o rabino Chajes em sua obra “O Guia do Estudante pelo Talmud”, estas regras de derivação, além de fornecer o suporte textual das Escrituras Sagradas às leis já estabelecidas pela nossa tradição, se prestariam também a evitar o esquecimento destas mesmas leis em uma época anterior à redação da Mishná, quando ainda não era permitido transmiti-las por meio da escrita. Assim, naquela época, memorizando-se maneiras de se deduzir estas leis, a partir das Escrituras, por métodos de derivação específicos, estas leis jamais seriam esquecidas.

Entretanto, mesmo tendo que, às vezes, buscar uma raiz nas Escrituras para justificar estas interpretações que a tradição oral fornece para o texto bíblico, os rabinos reconhecem que a origem desta tradição oral, assim como a das próprias Escrituras Sagradas, é Divina e de igual importância. Este é um dos pressupostos mais básicos da fé judaica, na medida em que legitima a origem de tradições não textuais contidas no Pentateuco que são, porém, de incontestável importância para o cumprimento das leis nele enunciadas.

Voltemos agora à Guemará:

A Guemará tenta novamente apoiar a posição de Rava:

:שמע: **Venha e aprenda** uma nova prova para corroborar a opinião de Rava de um outro caso da Mishná, que diz:

עִיגוּלֵי דְּבִילָה **bolos redondos de figos secos aglomerados**

וּכְכֵרוֹתֶיךָ נַחְתוּם **e pães feitos por padeiro,**

הָרִי אֵלָיו שְׁלוֹ. **estes pertencem a quem os encontrar.**

אִמָּאִי **Por quê,** quem os encontrar poderá ficar com eles,

וְהָאֵלָּא יָדַע דְּנָפַל מִיְּדֵיהֶם **se o dono original ainda não percebeu que eles os bolos de figos e os pães caíram dele?**

Aparentemente, a Mishná permite a quem encontrar bolos de figos e pães ficar com eles, mesmo antes do dono original notar sua perda, o que confirmaria, assim, a opinião de Rava. Mas a Guemará rejeita esta prova também:

לָא נִמְיָא אֶגְבֵּי דִּיקִירֵי **Lá** nesta citação da Mishná **também** podemos dizer que, **como eles** os bolos redondos e os pães feitos por padeiros **são pesados,**

וְהָאֵלָּא מִיָּדַע יָדַע בְּהוּ. **o dono certamente está consciente** de sua perda logo que os bolos de figos e os pães caíram dele, mesmo antes de alguém encontrá-los. Portanto, pode-se presumir que o dono original perdeu a esperança de recuperá-los, antes mesmo que eles tenham sido encontrados por outra pessoa.

:שמע: **Venha e aprenda** uma prova adicional para corroborar a opinião de Rava, de uma outra citação da Mishná:

retalhos de lã cor púrpura, ולשוניות של ארגמן,

estes pertencem a quem os encontrar. הרי אלו שלו.

Por quê, ואמאי

se o dono original ainda não percebeu לא ידע דנפל מיניה? **que eles os retalhos de lã caíram dele?**

Aparentemente, a Mishná permite, a quem os encontrar, ficar com eles mesmo antes do dono original notar sua perda. Mas a Guemará rejeita também esta prova:

Lá nesta citação da Mishná **também** podemos dizer que, התם נמי

como eles os retalhos de lã púrpura são valiosos, o dono constantemente os estará verificando אגב דחשיבי משמושי ממשמש בהו, para saber se não os perdeu,

conforme o rabino Yits'chac וכדרבי יצחק. falou anterior-mente no tocante às moedas. Portanto, podemos presumir que, quando os retalhos forem encontrados, seu dono já terá percebido sua perda e, portanto, perdido qualquer esperança de encontrá-los.

A Guemará cita agora uma Beraita - mencionada anteriormente - para corroborar a opinião de Rava:

:שמע: **Venha e aprenda** uma nova prova para a opinião de Rava, oriunda de uma Beraita, que diz:

Aquele que encontrar moedas המוצא מעות

em sinagogas ou em casas de estudo, בבתי כנסיות ובבתי מדרשות

ou em qualquer lugar público onde normalmente se encontra um grande número de pessoas, ובכל מקום שהרבים מצויין שם

elas serão as moedas dele que as encontrar, הרי אלו שלו

pois o dono se desespera por perder a esperança de recuperá-las as moedas. NA מפני שהבעלים מתיאשין מהן.

NA – Mesmo que a bolsa de moedas tenha um sinal peculiar, a Guemará argumentará adiante que o local público é freqüentado também por pessoas que poderiam não se preocupar em restituir ao dono original a bolsa perdida, devido a não serem escrupulosas no cumprimento das leis referentes à devolução de objetos perdidos (Tossafót 24a, mencionado em Bava Metsia, Schottenstein Edition, pág. 21b3).

Por quê quem as encontrar poderá ficar com elas, se o dono não sabe ainda, necessariamente, que as moedas caíram da bolsa dele? **ואם לא ידע דנפל מיניה** Apparently, esta Beraita faz supor que, quem acha moedas em uma área pública, poderia ficar com elas mesmo se o dono original ainda não percebeu sua perda, exatamente conforme a opinião de Rava. Mas a Guemará rejeita esta prova:

O rabino Yits'chac diz em relação a este caso: אמר רבי יצחק:

a pessoa tem o hábito de verificar a sua bolsa de dinheiro todo o tempo para estar certo de que seu dinheiro está com ele. Portanto, é de se supor que, quando אדם עשוי למשמש בכיסו בכל שעה.

as moedas foram encontradas por alguém, seu dono original já sabia de sua perda e, portanto, já se havia desesperado por ter perdido a esperança de recuperá-las.

Métodos de derivação

O texto bíblico, através de regras específicas e estabelecidas pelos nossos sábios, pode ser interpretado também com o intuito de dele se derivarem leis. Tais métodos permitem abstrair, portanto, do próprio texto da Torá uma série de novos elementos com conteúdo legal. Tal literatura, como vimos anteriormente, constitui o Midrash Halachá.

Rabi Ishmael, um dos Tanaítas que viveu na primeira metade do segundo século da era comum, contemporâneo de rabi Akiva, propôs 13 regras de interpretação do texto bíblico (regras hermenêuticas). Estas regras são recitadas diariamente nas orações da manhã e estão presentes também no livro Sifra, que faz parte do Midrash Halachá. Vamos apresentá-las de forma abreviada, com alguns exemplos para melhor compreensão:

- 1 Cal Vachômer** (קל וחומר): a inferência do menor (קל) para o maior (חומר) em importância, e vice-versa. Se uma restrição é encontrada em uma lei aplicável a uma situação de menor importância, ela o será também a uma situação de maior importância. Da mesma maneira, uma permissão referente a uma eventualidade

de maior importância será aplicável a uma situação de menor importância. Por exemplo: o Shabat é considerado mais importante (חומר) do que um Iom Tov (festividade bíblica, como Pêssach). Se um determinado tipo de trabalho é permitido no Shabat, também o será em um Iom Tov. Por outro lado, se um tipo de trabalho é proibido em um Iom Tov, certamente o será também no Shabat.

2 Guezerá Shavá (גזירה שוה): literalmente, analogia de uma seção (parte) ou de uma lei. Consiste em uma inferência feita através de uma expressão similar usada em duas partes diferentes do texto bíblico. Esta inferência, oriunda da analogia textual entre dois trechos da Escritura, tem duas finalidades: a) explicação (exegese) de um trecho ambíguo de uma lei através do entendimento de um outro trecho semelhante em outra lei, e b) como um argumento para a construção de leis.

Nesta situação, certas limitações impostas por uma lei em um dado trecho das Escrituras poderiam ser aplicadas a outra, encontrada em outro local do texto bíblico.

Como exemplo da aplicação da regra de derivação Guezerá Shavá, citaremos a resolução da dúvida que concerne a: se é permitido o sacrifício pascal quando Pêssach coincide com o Shabat. Nestas circunstâncias, a Guezerá Shavá se apóia sobre a palavra במועדו, “em seu tempo determinado”:

“E falou o Eterno a Moisés no deserto de Sinai, no segundo ano da saída do povo de Israel, da Terra do Egito, no primeiro mês, dizendo: Que celebrem os filhos de Israel a

Páscoa em seu tempo determinado.”

(Números 9:1-2)

*“E falou o Eterno a Moisés, dizendo: Ordena aos filhos de Israel, e dize-lhes: O sangue de Meu sacrifício e as partes queimadas no Meu fogo para serem aceitas com agrado por Mim, tereis cuidado para oferecer-Me **em seu tempo determinado.**”*

(Números 28:1-2)

Inferimos, portanto, que o sacrifício deve ocorrer em seu tempo determinado, em todas as circunstâncias, inclusive no Shabat.

E mais tarde, na mesma passagem (Número 28:9-10):

*“E no dia de sábado, dois cordeiros de um ano de idade, sem defeito e duas décimas de “efá” **NA¹** de flor de farinha de trigo amassada no azeite, e sua libação, oferecerás; é a oferta de elevação de cada sábado, além da oferta de elevação contínua **NA²** de cada dia e sua libação.”*

NA¹ – Uma efá equivale a 24,8 litros (Chazon Ish ^{ZT”L} in Carmell: Aiding Talmud Study).

NA² – Os sacrifícios diários chamavam-se *Temidim* (contínuos). Nos dias festivos eram acrescentados outros sacrifícios, chamados *Mussafim* (acrescentados). (Matzliah)

A regra de Guezerá Shavá tem limitações importantes para a sua aplicação. Uma destas limitações é que a derivação através da regra Guezerá Shavá não pode ser criada pelo homem, a não ser que a tenha aprendido de seus mestres ao longo de nossa tradição. É,

portanto, uma maneira de interpretação das Escrituras calcada na tradição de nossos sábios, e não pode ser aplicada fora deste contexto tradicional.

Uma das regras de derivação por analogia, não incluída entre as treze regras enunciadas pelo Rabi Ishmael, é a conhecida como Hekesh (הקיש). É uma analogia que se baseia na conexão estreita de dois assuntos em uma mesma passagem do Pentateuco. Nesta situação, como ambos os assuntos compartilham um mesmo predicado, as mesmas ressalvas feitas a um deles se aplicam ao outro. Por exemplo: as mulheres são isentas da observância de mandamentos temporais (*Mitsvót Assê Shehazeman Garman*). Entretanto, assim como os homens, as mulheres não podem transgredir proibições (*Mitsvót Lo Taasê*). Isto está baseado em Números 5:6, derivado através de um Hekesh:

*“E falou o Eterno a Moisés, dizendo; Fala aos filhos de Israel: Quando **homem ou mulher** fizerem alguns dos pecados do homem, por falsear em nome do Eterno, será culpada aquela alma”.*

Portanto, nesta passagem, homens e mulheres são considerados na mesma categoria em relação ao desrespeito às proibições.

3 Binian Av (בנין אב): literalmente, construir uma generalização. Quando uma lei é restrita em sua aplicação, mas a razão de sua existência é geral, a lei pode ser entendida em seu contexto mais geral. Esta generalização pode ser derivada de uma passagem ou de duas, ou mais passagens presentes no mesmo ponto ou em pontos

diferentes das Escrituras. Uma conclusão pode ser derivada de uma construção mencionada em um verso ou em dois versos.

Como exemplo, citaremos Êxodo 21:26-27:

“E quando ferir um homem o olho de seu escravo, ou o olho de sua escrava (cananeus), e o danificar, o deixará em liberdade por causa do seu olho. E se o dente de seu escravo ou o dente de sua escrava arrancar, a liberdade lhe dará por causa de seu dente.”

Com base na libertação do escravo(a) através de uma lesão nos seus olhos ou dentes, nossos sábios derivam que, por ambos - dentes e olhos - serem partes essenciais do corpo humano, cuja perda não pode ser repostada, qualquer lesão em um membro do escravo(a), gerada por tratamento brutal do patrão, confere a ele ou a ela sua liberdade imediata.

Como a assertiva geral acima deriva de duas leis específicas (a referente à lesão de um olho e de um dente), denominamos esta regra como um Binian Av derivado de dois versos (אב משני כתובים) (בנין).

4 Kelal uPerat (כלל ופרט): Esta regra consiste que uma afirmativa mais geral, seguida de uma afirmativa mais restrita, restringe a primeira somente às condições mais particulares formuladas na segunda.

O Termo “Kelal” (כלל) significa geral e refere-se a uma classe de objetos ou a algo aplicável a um número de situações ou coisas que compartilham de algo em comum entre si. O termo Perat (פרט), por sua vez, significa particular, ou seja, algo que individualiza um objeto ou alguma situação das demais de sua classe ou grupo.

No caso da situação acima (כלל ופרט), ou seja, quando uma afirmativa geral é seguida de outra que enumera particularidades, a lei se refere apenas às particularidades mencionadas pela segunda afirmativa. Por exemplo: em Levítico 1:2 encontramos o mandamento de levar uma oferta de animais ao altar para sacrifício. Inicialmente, o versículo se refere mais genericamente a quadrúpedes e, em seguida, restringe as ofertas apenas a animais do gado e do rebanho.

“Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando algum de vós oferecer sacrifício ao Eterno de quadrúpede, do gado e do rebanho fareis vosso sacrifício.”

5 Perat uKelal (פרט וכלל): Neste caso, uma afirmativa mais restrita, seguida de uma afirmativa mais geral-, a segunda afirmativa adiciona à primeira todas as circunstâncias englobadas pela segunda, mesmo que não mencionadas na primeira. Como exemplo, citaremos o versículo:

“Quando der o homem a seu companheiro, asno, boi, carneiro, ou qualquer animal para guardar, e este morrer ou ficar aleijado ou cativo, sem que ninguém o veja.”
(Êxodo 22:9)

Neste caso, a afirmativa mais geral “qualquer animal” faz com que a lei se aplique a qualquer tipo de animal que é destinado para ser guardado, apesar da menção a espécies particulares como o asno, boi ou carneiro antes da afirmativa mais geral.

6 Kelal uPerat uKelal (כלל ופרט וכלל): Uma afirmativa geral seguida por uma mais restrita, seguida, por sua vez, de uma outra mais geral, implica que outras situações não presentes na afirmativa mais restrita devem ser incluídas, apenas se forem semelhantes àquelas descritas na afirmativa mais restrita. Como exemplo, citaremos Êxodo 22:8, onde se lê:

“Sobre toda coisa de delito - sobre boi, sobre asno, sobre cordeiro, sobre vestidos ou qualquer coisa perdida -, virá a causa de ambos aos juízes; e aquele a quem condenarem os juízes, pagará o dobro a seus companheiros.”

A interpretação rabínica desta lei implica que toda coisa apropriada fraudulentamente, que seja - a exemplo de um asno, cordeiro ou vestidos - móvel e tenha valor intrínseco, deve ser ressarcida em dobro à pessoa que foi roubada. A generalização a partir de asno, cordeiro e vestidos implica que se restrinja esta lei a itens que compartilhem das características destes três exemplos, ou seja, objetos móveis e que tenham valor intrínseco. Esta lei, portanto, não se aplica a imóveis ou a itens de valor representativo, como ações, cheques, etc.

7 Uma afirmativa geral requer uma mais restrita, ou uma afirmativa mais restrita necessita de uma mais geral.

כלל שהוא צריך לפרט ופרט שהוא צריך לכלל.

Nestas situações, o mais restrito e o mais geral são complementares e são necessários para que a lei tenha sentido.

Portanto, o geral ou o particular, isoladamente, são ambíguos e são compreensíveis apenas quando associados. Como exemplo, citaremos a passagem encontrada em Levítico 17:13:

“E qualquer homem dos filhos de Israel e do peregrino que mora entre eles, que caçar algum animal ou ave que é permitido comer, derramará o seu sangue e o cobrirá com pó.”

O termo “cobrir” (וכסדו) pode significar cobrir ou esconder; portanto, o termo anexo “com pó” (בעפר) permite escolher o sentido de cobrir o sangue com pó ou equivalente (areia, terra, etc), ao invés de se entender, por exemplo, que o sangue deveria ser escondido dentro de um recipiente. Da mesma maneira, a palavra “pó” isolada é desprovida de sentido e necessita do verbo “cobrir” para ter sentido. Assim, tanto o termo geral “cobrir” necessita do particular “pó” como o último requer o primeiro para ter sentido.

Como o termo “com pó” (בעפר) subentende qualquer item equivalente, como terra ou areia, ele não se constitui em um termo particular que se segue a um geral, como no caso da regra anterior (כלל ופרט).

8 Quando um caso particular, apesar de já incluído na lei geral, é expressamente mencionado, então o previsto nele se aplica a todas as demais instâncias previstas pela lei geral.

כל דבר שהיה בכלל ויצא מן
הכלל ללמד לא ללמד על עצמו
יצא אלא ללמוד על הכלל כלו יצא

Como exemplo desta regra, citaremos Deuteronômio 22:1-3:

“Vendo o boi de teu irmão, ou o seu cordeiro, extraviados, não farás como se não os visses, mas os restituirás a teu irmão. E se teu irmão não estiver perto de ti ou não o conheceres, recolhê-los-ás, em tua casa, e ficarão contigo até que teu irmão os reclame e então os restituirás a ele. O mesmo farás com o seu jumento, o mesmo farás com a sua veste, e o mesmo farás com toda coisa perdida que teu irmão tiver perdido, e tu a encontrares; não farás como se não os visses.”

A citação de uma “veste” parece supérflua, uma vez que se menciona logo a seguir “toda coisa perdida”. Entretanto, nossos rabinos derivaram desta passagem que, como a “veste” deve ter sempre um dono e também marcas peculiares, a menção à “veste” deve, pois, caracterizar o tipo de coisa perdida que não pode ser apropriada por quem a encontre. Portanto, devemos sempre tornar público, anunciando quando achamos objetos que, à semelhança da “veste”,

possam ser identificados por marcas peculiares que sinalizam que estes têm um dono que os possa identificar corretamente.

9 Quando um caso particular é mencionado explicitamente, ainda que já esteja incluído e seja semelhante ao conteúdo de uma regra geral, a menção deste caso particular se faz para aliviar e não agravar a extensão da aplicação da regra geral.

כל דבר שהיה בכלל ויצא
לטעון טוען אחד שהוא
כענינו יצא להקל ולא להחמיר.

Se, por exemplo, só algumas das proibições implicadas pela regra geral são mencionadas na regra particular, presume-se que somente as mencionadas na regra particular devem ser cumpridas.

10 Quando um caso particular é mencionado explicitamente sem que esteja incluído ou seja semelhante ao conteúdo de uma regra geral, a menção deste caso particular se faz tanto para aliviar como para agravar a extensão da aplicação da regra geral.

כל דבר שהיה בכלל ויצא
לטעון טוען אחד שלא
כענינו יצא להקל ולהחמיר.

Como exemplo, citaremos a passagem de Êxodo 21:28-32:

*“Quando marrar **chifrar** um boi a um homem ou a uma mulher, e morrer, será apedrejado o boi, e não será comida a sua carne, e o dono do boi estará livre. E se o boi for acostumado a marrar de ontem e anteontem e for avisado seu dono, e não o guardar, e matar homem ou mulher, o boi será apedrejado, e também seu dono será morto; porém, resgate será imposto sobre ele, e dará por resgate de sua alma tudo o que lhe for imposto. Se o boi marrar, quer um menino ou uma menina, far-se-á o mesmo julgamento. Se o boi marrar um servo ou uma serva, trinta siclos de prata serão dados a seu amo, e o boi será apedrejado.”*

Neste caso, a menção de “um servo ou uma serva”, logo após ter abordado acerca da morte provocada pelo animal de um “homem ou mulher”, vem, de acordo com nossos sábios, agravar e aliviar a regra geral se, por exemplo, o valor do servo(a) morto(a) fosse menor ou maior do que “trinta siclos de prata”, respectivamente.

11 Quando um caso particular, mesmo incluído na regra geral, é dela separado por uma nova circunstância, este caso não deve mais ser abordado sob a regra geral, exceto se expressamente indicado pela Torá.

כל דבר שהיה בכלל ויצא

מן הכלל לדון בדבר החדש

אי אתה מחזירו לכללו עד
שיחזירנו הכתוב לכללו בפירוש.

12 O sentido de um trecho da Escritura Sagrada pode ser entendido tanto no seu contexto como por uma afirmativa presente adiante no mesmo trecho da Escritura Sagrada.

דבר הלמד מענינו ודבר הלמד ממופו.

13 Quando dois versos aparentemente conflitam entre si, um terceiro deve ser encontrado para reconciliá-los.

שני כתובים המכחישים
זה אתזה עד שיבא הכתוב
השלישי ויכריע ביניהם.

Além destas 13 regras, há outras ainda para permitir, a partir das Escrituras, encontrar suporte textual para leis já estabelecidas e derivar outras leis como, por exemplo, a regra de justaposição de passagens contíguas (ihfunx), pela qual o sentido de uma lei é, às vezes, explicado por uma outra passagem próxima que a precede ou sucede.

Um exemplo deste tipo de regra de derivação é o que conecta os trabalhos proibidos no Shabat com aqueles necessários à construção do Tabernáculo, pela justaposição destes dois conceitos no Pentateuco (Êxodo 31:1-17 e 35:1-19).

Vejamos esta justaposição entre as passagens referentes aos trabalhos executados para a construção do Tabernáculo e o mandamento de se guardar o Shabat, no trecho do Êxodo 31:1-17.

“E falou o Eterno a Moisés, dizendo: Olha, chamei por seu nome a Betsalel, filho de Uri, filho de Chur, da tribo de Judá; e o enchi do espírito de Deus, em ciência, em inteligência, em saber, e em toda sorte de obras para pensarem obras de mestres para trabalhar em ouro, em prata e em cobre, e na arte de gravar pedras de engaste e na arte de entalhar madeiras para fazer toda obra. E Eu, eis que designei juntamente com ele a Aholiab, filho de Achisamach, da tribo de Dan; e no coração de todo sábio pus ciência, e farão tudo que te ordenei: A tenda da assinação, e a arca para o Testemunho, e o propiciatório que está sobre ela, e todos os objetos da tenda; e a mesa e seus objetos, e o candelabro puro e todos os seus objetos, e o altar do incenso; e o altar do holocausto e todos os seus objetos, e o lavatório e a sua base, e as vestimentas do serviço, e as vestimentas da santidade para Aarão, o sacerdote, e as vestimentas de seus filhos para servir, e o óleo da unção e o incenso das especiarias para a santidade; como tudo que te ordenei, farão.

E falou o Eterno a Moisés, dizendo: E tu fala aos filhos de Israel dizendo: De certo, meus sábados guardareis, pois este é um sinal, entre mim e vós, por vossas gerações para saber que Eu sou o Eterno, vosso Santificador.

E guardareis o sábado, que santidade é ele para vós; aqueles que o profanarem, serão mortos, porque todo aquele que fizer nele trabalho será banida a sua alma do meio de seu povo. Seis dias se trabalhará, e no sétimo será sábado de descanso, santificado para o Eterno: Todo aquele que fizer trabalho no dia de sábado será morto. E guardarão os filhos de Israel o sábado para fazer do sábado, por suas gerações, uma aliança perpétua. Entre mim e os filhos de Israel, um sinal é ele, para sempre, que em seis dias fez o Eterno os céus e a terra, e no sétimo dia folgou e descansou.”

E agora, voltemos à Guemará:

A Guemará tenta novamente provar a opinião de Rava :

שמע: תא **Venha e aprenda** uma prova para corroborar a opinião de Rava oriunda de um trecho da Mishná que lida com a lei de Léket (lei das sobras). Esta lei lida com a pessoa que encontra e recolhe as poucas espigas que sobravam no solo, por terem caído das mãos do catador durante o processo de coleta do trigo. A Mishná começa perguntando:

מאימתי כל אדם **Desde que momento a todas as pessoas**

מותרים בלקט? **é permitido** ficar com o Léket? que elas porventura encontrem. Isto é, a partir de qual momento o pobre perde a esperança de encontrar o Léket, transformando-o, portanto, em um produto sem dono e, por conseguinte, permitido a qualquer pessoa que o encontrar? **NA**

NA – Léket se refere a uma ou duas espigas normalmente deixadas para trás no solo pelo catador durante o processo de colheita do trigo. Pela Torá, devemos deixar o Léket para os pobres, como se lê em Levítico 19:9-10:

“E quando segardes, a ceifa de vossa terra, não acabarás de segar o canto de teu campo, e as espigas caídas no recolhimento de tua ceifa, não recolherás. E tua vinha não rebuscarás, e bago de tua vinha não recolherás; para o pobre e o peregrino os deixarás. Eu sou o Eterno, vosso Deus.”

Desde o momento em que os vasculhadores passaram pelo campo.

Antes de proceder à prova propriamente dita, a Guemará relata um debate relacionado à natureza do termo “vasculhadores”.

Como falamos em relação a esta Mishná, qual o significado do termo “vasculhadores”?

Rabi lochanan diz:

Um velho pobre que caminha com uma bengala.

Resh Lakish diz:

לקוטי בתר לקוטי. **aqueles que coletam depois dos catadores que estão colhendo** os frutos, isto é, depois dos catadores engajados profissionalmente no processo da colheita. A Guemará retorna ao ponto original:

ואמאי? **Por quê** o Léket remanescente passa a ser permitido para qualquer pessoa após os vasculhadores terem passado pelo campo?

נהי דעניים דהכא מיאשי **Mesmo Se os pobres do local perderam a esperança** depois de verem que os vasculhadores passaram pelo campo **NA**

NA – Após os pobres terem passado pelo campo e vasculhado pelas sobras, pode-se presumir que nada mais restou para ser colhido. Nessa situação, podemos inclusive assumir que os outros pobres que teriam também direito às espigas remanescentes, por já saberem que o campo foi vasculhado por outros pobres, perderiam a esperança de coletá-las. Portanto, toda espiga que porventura tiver sobrado após os pobres já terem vasculhado o campo é agora de domínio público, podendo pertencer a qualquer pessoa, embora não seja um pobre, como mencionado na passagem bíblica acima (Schottenstein Edition, Bava Metsia, 21b3).

איכא עניים בדוכתא אחריתא דלא מיאשי. **há ainda pobres em outras localidades que não perderam conscientemente a esperança** de coletar o Léket, pois estes pobres de outras localidades não estão cientes de que os vasculhadores já passaram pelo campo. **NA**

NA – Agora a Guemará discute a situação de pobres que vivem à distância do campo. O Léket também lhes pertence. Entretanto, sabedores de que os pobres da localidade já vasculharam o campo, aqueles perderiam a esperança de coletar as espigas ainda remanescentes após os pobres do local terem vasculhado os campos. Portanto, como nesta situação pode ocorrer perda da esperança de recuperação do Léket pelos pobres que vivem longe, desde o momento em que os pobres da localidade também perderam a esperança de recuperá-lo, isto é, simultaneamente, não existiria um período no qual as espigas remanescentes

poderiam pertencer a quem as encontrasse, antes dos pobres que vivem longe terem perdido a esperança de encontrar mais espigas no solo. Assim, este argumento não serve para contradizer a opinião de Abaiê (Schottenstein Edition, Bava Metsia, 21b3).

Como podemos concluir que os pobres de outros locais abdicaram, então, do seu direito ao Léket, de tal sorte a permitir que este Léket seja permitido para qualquer outra pessoa? Este trecho da Mishná parece corroborar a opinião de Rava, por indicar que outras pessoas podem apropriar-se do Léket, antes mesmo que os pobres de outras localidades (que são também donos potenciais do Léket) tenham conhecimento de terem perdido o seu direito a ele (ao Léket).

A Guemará rejeita também esta prova:

אמר: **Eles falaram** em defesa de Abaiê:

כיון דאיכא עניים הכא **Como existem pobres neste local,**

הנך **aqueles** pobres que vivem em lugares mais distantes

מעיקרא איאוש מיאש **perderam a esperança desde o começo** de tomar posse do Léket local

ואמר: **e falam** para si mesmos:

עניים דהתם מלקטי ליה. **os pobres do local certamente vão colhê-lo** todo. Portanto, quando os pobres do local perderam a esperança de coletar o Léket de sua localidade, todos os demais pobres que vivem em locais mais distantes também perdem, conseqüentemente, a esperança de coletá-lo. Assim, este trecho da Mishná também não contradiz a opinião de Abaiê.

As divisões da lei oral

O rabino Chajes, de abençoada memória, em seu livro “O Guia do Estudante pelo Talmud”, sintetiza as diferentes categorias da Lei Oral em seis grupos, a saber:

- a** Interpretações que vieram do Sinai e que podem ser corroboradas, mesmo que vagamente, pelas Escrituras Sagradas;
- b** Leis (Halachót) recebidas através da tradição sem suporte textual nas Escrituras Sagradas;
- c** Leis (Halachót) derivadas através das regras de derivação acima mencionadas;
- d** Leis (Halachót) não baseadas nas Escrituras Sagradas, mas derivadas através do bom senso e do raciocínio lógico;
- e** Tacanót;
- f** Guezerót.

Um exemplo das três primeiras categorias é encontrado no mandamento de colocar os Tefilin (filactérios) diariamente, como descrito em Deuteronômio 6:8:

“E as atarás como sinal na tua mão e serão por filactérios entre os teus olhos.”

Este versículo nos permite inferir que o mandamento de colocar os Tefilin diariamente tem base nas Escrituras. Entretanto, detalhes como o verdadeiro sentido do termo filactérios (טטפֿת), ou quais as passagens bíblicas que devem ser inseridas em seu interior, não estão explicitados nas Escrituras. A primeira categoria da lei oral é exemplificada, portanto, através de como nossos rabinos deduziram qual o número de passagens bíblicas a serem incluídas nos filactérios. O rabino Chajes cita que o número de quatro passagens foi inferido pelos sábios através da palavra Totafot (טטפֿת), pois “Tot” significa “dois” na língua Kapti e “fot” também significa “dois” no idioma Afriki. Esta interpretação, portanto, pertence ao primeiro grupo da Lei Oral, no qual as leis são oriundas da tradição sinaítica, porém corroboradas, mesmo que de maneira vaga, pelas Escrituras, como aqui exemplificado.

Há ainda várias outras leis que se referem, por exemplo, a: quais passagens bíblicas devem ser inseridas nos filactérios, a cor das tiras de couro, qual o tipo de tinta e o material (pergaminho) a serem usados para escrever estas passagens. Tais preceitos exemplificam a segunda categoria da Lei Oral, na medida em que são universalmente

aceitos como oriundos da tradição sinaítica sem, entretanto, terem nenhum substrato nas Escrituras Sagradas.

As leis referentes ao uso dos filactérios no braço esquerdo e à origem do pergaminho no qual as passagens selecionadas devem ser escritas, isto é, que estas não sejam gravadas em um material oriundo do couro de um animal impuro, são derivadas pelos nossos sábios do texto das Escrituras através de regras de derivação. Assim, o fato de termos que colocar os filactérios no braço esquerdo é derivado da maneira pela qual o termo “tua mão” está escrito na passagem de Êxodo 13:16 (יֶדְכָּה), ao invés de (יָדְךָ).

Nossos sábios dividem a palavra (יֶדְכָּה) e a interpretam como “braço fraco” (יָד כְּהֵדָה). Já o fato de usarmos apenas a pele de animais puros é derivada da passagem de Êxodo 13:9, onde se lê:

“E será para ti como um sinal sobre tua mão, e como memória entre os teus olhos, para que esteja a lei do Eterno em tua boca, que com mão forte te tirou o Eterno do Egito.”

O fato de se mencionar “em tua boca” (בְּפִיךָ) nesta passagem significa, para nossos sábios, que só possamos usar nos filactérios materiais de animais cuja carne é permitida para se comer, restringindo-se, portanto, apenas a animais considerados puros (Casher).

Há uma outra categoria de leis derivadas pela aplicação de princípios de lógica e bom senso que têm, também, de acordo com nossos sábios, o mesmo valor daquelas leis com base textual nas Escrituras

Sagradas, como citado no Talmud (Berachot 4b): “Ou é uma questão de lógica, ou baseado nas Escrituras”. Como exemplo, citaremos a passagem encontrada no Talmud (San’hedrin, 74a), que procura a base do princípio de que devemos antes sacrificar nossa própria vida a cometer um assassinato:

לן **De onde sabemos sobre um assassino potencial, que deve preferir sacrificar sua própria vida a cometer um assassinato?**

הוא **É baseado na lógica,**

ליה: **como inferimos da história do homem que chegou ao rabino Raba e lhe disse:**

אמר לי מרי דוראי **”O governador de minha cidade me disse:**

‘Vá e mate a pessoa tal,

’e se você não o matar, eu vou matar você’.”
O que devo fazer?

O rabino Raba lhe falou:

Deixe que ele te mate e não mate a ninguém,

pois quem disse que teu sangue é mais vermelho que o da tua vítima?

דילמא דמא דהוא גברא סומק טפי! Talvez o sangue daquele homem que querem que você mate seja mais vermelho que o teu!

Há um tipo de lei, chamada Guezerá (גזירה), promulgada por nossos sábios, geralmente com caráter proibitivo, cuja finalidade era limitar algo permitido que, todavia, se executado, poderia facilitar que se transgredisse algum outro mandamento muito importante. Como exemplo citaremos o caso da Guezerá instituída por Salomão, que proibia o transporte de objetos de uma casa para um parque anexo, no Shabat, para evitar assim a transgressão do mandamento que proíbe o transporte de objetos de um domínio privado para outro público, no Shabat. Consideradas extensões das Escrituras, as Guezerót (plural de Guezerá) se distinguem das Tacanót (plural de Tacaná) (תקנות), que são leis também promulgadas pelos nossos rabinos e que visavam regulamentar a observância de vários mandamentos, como a leitura pública da Torá, a convocação de cortes de juízes, etc. Muitas vezes, as Tacanót foram promulgadas por rabinos de determinadas localidades para atender a necessidades específicas de judeus de uma determinada cidade ou país, sem ter, necessariamente, aplicação para os demais judeus que viviam fora desta área.

Ambas - Tacanót e Guezerót - têm portanto origem rabínica e, apesar de terem que ser cumpridas, as penalidades para sua infração não são tão severas como para o desrespeito a mandamentos de origem bíblica. Além disto, ao contrário também das leis de origem bíblica, em caso de dúvida quanto à correta aplicação das Guezerót ou Tacanót, prevalece sempre a visão menos estrita.

A seguir, o leitor encontrará uma introdução escrita pelo rabino Shemuel Ha-Naguid, que versa principalmente sobre o conteúdo legal do Talmud.

Introdução ao Talmud

do rabino Shemuel Ha-Naguid^{NA}

(Baseado na tradução do rabino Arie Carmell, realizada diretamente de um microfilme do manuscrito (número 1046) da coleção Sassoon in apêndice 1 de seu livro “Aiding Talmud Study”, Feldheim, Jerusalém, 1988, 5a-edição, págs. 68-76)

NA – Naguid (príncipe, governador) era o título dado ao chefe da comunidade judaica na Espanha ou no Egito sob o domínio muçulmano. Não há certeza sobre a identidade correta de Shemuel Ha-Naguid. Acredita-se ter sido um famoso talmudista, filósofo, poeta e estadista que viveu entre 993 a 1060, na Espanha. Entretanto, este texto foi também atribuído a outro sábio de mesmo nome que viveu no século XII, no Egito.

A finalidade deste capítulo é servir de guia à estrutura e metodologia talmúdicas para iniciantes no estudo desta obra. Este texto também se encontra impresso na edição Vilna (*Shas Vilna*) do Talmud e aparece depois do tratado Berachot.

1 O Talmud se divide em duas partes: a) Mishná e b) comentário sobre a Mishná.

2 A Mishná é o que se chama de “Lei Oral” e contém o essencial da Torá que foi transmitido oralmente desde Moshe Rabênu (Moisés, nosso mestre) até o rabino lehudá ha-Cadosh (Judá, o santo), também conhecido como rabi lehudá ha-Nassi - o Príncipe - (130-220

e.c.), que a registrou por escrito para lhe garantir uma longa sobrevivência face ao perigo de que fosse a **Mishná** esquecida e perdida. (A Mishná contém ainda muitas leis rabínicas promulgadas pelos rabinos com o intuito de salvaguardar a Torá, na forma de *Siyaguim* (סייגים - “cercas”), *Guezerót* (גזירות - decretos) e *Tacanót* (תקנות - ordens).

3 Este trabalho, por sua vez, pode também ser dividido em duas partes: a) lei estabelecida e b) lei rejeitada. A “lei estabelecida” (na medida em que se refere à Torá propriamente dita, *Min ha-Torá*) é aquela que foi aprendida diretamente de Moshe Rabênu, que a recebeu diretamente do Todo-Poderoso. Ela poderá aparecer sob o nome de um único sábio ou no nome de muitos, como será explicado adiante.

4 “Lei rejeitada” é o lado da disputa que, apesar de registrado, não foi aceito. Pode aparecer também no nome de um único sábio ou de vários. Uma pergunta pode surgir: por que, então, Rabênu ha-Cadosh (rabi Judá, o santo) registrou os assuntos que não foram aceitos como leis? Certamente não teria sido melhor registrar apenas as leis que devem ser cumpridas? A resposta consiste em que, antigamente, cada sábio anotava para si mesmo tudo aquilo que aprendera, incluindo tanto o que fora aceito quanto o que não fora. Quando Rabênu ha-Cadosh compilou a Mishná, ele se sentiu compelido a incluir **também** os pontos de vista que não tinham sido aceitos, para evitar a possibilidade de que alguém trouxesse à tona as opiniões **rejeitadas** que pudessem ter-lhe sido veiculadas por algum **outro** sábio, tentando **assim** contradizer a lei aceita. Se ele assim o fizesse,

poderia então ser facilmente refutado, ao lhe ser apontado que suas opiniões representam pontos de vista não **anteriormente** aceitos.

Isto é mencionado por nossos sábios na Mishná (Eduiót, capítulo 1), quando dizem: Por que as palavras de um único sábio são registradas junto às da maioria **de sábios** sem uma razão aparente? Porque se alguém dissesse “eu ouvi isto”, eles poderiam dizer-lhe: “Você ouviu isto daquele **sábio**”, querendo dizer “que esta não é a Lei”. **NA**

NA – Maimônides, em sua introdução ao comentário da Mishná, assim se expressa acerca da origem das disputas entre os sábios: “Disputas surgiram acerca de partes da lei derivadas pela razão. Elas ocorreram em conexão com assuntos relacionados a finos detalhes sobre os quais não se transmitiu nenhuma lei e, por conseguinte, foram derivados por um processo de dedução e analogia, baseados em princípios e regras previamente transmitidos. Ora, é sabido que não há dois sábios que pensem de maneira exatamente igual e, portanto, as disputas surgiram acerca de quais princípios aplicar para um dado ponto ou detalhe em discussão, e como utilizar estes princípios nestas situações. Particularmente em gerações posteriores, cuja intensidade de aprendizado e clareza de pensamento foi afetada por perseguições e outros problemas, disputas em assuntos referentes a detalhes se tornaram bastante freqüentes e foram registradas na Mishná. A Halachá, nestes casos, é decidida de acordo com a opinião da maioria ou de acordo com regras pré-estabelecidas.”

5 Até agora discutimos a primeira parte do Talmud, que é a Mishná. A segunda parte, que é o comentário sobre a Mishná, é denominada Guemará (isto é, tradição). Ela se constitui de muitos componentes: vinte um ao todo como, por exemplo, Tossefta, Beraita, explicações, questões, respostas, dificuldades e suas soluções, e muitas outras, que serão agora explicadas brevemente:

5.1 Tossefta (Adição) é uma forma de Beraita - um material mishnaico não incluído na Mishná (e colocado no apêndice de cada

tratado da Mishná). No Talmud é geralmente introduzido pela palavra *Tania*, תניא. Quando segue as leis da Mishná, é aceito como lei (contém muitas informações valiosas que aclaram muitos pontos da Mishná).

5.2 Beraita (“material externo”) inclui todo o restante do material mishnaico compilado e transmitido pelos sábios depois da época da edição da Mishná como, por exemplo:

a o material mishnaico compilado e registrado pelo rabino Chiya (discípulo favorito do rabino Judá, o Príncipe) e pelo rabino Oshaia;

b a mishná do rabino Eliezer ben Iaakov, a Mechilta do rabino Ishmael, as cartas do rabino Akiva e

c os Midrashim de natureza legal que seguem os versos da Torá, como o Mechilta sobre o Êxodo, Torat Cohanim (ou Sifra) sobre o Levítico, e o Sifri sobre Números e o Deuteronômio.

Estes trechos nestas obras são geralmente introduzidos pelas palavras *Tanu Rabanan*, תנו רבנן, e afirmativas não consensuais pelas palavras *Tani Chada...Tania Idach*, תני חדא...תניא אידך. Todo o material que constitui a Beraita e que não é contestado na Guemará, é aceito como lei. Quando há uma disputa, a lei é decidida de acordo com as regras mencionadas abaixo (parágrafos 6, 7 e 8).

5.3 Perush (explicação) é a elucidação pela Guemará de assuntos contidos na Mishná e é marcada pelas palavras “O que é isto?”, seguidas pela explicação.

5.4 Sheelá (em aramaico, **בעיא**) é um pedido para que se enuncie uma lei, e pode ser endereçada por um grupo a outro (**אבעיא להו**), ou por um grupo a um indivíduo (**בעו מיניה**), ou por um indivíduo a outro (**בעא מיניה**). A lei é, então, determinada pelas respostas que são dadas.

5.5 Teshuvá é a resposta dada às perguntas acima mencionadas, e é estabelecida como lei de acordo com determinadas regras.

5.6 Cushiá (dificuldade) (em aramaico, **קושיא**) refere-se a uma objeção levantada contra uma opinião de um Amorá através de uma citação (aparentemente) conflitante. Quando levantada por mais de um sábio, é introduzida pela expressão **מיתבי**, e se por um sábio apenas, por **איתביה**.

5.7 Resolução (em aramaico, **פירוקא**) é uma resposta dada para resolver uma dificuldade e, se não disputada, é (frequentemente) aceita como lei (veja item 5.18, abaixo).

5.8 Refutação (**תיובתא**) ocorre quando uma lei é refutada através de provas claras; a lei é então decidida de acordo com a força das provas. (**Por exemplo**, quando se trata de uma afirmação de um Amorá - um sábio do Talmud - que é refutada por um Taná - um sábio da Mishná -, a opinião do primeiro é, portanto, refutada a não ser que o primeiro Amorá encontre outro Taná que o apóie).

5.9 Apoio (em aramaico, **סייעתא**) ocorre quando uma fonte é citada para corroborar uma determinada lei e para apoiar a sua aceitação; é

introduzida pelas palavras לימא מסייע ליה.

5.10 Contradição (רומיא) ocorre quando há uma aparente contradição entre duas afirmativas (equivalentes). É introduzida pelas expressões רבי ... רמי, ורמינהי, ורמינהו.

5.11 Necessidade (צריכותא) é uma demonstração de que cada uma de duas ou mais afirmativas aparentemente similares é necessária em uma dada fonte (porque cada uma contém informações que não estão presentes na outra). É introduzida por וצריכא.

5.12 Ataque (אתקפתא) é uma objeção levantada (com base lógica, sem sustentação em fontes que conflitam [com o ponto de vista em questão](#)). É encontrada apenas em conexão com os Amoraítas (os sábios de um período mais tardio da edição da Guemará) e é introduzida por מתקיף לה רבי... A decisão se processa como citado acima no item 5.8.

5.13 Caso (em hebraico, מעשה - em aramaico, עובדא) é a citação de um evento real, no qual uma decisão é relatada.

5.14 Tradição (em aramaico, שמעתתא) é um ditado [popular](#) contendo informação sobre um assunto legal. Oposto: Agadá (veja item 5.19 abaixo).

5.15 Suguiá (סוגיא) é uma passagem conexa da Guemará que contém perguntas e respostas.

5.16 Hilcheta (הילכתא) é uma decisão tomada em caso de disputa, quando a Guemará conclui: “A Halachá está de acordo com [a opinião do rabino...](#)”.

5.17 Teicu (תיקו) (literalmente, “deixe estar”) ocorre quando há uma dúvida na Guemará sobre um ponto da Halachá e o assunto não é definido. Quando se trata de um problema monetário, a prática é que se siga o ponto de vista mais leniente (aquele pelo qual o indivíduo que se defende está isento do pagamento). No caso de proibições, a prática é que se siga o ponto de vista mais estrito (exceto no caso de proibições rabínicas).

5.18 Interpretação (em aramaico, שינויא) é quando um sábio encontra uma contradição acerca de uma fonte aceita e tenta reinterpretá-la para que não mais conflite com o seu ponto de vista.

5.19 Agadá (em aramaico, t,sdt) é tudo o que for mencionado na Guemará não diretamente relacionado com um aspecto haláchico de um mandamento. Deve-se apreender destes ensinamentos apenas o que nossas mentes conseguem captar. É importante saber que tudo quanto os nossos sábios estabeleceram como lei em relação aos mandamentos transmitidos por Moshe Rabênu - que os recebeu do Todo-Poderoso - não pode ser aumentado ou diminuído de nenhuma forma. Entretanto, as explicações (agádicas) que eles compuseram acerca dos versículos bíblicos refletem seus pontos de vista e as ideias individuais que lhes ocorreram. Devemos aprender destas explicações o quanto nossas mentes conseguem captar, sem que se criem [novas explicações](#) sobre elas. (Se não conseguirmos entender

seus significados mais profundos, não devemos tentar usá-las como base para nossos pensamentos). **NA**

NA – Vide capítulo 8 da Introdução ao Talmud de Maimônides, neste volume.

5.20 Ensino (em hebraico, הוראה) é a tradição em relação a um mandamento promulgado pelos sábios em assembleias ou academias.

5.21 Shitá (em hebraico, שיטה) se refere a um número de sábios individuais, cada um emitindo uma opinião similar, e citados em conjunto na Guemará. Neste caso é-nos informado que a decisão **final** não concorda com nenhum dos seus pontos de vista. (Devemos saber que o Talmud foi completado na época de Ravina e do rabino Ashi (século V desta era) e que foram estes rabinos que nos ensinaram os segredos de sua compilação **do Talmud**, incluindo as regras acima mencionadas).

6 As regras para se chegar a decisões em disputas entre Tanaítas (sábios da Mishná) são as seguintes:

6.1 Um contra muitos: a Halachá **decisão final** será conforme **o ponto de vista dos** muitos sábios.

6.2 Uma disputa em uma Mishná, seguida por uma proposição anônima (representando um dos pontos de vista) em uma outra Mishná, significa que a Halachá **decisão final** estará em conformidade com a última. (Isto se aplica apenas dentro de um mesmo Tratado).

6.3 Uma Mishná anônima, seguida por uma Mishná contendo uma disputa sobre o mesmo assunto, significa que a Halachá não estará de acordo com a Mishná anônima. (Este princípio também só é válido dentro de um mesmo Tratado).

6.4 Se há uma disputa entre uma Beraita e uma afirmativa anônima em uma Mishná (que segue determinado ponto de vista), a lei será conforme **especifica** a última.

6.5 Se houver uma disputa entre uma Mishná e uma afirmativa anônima de uma Beraita, não dizemos que a Halachá estará em conformidade com a Beraita, porque falamos: “Se Rabi (rabino Judá, o Príncipe) não ensinou isto, como é que o rabi Chiya (o editor da Beraita) o sabe?”

7 Leis adicionais relativas à Mishná e à Beraita:

7.1 Uma Mishná anônima está de acordo com **a opinião** do rabi Meir.

7.2 Uma afirmativa anônima na Tossefta está de acordo com **o ponto de vista do** rabi Nechemia.

7.3 Uma afirmativa anônima no Sifra está de acordo com **o ponto de vista do** rabi Judá.

7.4 Uma afirmativa anônima no Sifri está de acordo com **o ponto de vista do** rabi Shimon; e todos eles, globalmente, de acordo com **o ponto de vista do** rabi Akiva, de quem foram alunos.

7.5 Onde o rabi Meir é mencionado em uma fonte e sua decisão é debatida pelo rabi Judá, rabi losse, rabi Shimon ou pelo rabi Eliezer ben laacov, a Halachá estará em conformidade com o seu oponente.

7.6 Em uma disputa entre o rabi Judá contra o rabi Shimon, a Halachá estará em conformidade com o rabi Judá.

7.7 (A Halachá estará sempre em conformidade com rabi losse, mesmo quando diferir dos pontos de vista de mais de um Taná explicitamente citados).

7.8 A Mishná do rabi Eliezer ben laacov é “pequena, mas pura” (isto é, ele não é mencionado frequentemente, mas quando é citado, a Halachá estará sempre em conformidade com seu ponto de vista).

7.9 “Alguns dizem **que**” (יש אומרים) significa rabi Natan.

7.10 “Outros dizem **que**” (אחרים אומרים) significa rabi Meir.

7.11 Sempre que o raban Shimon ben Gamliel aparecer em nossa Mishná, a Halachá estará em conformidade com seu ponto de vista, à exceção de três casos (específicos).

7.12 A Halachá estará sempre de acordo com Rabi (Judá, o Príncipe) quando ele debate **um assunto** com outro sábio.

7.13 Entretanto, sempre quando Rabi (Judá, o Príncipe) debate **algum assunto** com seu pai (raban Shimon ben Gamliel), a Halachá estará em conformidade **com o ponto de vista** de seu pai.

7.14 Sempre que uma Mishná é citada em nome do rabi Shimon ben Elazar e não há nenhum debate mencionado [acerca de sua opinião](#), a Halachá estará em conformidade com o seu ponto de vista.

7.15 Rabi Eliezer contra Raban Gamliel: a Halachá estará em conformidade com Raban Gamliel.

7.16 (A Halachá estará sempre em conformidade com a opinião do rabi Akiva, quando em disputa com algum outro sábio.)

7.17 Bet Shamai contra Bet Hilel: a Halachá estará em conformidade com Bet Hilel, exceto em seis casos nos quais os sábios disseram que a decisão não seguiria nenhuma das duas opiniões, e em três casos nos quais a Halachá segue a opinião de Bet Shamai.

7.18 Sempre que um Taná qualifica suas afirmativas mencionando “em que caso isto se aplica” (במה דברים אמורים) ou “quando isto se aplica? Nesta ou naquela circunstância...”, a Halachá está em conformidade com seu ponto de vista. De maneira similar, a Mishná introduzida pelas palavras “Em verdade eles disseram” (באמת אמרו) representa uma Halachá não disputável.

7.19 Não apreendemos a Halachá apenas de uma Mishná, mas somente de uma decisão tomada no Talmud.

8 Estas são as regras relacionadas a debates entre Amoraítas (sábios do Talmud):

8.1 Rav contra Shemuel: a Halachá será conforme a opinião de Rav em proibições, e conforme Shemuel em leis civis. (Rav é Rav Aba Aricha (o alto), século III e.c.. O título “Rav” era dado aos Amoraítas da Babilônia. Os Amoraítas de Israel, assim como os Tanaítas, são todos chamados de “Rabi”).

8.2 Rav Chisda contra Rav Huna: a Halachá estará em conformidade com Rav Huna.

8.3 Rav Sheshet contra Rav Nachman: a Halachá estará em conformidade com Rav Sheshet em proibições, e de acordo com Rav Nachman em leis civis.

8.4 A Halachá nunca estará em conformidade com um discípulo em uma disputa com seu mestre.

8.5 Se um sábio de um período posterior debate **um assunto** com um sábio de um período anterior, a Halachá estará de acordo com o sábio do período mais posterior. (Como ambos os sábios são da mesma era - era dos Amoraítas- e portanto têm o mesmo status, a opinião do sábio do período posterior prevalece, pois ele teve a oportunidade de considerar todos os desenvolvimentos do argumento em questão, que ocorreram durante todo este período.)

8.6 Rav lehudá contra Raba: A Halachá estará em conformidade com Rav lehudá.

8.7 Raba contra Rav lossef: a Halachá estará em conformidade com Raba, exceto em três casos específicos.

8.8 Rav Acha contra Ravina: a Halachá estará em conformidade com Ravina, exceto em três casos específicos.

8.9 Os compiladores do Talmud foram Rav Ashi, Ravina e seus colegas (século V e.c.), e foi em sua época que o Talmud foi completado.

8.10 A Halachá estará de acordo com Mar, filho de Rav Ashi, exceto quando a disputa é contra seu mestre.

8.11 Sempre que a Guemará diz: “A **opinião** daquele **sábio** foi refutada”(veja 5.8, acima), a Halachá não estará em conformidade com o ponto de vista deste sábio. (Entretanto, se a Guemará conclui meramente com a palavra “Cashia” - “isto é difícil” -, isto indica que a dificuldade é somente de caráter textual e pode ser resolvida).

8.12 Qualquer disputa que seja meramente teórica e não tenha relevância prática, não terá as palavras “a Halachá está em conformidade com este ou aquele sábio” a ela aplicadas.

* * *

Voltemos agora à Guemará:

A Guemará cita agora um trecho da Mishná com implicações controversas, que é melhor entendido de acordo com a opinião de Abaiê:

:שמע: **Venha e aprenda** uma prova do seguinte trecho da Mishná:

קציעותבדרך **figos cortados encontrados na rua,**

mesmo se eles forem encontrados ao lado de um campo de figos cortados em processo de desidratação, para se produzir figos secos

e de maneira similar no caso de uma árvore de figos que pende por sobre uma rua,

e alguém encontra figos por debaixo dela,

eles são permitidos em relação à proibição de roubo, isto é, eles são considerados sem dono e, portanto, pegá-los não constitui roubo

e eles estão isentos do requerimento de Maasser como o são todos os produtos sem dono. NA

NA – Os produtos colhidos em Israel devem ser repartidos: uma parte, denominada Terumá, vai para os Sacerdotes (Cohanim), outra (o Maasser) para os Levitas; e uma outra, também denominada Maasser, tem destino variante. Produtos sem dono, entretanto, não seguem esta regra. (Schottenstein Edition, Bava Metsia 21b3)

Entretanto, no tocante a azeitonas e alfarrobas encontradas nas mesmas condições

é proibido ficar com elas quem quer que as encontre.

As duas leis expostas neste trecho da Mishná parecem contraditórias. A primeira, em relação aos figos, parece corroborar a

opinião de Rava, uma vez que o dono dos figos aparentemente não estaria ciente de sua perda e, portanto, não teria perdido a esperança de sua recuperação, antes do momento em que alguém eventualmente encontre os figos. Mesmo assim, a Mishná permite a quem encontrar estes figos ficar com eles. A segunda parte deste trecho da Mishná, entretanto, parece confirmar a opinião de Abaiê, pois azeitonas e alfarrobas, encontradas antes que seu dono se torne ciente de sua perda e, portanto, perca a esperança de sua recuperação, não podem ficar com quem as encontrar. A Guemarâ irá resolver esta contradição de acordo com a opinião de Abaiê, mas reportará também as dificuldades de acordo com a opinião de Rava.

בשלמא רישא לאביי Agora é compreensível que o trecho inicial da Mishná

לא קשיא não traz dificuldade em relação à opinião de a Abaiê

אגב דחשיבי porque, como os figos cortados são valiosos,

ממשמש בהו. o seu dono constantemente os está verificando e estará assim ciente de sua perda tão logo ela ocorra. Portanto, quem os encontrar poderá ficar com eles, conforme a opinião de Abaiê.

תאנה נמי No caso da árvore de figos também,

מידע ידיע דנתרא. pois podemos dizer que o dono está ciente que os figos tendem a cair da árvore e, portanto, ele perde a esperança antecipadamente de recuperar os figos. Estes são, portanto, casos de abandono consciente.

אלא סיפא Entretanto, o trecho final desta Mishná

לרבה קשיא. דקתני: traz uma dificuldade em relação à opinião de a Rava, porque diz que

azeitonas e alfarrobas encontradas nas mesmas condições são proibidas de pertencer a quem as encontrar. Como para Rava, o dono, assim que perder as azeitonas e alfarrobas, já deverá ter perdido a esperança de recuperá-las, como explicar a proibição de sua posse por quem eventualmente as encontrar?

A Guemará responde:

O Rabino Abahu diz em defesa de Rava:

a azeitona é diferente שאני זית

porque a sua aparência atesta a sua identidade de seu dono, de tal sorte que,

e mesmo que azeitonas caiam no chão, ואף על גב דנתרין זיתי

é reconhecível o seu dono מידע ידיע

pois o lugar de uma pessoa é דוכתא דאיניש איניש הוא. aquela pessoa, isto é, azeitonas encontradas no lugar de uma pessoa são reconhecidas como pertencentes a esta pessoa. Portanto, o dono não perderá a esperança de recuperá-las. NA

NA – É possível, comparando as azeitonas caídas com aquelas ainda na árvore próxima, atestar que elas caíram daquela árvore e, portanto, identificar seu dono como aquele que possui a árvore. Desta maneira, o dono da árvore sabe que quem passar identificará as azeitonas como tendo um dono e não se apoderará delas (Schottenstein, Bava Metsia 21b4).

A Guemará pergunta:

הכא **Se é assim**, que a aparência do fruto pode indicar a quem ele pertence,

אפילו רישא נמי. **então mesmo no trecho inicial da Mishná** no caso dos figos, podemos dizer **também** a mesma coisa! Por que, então, a Mishná permite a quem encontrar figos na rua, que poderiam ser identificáveis quanto à sua origem, ficar com eles? E a Guemará responde:

O Rabino Papa disse: אמר רב פפא:

um figo que caiu no chão não é **apetitoso**. **Portanto**, após a queda dos figos da árvore, seu dono original os abandonará mesmo se os figos forem identificáveis quanto à sua origem.

A Agadá

Agadá é todo material presente no Talmud, e fora dele, que versa sobre temas de cunho não legal (Halachá). A Agadá aborda diversos temas, como interpretações de passagens bíblicas, história, ética, etiqueta, filosofia, folclore, medicina, astronomia, sabedoria popular e provérbios, estórias, parábolas, etc. Segundo o poeta Chayim Nachman Bialik (1873-1934), “a Agadá está para a poesia assim como a Halachá para a prosa”.

A composição da Agadá iniciou-se no quinto século antes da era atual e atingiu seu auge entre o segundo e o quarto séculos desta era. A Agadá é responsável por um terço do conteúdo do Talmud Babilônico e um sexto do Talmud Palestino (*Ierushalmi*). Além do Talmud, textos agádicos são encontrados também nas diversas coleções de Midrash.

Midrash (pesquisa) é, ao mesmo tempo, um método de interpretação das Escrituras e uma coletânea de escritos de conteúdo legal (Midrash Halachá) e não legal (Midrash Agadá). O Midrash Halachá consiste nos comentários exegéticos de conteúdo legal, presentes no Êxodo (Mechilta), Levítico (Sifra), Números (Sifri) e Deuteronômio

(Sifri). O Midrash Agádico, por sua vez, originou-se das explicações dadas às porções da Torá lidas nas sinagogas semanalmente. Presentes desde o período tanaítico, entretanto, as principais coleções de Agadót (plural de Agadá) que compõem o Midrash Agadá, conhecidos hoje, datam dos anos 400 a 1100 desta era. O mais conhecido destes textos é o Midrash Rabá (Grande Midrash), que contém comentários baseados no Pentateuco e nas cinco Meguilót (rolos de Cântico dos Cânticos, Rute, Eclesiastes, Ester e Lamentações).

Há outras coleções agádicas (Midrashim) como, por exemplo, o Tanchumá e a Pessicta, que também se baseiam no Pentateuco, e outros, que versam sobre os livros dos Salmos, de Samuel e de Provérbios. Há também outros Midrashim baseados em conteúdos não bíblicos, como o Avot de Rabi Natan e Pirkê de Rabi Eliezer, ambos contendo ensinamentos éticos, além de comentários bíblicos. Existem também antologias agádicas da era medieval, como o Ialcut Shimoni, Ialcut Hamakiri e En Iaacov.

Devido às suas amplas finalidades de ensinar conteúdos éticos e morais através de parábolas e histórias, o processo criativo que deu origem ao Midrash Agadá nunca terminou. Nos séculos mais recentes, a maior fonte de obras agádicas é, provavelmente, a produção chassídica dos séculos XVIII e XIX. Antologias agádicas ainda mais recentes foram editadas por Wilhelm Bacher e Louis Ginzburg.

A Agadá e o Talmud

Segundo o rabino Chajes, a função da Agadá é melhorar a conduta das pessoas, imbuindo-as dos princípios fundamentais da fé mosaica. A Agadá seria então um instrumento para o conhecimento e entendimento destes princípios. Através da interpretação de trechos das Escrituras aparentemente de significados mais obscuros, a Agadá revela princípios como a Unidade de Deus, o livre arbítrio, a imortalidade da alma, os mistérios da providência Divina e da profecia, etc. Além destes conteúdos, a ênfase no aperfeiçoamento individual através do enaltecimento das boas qualidades, do caráter e da ética tornou a Agadá um importante instrumento de progresso do povo judeu, rumo ao ideal de converter-se em uma comunidade santificada pela prática dos princípios que foram outorgados por Deus.

De fato, acredita-se que todo o conteúdo da Agadá, a exemplo daquele presente na Halachá, tenha também sido dado oralmente por Deus no Sinai, e o emprego de regras hermenêuticas, que lhe confere sustentação nas Escrituras, tenha principalmente uma finalidade mnemônica. Acredita-se que especialmente as Agadót que versam sobre os princípios da fé, tenham origem sianítica; são geralmente introduzidas por frases como “Temos por tradição” ou usam o termo “Massóret” (tradição, em hebraico).

O estudo da Agadá, como o da Halachá, também é feito através de um método que compreende, além das regras hermenêuticas já mencionadas (capítulo 7), outras, como por exemplo um conjunto de 32 regras (Midót) propostas pelo rabino Eliezer ben Iossi, o Galileu. Estes métodos eram empregados sempre que se necessitava enaltecer alguma virtude, visando assim influenciar que outros indivíduos também a manifestassem. Da mesma forma, a condenação de atitudes erradas, como falhas de caráter ou outras facetas indesejáveis do comportamento humano, serviu-se destes mesmos recursos.

A utilização destas regras de interpretação permitia aos rabinos encontrar suporte textual nas Escrituras Sagradas para enaltecer virtudes e condenar as falhas dos israelitas (Chajes). Muitas vezes, tanto no elogio como na crítica, os rabinos serviam-se de uma linguagem aparentemente exagerada e embasada - também através das supramencionadas regras - nas Escrituras Sagradas. Desta forma, procuraram os sábios impressionar o povo e, assim, conduzi-lo ao cumprimento dos mandamentos Divinos.

Outro recurso utilizado pelos sábios com o mesmo intuito foi a criação de parábolas que visavam, através do exemplo de situações vivenciadas no dia-a-dia, transmitir conteúdos ético-morais de uma maneira mais acessível aos israelitas menos eruditos.

Um dos princípios importantes do estudo do Talmud é a identificação, quando possível, do sábio que relata uma determinada Agadá ou enuncia uma Halachá. Desta forma, podem-se procurar outras

citações suas no Talmud para melhor compreendê-las. O conhecimento do autor de um texto pode, portanto, enriquecer sua compreensão ao se conhecerem detalhes de sua vida, seu nível de erudição e como ele reagiu frente a outras disputas, ou que outras Agadót dele se originaram no Talmud.

Assim, ao identificar um sábio no contexto de um debate talmúdico, podemos através do conhecimento de sua reputação e *status* de erudição (Tanaíta ou Amoraíta), entender o porquê da escolha, por exemplo, de um ponto de vista sobre outro. Nestas situações de debate, privilegia-se, geralmente, o ponto de vista do sábio de maior erudição.

Outra característica é o enaltecimento de personalidades bíblicas através do destaque de suas virtudes e boas ações, assim como a crítica severa aos erros cometidos por personagens bíblicos de reputação questionável. A admiração pelos personagens bons e justos é tal que, mesmo quando estes atuaram de maneira aparentemente má, procura-se justificar seus atos com base nas Escrituras, visando melhor compreender as razões ocultas que fizeram com que este ato, aparentemente criticável, tivesse sido cometido.

Outro recurso empregado por nossos sábios é a citação de personagens diferentes sob um mesmo nome quando são encontradas similaridades em seus caracteres ou ações (Chajes). Da mesma maneira, os próprios nomes de personagens bíblicos prestaram-se a interpretações homiléticas pois, segundo eles, o nome

de uma pessoa teria uma influência sobre seu caráter ou destino futuros (Chajes).

Os rabinos também intercambiavam as letras Hê (v) com Chet (j), Shin (a/) com Sin (/a), assim como podiam alterar a pontuação de frases. Desta maneira, obtinham novas linhas de interpretação homilética, de forma embasada nas Escrituras. Nestes casos encontra-se, comumente, a frase “*Al Tivre*” (não leias assim **mas desta outra maneira**) para sinalizar a utilização deste recurso interpretativo.

No Talmud encontram-se, portanto, diversas Agadót com vários intuitos como, por exemplo:

- a** inspirar ou suscitar a curiosidade das pessoas;
- b** expressar ideias profundas de maneira figurativa;
- c** relatar milagres;
- d** relatar parábolas para veicular um conteúdo moral.

Em alguns trechos, como visto acima, usa-se o recurso do exagero (hipérbole) e um tratamento não literal aos números. Há também, em algumas Agadót, ideias referentes a demônios, bruxaria, encantamentos, sonhos, astrologia, remédios e métodos de cura.

O material que compõe a Agadá é tão vasto e heterogêneo que foi recebido de maneira não uniforme por nossos sábios. Estes, ora o

veneravam, ora não o consideravam com a mesma deferência dada ao conteúdo legal (Halachá) do Talmud.

Assim, com vistas a aclarar melhor o valor do conteúdo agádico presente no Talmud, traremos a seguir a tradução do capítulo 8 da Introdução ao Talmud escrita por Maimônides (rabi Moshe ben Maimon, o Rambam). Nele, de maneira extremamente inteligente e ao mesmo tempo intuitiva, Maimônides nos faz sentir o imenso valor deste vasto conteúdo agádico.

Introdução ao Talmud de Maimônides

(capítulo 8)

(Traduzido da versão do Rabino Zvi Lampel in “Maimonides’ Introduction to the Talmud”, Judaica Press, Brooklyn, NY, 1998, págs. 149-168).

A Guemará

O rav Ashi **NA¹** devotou-se à composição da Guemará e decidiu fazer com as palavras de todos aqueles que vieram depois de Rabênu ha-Cadosh **NA²** aquilo que o Rabênu ha-Cadosh fez com as palavras de todos aqueles que vieram depois de Moisés: ele coletou todas as palavras destes oradores, as deliberações dos pensadores, as explicações dos comentaristas e as complexidades de ordem legal. Ele as juntou e atingiu o seu pleno conhecimento com a sabedoria

que o Santíssimo, bendito seja, lhe dotou, na forma de uma alma humilde e glória de conhecimento, e compôs a Guemará.

NA¹ – Rav Ashi (4113-4187) foi o chefe da academia de Sura.

NA² – Rabênu ha-Cadosh, nosso santo rabino; rabino lehudá (Judá) Ha-Nassi, compilador da Mishná, conhecido também simplesmente por Rabi.

Ele quis atingir quatro objetivos **com esta obra**:

1 Explicar os dizeres da Mishná através do registro: a) de opiniões divergentes em sua intenção; b) de argumentos de cada intérprete em oposição ao seu colega, e c) do enunciado da opinião correta. Este foi o seu intento principal.

2 Registro das decisões finais, seguindo a opinião de um dos dois oponentes na discussão relacionada à versão precisa da Mishná, sobre a sua interpretação ou às novas leis (instituídas pelos Tanaítas e incluídas na Mishná).

3 Registro das novas aplicações que os sábios de cada geração derivaram da Mishná, demonstrando os princípios básicos subjacentes nos quais os Tanaítas da Mishná se basearam, organizando-os da forma que conhecemos atualmente; além de registrar **também** as Guezerót e Tacanót adicionais, promulgadas desde a época de Rabênu ha-Cadosh até os tempos do autor **desta obra** (Rav Ashi).

4 Para registrar os ensinamentos (Derashót) agádicos apropriados para o tópico de cada capítulo dentro do qual **estes ensinamentos** são agora encontrados.

Os ensinamentos (Derashot) Agádicos

Quanto ao valor e ao benefício do quarto item - os ensinamentos agádicos -, este não pode ser compreendido como pequeno; ao contrário, os ensinamentos agádicos possuem grande profundidade, a julgar pelas suas preciosas alusões e tesouros. Quando se procede a uma séria análise dos ensinamentos agádicos, o que se perceberá é uma medida da Essência da Verdade, da qual não existe outra de igual valor. Através destes ensinamentos, depreendem-se partículas de conceitos Divinos e realidades fundamentais que homens de visão tinham guardado sem intenção de revelá-las, assim como tudo o que os filósofos daquela geração estabeleceram.

Então, se inspecionares os ensinamentos agádicos e os entenderes segundo seus significados aparentes, **poderás** encontrar ideias expressas de maneira que chegam às raias do absurdo. Os sábios assim as organizaram, desta maneira desordenada, por razões da maior importância. Antes de mais nada, seu propósito era aguçar as capacidades de seus discípulos e ampliar os horizontes de suas mentes. Outro propósito foi ocultar aos tolos a real substância **dos ensinamentos agádicos**, para que suas mentes não a captassem, pois, caso estas verdades brilhantes lhes fossem transmitidas de maneira simples, eles **os tolos** poderiam virar suas faces e ridicularizá-las, devido à sua natureza simplista. “Não revele o segredo para eles” (Kidushin 71a), pois seu intelecto não é

suficientemente desenvolvido e aperfeiçoado a ponto de entender estas verdades adequadamente.

De maneira semelhante, nossos sábios não queriam nunca discutir publicamente estas Verdades, mesmo entre eles mesmos. Eles já haviam notado (Chaguigá 13a) que um dos sábios se havia associado a um homem bem versado em Maassê Bereshit [o relato da Criação](#), sendo este mesmo sábio um especialista na ciência profunda de Maassê Ha-Mercavá [o significado subjacente à descrição da carruagem da profecia de Isaías](#), e lhe propôs: “Ensina-me o Maasse Bereshit e eu te instruirei sobre Maassê Ha-Mercavá”, e ambos concordaram. Entretanto, depois de ter aprendido Maassê Bereshit, ele se esquivou de ensinar o Maassê Ha-Mercavá.

Agora - Deus não permita!- ele fez isto por maldade, para não difundir o conhecimento, ou por que desejava ser superior em conhecimento? Pois sendo estas características tão desprezíveis para qualquer tolo, quanto mais para um dos nobres príncipes! Ele assim o fez porque considerou a si mesmo apto a compreender o conhecimento que eles possuíam e, entretanto, [ele também](#) os considerou incapazes de absorver aquilo que conhecia. Ele corroborou sua decisão citando as palavras de Salomão: “mel e leite estão embaixo de sua língua!” (Cântico dos Cânticos 4:11), querendo se referir àquelas doces ciências - pelas quais a alma tem desejo, assim como o palato anseia por leite e mel- e que devem ser escondidas e não propaladas, ou mesmo mencionadas superficialmente durante uma discussão.

A frase “embaixo de sua língua” implica que estes assuntos não devem ser publicamente ensinados e demonstrados, inclusive em academias de conhecimento, como as Ieshivót. De fato, estes assuntos são abordados nas Escrituras apenas sob a forma de veladas alusões. Quando o Santíssimo, bendito seja, quiser remover o véu de ignorância da mente daquele a quem Ele assim designar - depois daquela pessoa ter experimentado e estiver imbuída, ela mesma, destes tipos de Sabedoria -, então [aquela pessoa](#) compreenderá parcialmente seu significado em proporção ao seu intelecto.

Munido de sua sabedoria, pesquisa e pronto esforço intelectual, o homem não tem nada mais a fazer além de deixar este assunto nas mãos do Criador, para suplicar e rezar para que Ele o ilumine e lhe revele os Segredos que estão escondidos nas Escrituras, como fez David: “Descobre meus olhos e eu examinarei as maravilhas da Tua Torá.” (Salmos 119:18). E quando o Santíssimo, bendito seja, descobre os olhos de um homem e lhe mostra o que quer que lhe seja dado enxergar, este homem deve, por sua vez, omitir esta informação dos outros, conforme explicamos. Se ele tiver que se referir a qualquer parte [deste conhecimento](#), deve fazê-lo apenas para alguém com um intelecto plenamente desenvolvido e aperfeiçoado, e para um homem de reconhecida integridade de caráter, como ilustrado em diversas situações relatadas no Talmud.

É, portanto, inapropriado que um erudito revele aquilo que ele queira dos Segredos, a não ser que o faça para alguém de maior ou, no mínimo, igual nível de erudição. Pois, caso o faça para uma pessoa

ignorante, mesmo que esta não o desacredite, ela não apreciará [este conhecimento](#) de maneira apropriada. Por esta razão, Salomão, o sábio, falou: “Não fales aos ouvidos do tolo, pois ele despreza o conhecimento de tuas palavras” (Provérbios 23:9).

Uma terceira razão pela qual os sábios compuseram suas Derashot desta forma deve-se ao fato que a instrução das massas de uma nação deve ocorrer através destas alusões e parábolas, para que mulheres, jovens e crianças também se beneficiem delas, até que ocorra o desenvolvimento e aperfeiçoamento de seus intelectos, quando então compreenderão e se iluminarão nos significados reais subjacentes a estas alusões. Salomão também se referiu a esta ideia quando afirmou (bem no início do Livro dos Provérbios): “...para entender (o significado) de um provérbio e uma referência alegórica, a fala dos sábios e suas alusões” (Ibid. 1:6).

Por estas três razões, os sábios apresentaram suas Derashot em um estilo pelo qual a mente de um tolo, pelo seu modo de pensar, as rejeitaria prontamente. É impróprio atribuir esta deficiência ao ensinamento agádico; deve-se preferivelmente considerar esta deficiência como devida à nossa própria deficiência intelectual. Então, quando alguém achar qualquer uma destas parábolas muito difícil de ser compreendida, de acordo com seu sentido mais simples, ele deve se surpreender com uma mentalidade como a sua, que não consegue compreender o conceito que realmente se queria veicular [através da parábola](#), de tal sorte que a realidade esteja tão infinitamente distante dele! Porque é fato que alguns intelectos podem ser avantajados em relação a outros, em função das qualidades [intelectuais](#) que os

compõem. Como podemos encontrar a compleição física de um homem mais avantajada do que a de outro, também pode o intelecto de um indivíduo ser superior ao de outro. O intelecto de alguém que entende um assunto complexo é inquestionavelmente superior ao daquele que não o consegue. O primeiro é denominado Intelecto Ativado; o segundo, Intelecto Latente. É por esta razão que algumas coisas aparentam ser o epítome da verdade e a claridade aos olhos dos homens, embora alguns as considerem pretensiosas ou mesmo impossíveis, sendo todas [estas considerações](#) feitas de acordo com o nível de sabedoria de cada um.

O que se segue é uma clara ilustração deste fato: imagine um homem erudito em medicina, aritmética e música; que seja fluente em física, inteligente e de boa natureza, mas que, entretanto, seja ignorante em geometria e astronomia. Suponha que o informemos [de alguns dados](#) e, então, peçamos a sua opinião sobre a afirmativa de um [outro](#) homem que diz que a forma do Sol, vista por nós como um pequeno disco, é realmente esférica e que seu tamanho é $166 \frac{3}{8}$ vezes o da Terra, sendo a esfera da terra um globo de 24.000 milhas de perímetro [de acordo com Ptolomeu](#) e que, através deste método, possamos calcular o perímetro do Sol. Não há dúvida que este homem inteligente, que é tão esclarecido nas ciências mencionadas, seja incapaz de acreditar nestas informações. Tudo isto na sua opinião é vago e incompreensível. Imediatamente, sua mente lhe dirá que qualquer alegação de conhecimento acerca deste assunto é absurda. Como é possível - ele desafiará - a um mortal qualquer, que ocupa uma pequena parte da superfície da Terra, saber as dimensões da esfera solar, seu perímetro e área, a ponto de sua

mente compreender tais dimensões da mesma maneira como se compreendem as dimensões de um pedaço de terra? Ele perguntará: “Como isto é possível? Se a esfera solar está no céu a uma grande distância - sendo-nos impossível discernir qual é a composição do Sol, uma vez que só podemos perceber o seu brilho -, como então um mortal pode chegar até lá e medir a esfera solar com tamanha precisão que chega até três oitavos de exatidão? Isto é um absurdo inédito!” Não haverá dúvida em sua mente da impossibilidade e do absurdo de tal alegação.

Mas se ele aprendesse com o estudo dos textos de geometria e entendesse os cálculos matemáticos das relações que são determinadas pelas conhecidas propriedades das esferas e de outros tipos de formas geométricas, e seguisse estudando os textos escritos com este intuito - como, por exemplo, o famoso Almagesti NA que versa sobre cálculos envolvendo esferas celestes -, então o sentido da alegação inicial se tornaria claro para ele, que a consideraria, assim, inquestionavelmente verdadeira e provada. Ele não perceberia nenhuma diferença entre o fato das dimensões do Sol serem como antes lhe fora explicado, assim como o fato da própria existência do Sol. Sua mente se teria acostumado então a aceitar o que originalmente lhe parecera a mais desconexa e vaga alegação na qual ele agora passa a ter perfeita fé.

NA – Título árabe (século IX) da obra astronômica de Ptolomeu (século II e.c.).

Isto é inteiramente possível frisando-se que não estamos nos baseando no exemplo de um homem que é ignorante em outras ciências, mas em um que é bastante inteligente, apto e sábio.

Entretanto, a pergunta que inicialmente lhe fizemos era pertinente a um campo do conhecimento denominado matemática, **NA** que é quase tão avançado como a metafísica.

NA – Também inclui geometria e astronomia.

Quanto mais, então, nossa opinião estaria correta em relação ao indivíduo sem nenhum conhecimento e que não se tenha familiarizado ainda com matemática, e que tenha apenas passado da inteligência não desenvolvida de sua mãe para a de sua esposa! **NA** Quando este indivíduo for inquirido acerca dos conhecimentos Divinos, que estão ocultos sob a superfície das Derashot, eles invariavelmente serão considerados tão inacessíveis a seus olhos como os céus são para a Terra, e sua mente não terá a capacidade de entender sequer uma de suas palavras.

NA – cuja mente tem o potencial de se desenvolver como qualquer outra sem instrução prévia. De fato, as profetisas atingiram o mais alto nível de perfeição intelectual.

Portanto, seria apropriado que déssemos às Derashot o benefício da dúvida, e nos seria útil então analisá-las em profundidade, e não sermos precipitados ao deixar de considerar sequer uma de suas palavras. Quando qualquer de suas palavras nos parecer inacessível, devemos imergir nos vários campos do conhecimento até que entendamos os conceitos em questão, se nossos corações estiverem aptos a abordá-los.

Mesmo os sábios, apesar de terem mentes excelentes e de sua sede de saber, trabalhavam duro em suas pesquisas na companhia de profundos eruditos e, apesar de se distanciarem de todos os assuntos

mundanos, ainda assim se consideravam inferiores aos sábios que os antecederam: “A grandeza dos ancestrais é tão grande quanto à entrada de um vestíbulo, enquanto a dos modernos não chega ao orifício de uma agulha!”(Eruvin 53a).

Isto então se aplica certamente a nós, de quem a sabedoria cessou e desapareceu quando o Santíssimo, bendito seja, informou-nos que “a sabedoria dos homens sábios perecerá e o entendimento dos homens de conhecimento será obliterado”(Isaías 29:14). Nós, então, cada um de nós, a quem as Escrituras atribui quatro características adversas: 1) intelecto fraco; 2) fortes desejos superficiais; 3) descaso na busca do conhecimento e 4) zelo pelas gratificações superficiais - as quatro deformidades -, como é que podemos não nos considerar deficientes em comparação a nossos predecessores?!

E como nossos sábios, que viveram mais tarde, perceberam este fato (que descansem em paz!) - que todas as palavras de seus predecessores eram claras e puras, sem nenhuma afirmativa supérflua -, eles nos comandaram e exortaram a que nenhum homem os ridicularize: “Qualquer um que ridicularize as palavras dos sábios é condenado ao excremento fervente (no mundo vindouro)!” (Guitin 57a). Não encontrarás excremento fervente maior do que a estupidez que permitiu que um degenerado ridicularizasse as palavras dos sábios! Assim jamais encontrarás alguém que desconsidere as suas palavras, exceto um homem que busca gratificação superficial e se concentra em prazeres físicos, alguém que não iluminou seu coração com o brilho reluzente da Torá.

E eles **os sábios** viram a verdade de suas palavras e devotaram suas vidas inteiramente ao objetivo de conhecer a Torá. Eles **também** nos ordenaram que fôssemos diligentes no seu estudo, à noite e em parte do dia, e consideraram esta meta o máximo da sabedoria, como de fato é.

Análise de um “DErash”

Eles dizem: “O Santíssimo, bendito seja, não tem nada em Seu mundo (que o interesse), exceto os quatro cúbitos da Lei Judaica” (Berachot 8a). Agora, concentra-te nesta afirmativa, porque se a entenderes de acordo com seu significado aparente, a acharás muito distante da verdade. Como se a área de quatro cúbitos da Lei Judaica, **NA¹** em si mesma, fosse toda ela tudo o que interessasse a Deus completamente, e como se todas as demais ciências e ramos do conhecimento fossem por Ele rejeitados! E nos tempos de Shem e Éver, **NA²** e mesmo depois, quando ainda não existia a Lei Judaica, **NA³** podemos dizer que o Santíssimo, bendito seja, não tinha nenhum interesse no mundo?

NA¹ – Isto é, nesta área apenas, delimitada por quatro paredes.

NA² – Filho e neto de Noé, que dirigiram uma Academia, continuando assim a transmissão da história.

NA³ – Antes da revelação do Sinai, não havia um sistema de leis outorgado por Deus. Os profetas de então persuadiam o povo a seguir o caminho correto sem, entretanto, transmitir diretamente mensagens de Deus.

Entretanto, se analisares esta afirmativa de forma profunda, verás nela contido um conceito estarrecedor, que tu reputarás como amplo e capaz de tudo incluir. Agora, eu o elucidarei para ti, para que o uses como modelo para qualquer outro Derash similar que encontrares. Portanto, aplica teu coração apropriadamente a isto:

O propósito de todas as entidades

Deves saber que os filósofos antigos investigaram cuidadosamente, com a sabedoria e o raciocínio que lhes foram conferidos, até que chegaram à conclusão de que toda coisa **entidade** que existe tem um propósito para sua existência. Entidades não existem sem um propósito. Quando eles estabeleceram esta regra geral, começaram a categorizar cada objeto existente de maneira a compreender o propósito de cada um. Eles achavam que o propósito de cada objeto existente que tenha sido manufaturado, isto é, feito de maneira artesanal, é conhecido e não carecia de investigação para ser compreendido. Um artesão não manufaturaria um objeto sem que antes seu propósito não estivesse primeiramente representado na imaginação de sua mente. Por exemplo, um carpinteiro não construiria uma serra sem que primeiramente concebesse como poderia cortar madeira **sólida**, imaginasse a forma de uma serra e então começasse a construí-la com vistas a cortar com ela. Portanto, é sabido que o objetivo da serra é serrar a madeira, o do machado, cortar, o da agulha, costurar, e é assim com cada objeto existente, feito através de uma habilidade artesanal humana.

Entretanto, no caso de entidades criadas pela obra Divina, a sabedoria da natureza, como as diversas espécies de árvores e grama, os vários minerais da terra, os diferentes tipos de pedras e espécies de animais -, os propósitos de alguns destes são ocultos e completamente ignorados (a não ser que venham a se tornar conhecidos através de profecia ou através de visões do futuro); mas a obtenção de tais conhecimentos por investigação científica é impossível, porque está além da capacidade do homem investigar tão profundamente a ponto de compreender, por exemplo, por que razão alguns insetos foram feitos com asas e outros não, por que alguns vermes têm muitas pernas e outros só algumas, e qual é o propósito preciso da existência de um verme específico ou de um tipo de formiga.

Entretanto, através do maior conhecimento do propósito destes objetos e seres, cujas ações são mais aparentes, a grandeza dos homens sábios é realmente revelada. Quanto mais sábio, maior é o desejo de apreender, mais claro é o ideal e mais completo e perfeito será o seu conhecimento. Desta maneira, quando o Santíssimo, bendito seja, outorgou a Salomão a sabedoria que lhe fora prometida, Salomão passou a saber tudo aquilo que era possível para um homem saber - na sua capacidade de um ser mortal - dos segredos da criação destas espécies. Ele falou no propósito da criação das árvores, das ervas e das espécies animais: “E falou sobre as árvores - do cedro do Líbano ao musgo que se espraia pela parede -; falou sobre o animal (zoologia), sobre a ave (ornitologia), sobre o réptil e sobre os peixes” (1 Reis 5:13), e isto se constituiu em uma prova de

que ele tinha o espírito Divino dentro dele: “E eles vieram de todas as nações para escutar a sabedoria de Salomão” (Ibid. 14).

O homem e seu propósito

Entretanto, deve ser entendido que, no fim, todos os objetos existentes no mundo sublunar **NA** foram criados somente para o o homem. Das espécies viventes, algumas são destinadas para seu consumo, como é o caso dos carneiros, gado, etc, enquanto outras são destinadas a ajudá-lo em outras finalidades, e não na sua nutrição, como o burro, cuja finalidade é carregar aquilo que o homem não consegue com suas mãos. Cavalos têm a finalidade de permitir ao homem que atinja longas distâncias em um curto espaço de tempo. Algumas delas são espécies cujos benefícios **para o homem** são desconhecidos; entretanto, elas são úteis ao homem de maneiras que ainda não foram reconhecidas.

NA – Em relação a tudo o que existe na terra e não às entidades celestes ou referente aos anjos permanentes.

Da mesma maneira, isto se aplica às árvores e à vegetação: algumas são destinadas para o consumo e outras para se tornarem medicamentos, e isto se aplica tanto às ervas como às outras espécies.

Agora, quanto a qualquer um dos animais ou ervas que encontres sem **aparente** benefício e que não tenham valor nutricional- até onde puderes constatar -, debes saber que chegaste a esta conclusão

apenas por fraqueza de nosso intelecto. É impossível que cada erva, qualquer outro vegetal ou animal - do elefante ao verme - não tenha **algum** benefício para o homem. E a prova disto é que, em cada geração, novas ervas e espécies de vegetais, até então desconhecidas para nossos ancestrais, são descobertas e revelam seus grandes benefícios. Portanto, apesar de não estar dentro dos limites da habilidade da mente humana conceber **atualmente** os benefícios de todas as formas de vegetação da Terra, talvez suas propriedades possam ser reveladas por experimentos conduzidos por gerações futuras.

Se perguntares: “Por que foram criados os venenos, como a erva denominada Bish ou a erva do sangue, através da qual o homem morre e, portanto, não deriva nenhum benefício?”, debes saber que ela tem realmente uma utilidade. Porque se alguém morre ao ingeri-la, isto não ocorrerá se a aplicar externamente pela superfície do seu corpo. Quando perceberes que o homem deriva grandes benefícios de venenos de serpentes e víboras desta maneira, desnecessário será dizer que tais substâncias menos nocivas devem poder também trazer-lhe grandes benefícios.

O propósito do homem é pensar

Agora, desde que se constatou que o propósito de todos estes objetos é **talhado** para a existência do homem, é também necessário

investigar e determinar por qual propósito foi o homem criado. Qual foi o propósito de ter sido formado?

Quando os filósofos deliberaram sobre este assunto, constataram que o homem é provido de várias habilidades, ao contrário de outras espécies de animais e vegetais, que possuem uma ou duas finalidades cada. Veja as palmeiras, que não possuem nenhum outro mecanismo senão a produção de seu fruto. Da mesma maneira em relação aos animais: um tecerá sozinho como a aranha; outro, como a borboleta, construirá, e outro ainda, como o leão, mutilará. Mas o homem faz várias ações. Eles investigaram cada uma de suas habilidades para derivar o propósito de sua criação, e descobriram que o seu principal propósito é desempenhar uma só função para a qual foi criado, sendo suas demais habilidades necessárias a fim de mantê-lo vivo para poder exercer esta função primordial. Esta função é formar conceitos abstratos acurados em sua mente e conhecer realidades **exatamente** como elas são.

Assim a inteligência nos faz concluir que seria uma mentira e uma perda assumir que a missão do homem é apenas comer, beber, copular ou construir uma fortaleza, pois todas estas atividades são externas, efêmeros passatempos, não essenciais, que não se adicionam a seu ser interior ou à sua essência. Além disso, o homem, como todas as outras criaturas, compartilha **da capacidade de realizar** aquelas atividades. Mas a sabedoria é a força que se soma às suas habilidades interiores, é a característica que o eleva de um nível crítico a um patamar de honra e nobreza. Sem o conhecimento, ele é

apenas um homem em potencial e, com ele, converte-se em um homem real.

O homem, antes de ativar seu entendimento latente e o conhecimento, não é mais do que um animal. Ele é indistinguível de outras espécies de seres vivos, exceto por seu poder de raciocínio lógico **que lhe permite** formar pensamentos em sua mente. O mais profundo deles é a idealização, em sua mente, da unidade do Santíssimo, bendito seja, e as ideias Divinas que acompanham este conceito.**NA** Pois todas as demais áreas do conhecimento são meramente meios pelos quais se treina a mente para adquirir o Conhecimento Divino. Uma discussão exaustiva sobre este tópico seria muito longa.

NA – A única maneira de se compreender a Essência Divina é o entendimento de Sua mensagem, isto é, o conhecimento dos 613 mandamentos.

Mitsvót, um pré-requisito para a sabedoria

Entretanto, associados à idealização destes conceitos, devem-se evitar os múltiplos prazeres corporais superficiais. **NA** É elementar que a deterioração da capacidade espiritual atenda à sedução dos prazeres corporais superficiais, e que refinar a capacidade espiritual requeira a supressão **dos desejos** corporais. Pois quando o homem persegue encantos, reforça o sensual acima do conceitual e escraviza seu intelecto a seus desejos, a ponto de se converter em um animal, que não elabora outro pensamento em sua mente senão comer,

beber e manter relações sexuais. Neste **homem, portanto**, o potencial Divino, **manifesto em** seu intelecto, não aflorará, e ele regredirá ao nível de uma criatura impolida, que caminha por um mar vazio.

NA – Estes prazeres corporais incluem não apenas gratificações sensuais, mas todos os prazeres, mesmo os intelectuais, que não são dirigidos ao propósito de servir a Deus.

Está claro, a partir destes postulados, que o propósito do mundo e de tudo o que nele existe é o homem profundamente sábio e bom, e que a ativação de **sua** sabedoria e ação (Mitsvót) fica clara para um indivíduo, membro desta classe de homens. E por sabedoria e ação eu entendo:

a a elaboração na mente das realidades como elas são, captando **para tal** tudo o que é possível ao homem captar, e

b o refinamento e o direcionamento das qualidades natas de um indivíduo adequadamente, ao não deixá-las desviar-se pelas gratificações superficiais e aceitando apenas aqueles prazeres que beneficiarão sua saúde física e melhor desenvolverão seu temperamento.

Portanto, o homem que emula estes conceitos é, ele mesmo, o propósito, o objeto essencialmente desejado. Isto não é apenas sabido pelos profetas, mas mesmo os sábios das nações efêmeras, aquelas que nunca viram profetas ou escutaram sua sabedoria, também perceberam que o homem não é perfeito até que ele incorpore sabedoria profunda e ação. Que as palavras do famoso filósofo sejam suficientes: “O desejo do Todo-Poderoso é que

sejamos entendedores e justos.” **NA** Porque se um homem é aparentemente sábio e entendedor, mas anseia por seus desejos superficiais, ele não é verdadeiramente sábio. Pois é um princípio axiomático do conhecimento que um homem não se deve entregar a prazeres corporais superficiais; ele deve apenas fazer aquilo que lhe permita formar um corpo (e mente) sãos. Quando explicarmos o Tratado de Avót **Ética dos Pais**, daremos a este assunto o tratamento profundo que merece.

NA – Aristóteles.

Desta forma, encontramos que o profeta critica e considera pecaminoso aquele que anuncia que é sábio e se rebela em relação ao cumprimento das Mitsvót, buscando a satisfação de seus desejos superficiais: “Como podeis dizer: ‘somos sábios e a Torá de Deus está conosco’? Eis que a palavra de Deus eles desprezam; qual é a sabedoria que possuem?!” (Jeremias 8:8-9).

Pelo contrário, se um homem é um servo de Deus, abstendo-se de seus prazeres superficiais, afastando-se deles - exceto do que é necessário para a sua saúde - e conduz a si mesmo em todos os outros caminhos que o levem à melhor condição física possível, bem como se esforça em **adquirir** todas as características agradáveis e dons, mas não possui conhecimento profundo, a ele também falta a perfeição, apesar de ser mais perfeito que o primeiro tipo de pessoa mencionada. **Falta-lhe perfeição porque** seus atos estão se desviando por não progredir pelo caminho da verdade.

Em relação a isto, os sábios (que descansem em paz!) declararam: “Uma pessoa rude não pode temer o pecado e nem um ignorante pode ser piedoso”, como já explicamos. E quem sugerir que um ignorante pode ser piedoso, rejeita assim os sábios que já se pronunciaram de forma permanente sobre este fato, bem como nega também a própria razão. Devido a este conceito é que se encontra o mandamento mencionado ao longo de toda a Torá: “E debes aprender” as Mitsvót (mandamentos) da Torá e só depois é que se comanda “para cumpri-los” (Deuteronômio 5:1). Introduz-se este mandamento no sentido de adquirir inicialmente o conhecimento antes da ação **de cumprir o que foi ordenado**, porque, através do aprendizado, o homem atingirá adequadamente a ação, enquanto que esta não lhe trará o conhecimento. **NA** Este é o pensamento **dos sábios** subjacente ao que eles falaram (a paz esteja com eles!): “O aprendizado conduz o indivíduo à ação.” (Kidushin 40b)

NA – É impossível executar adequadamente as Mitsvót que, por sua vez, aperfeiçoam o caráter do homem, sem um profundo estudo de todos os seus detalhes. É desnecessário frisar que, sem um intenso estudo, é impossível ter-se a compreensão dos pensamentos que as Mitsvót foram destinadas a alimentar.

Agora resta um problema adicional. Alguém poderia perguntar: “Acabastes de afirmar que: a) a sabedoria Divina não cria nada em vão, e sim com um propósito; b) que de todas as criaturas do mundo, a mais gloriosa é o homem, e c) o propósito de ser homem é poder idealizar mentalmente conceitos intelectuais profundos. Assim, por que o Santíssimo, bendito seja, produziu todos aqueles homens que não têm a capacidade de formar conceitos intelectuais profundos em suas mentes? Vemos que a maioria dos mortais são desprovidos de

verdadeira inteligência e vazios de sabedoria profunda, buscando apenas saciar seus desejos superficiais, e o indivíduo que é verdadeiramente sábio, que rejeita o mundano, é um **ser** disperso pelas massas, e somente um **destes indivíduos** pode ser encontrado em um número de gerações!” **NA**

NA – Maimônides refere-se a Shimon bar lochai.

A resposta a esta pergunta é que estes tipos de pessoa foram criados para duas finalidades:

1 Para acomodar o indivíduo **verdadeiramente sábio**: se todos os seres humanos fossem buscar conhecimento profundo e estudar filosofia, o processo de manutenção do mundo seria destruído e a espécie de seres humanos extinta em questão de dias. O indivíduo **verdadeiramente sábio** é muito deficiente e necessita de vários serviços. Ele deveria aprender como arar e ceifar, debulhar, moer e cozinhar, fazer as ferramentas necessárias para a execução destas funções, através das quais ele poderia produzir o seu sustento. Da mesma maneira, ele deveria aprender como tecer para produzir suas roupas, como construir para erigir sua morada e como criar todas as ferramentas necessárias para estas atividades. Mas, desta forma, mesmo durante a vida de Matusalém não haveria tempo suficiente para adquirir todas estas habilidades que são críticas e vitais para a existência do homem **verdadeiramente sábio**. Quando então este homem encontraria tempo para estudar e adquirir o conhecimento profundo?

Portanto, o resto da Humanidade foi criado para prover estas funções, necessárias para a manutenção do funcionamento do mundo, para que o erudito possa ter suas necessidades supridas e, assim, se estabeleça uma ordem social e o conhecimento possa existir. Como bem se descreve isto com a afirmativa: “Se não pelos imbecis, o mundo se arruinaria!” Porque não há idiotice no mundo que seja comparável com a do homem comum, pois ele é frágil e de má constituição, e viaja do início da segunda das sete regiões do mundo até o final da sexta. **NA** Ele cruza por oceanos no inverno e trilha por terras áridas no quente verão, arriscando-se mortalmente por entre feras e serpentes para ganhar algumas moedas. Quando recolhe uma fração das moedas pelas quais vendeu seu ser inteiro, ele começa por contratar artesãos para construir um edifício sobre a terra de cimento e pedras, com o intuito de erigir uma fortaleza que dure muitos anos, embora sabendo que não há anos suficientes em sua vida para sobreviver mesmo um edifício de junco. Há maior estupidez e idiotice?! Todos os prazeres do mundo são, da mesma forma, **uma manifestação** de insanidade e insensatez; entretanto, são necessários para a sobrevivência do mundo. Por esta razão os sábios (a paz esteja com eles!) designaram aquele que não possui conhecimento profundo como um “Am ha-Árets” (pessoa do mundo), isto é, um ser criado apenas para supervisionar a manutenção do mundo e cuja descrição eles, portanto, associaram à terra.

NA – De acordo com o sistema de divisão geográfica da terra na época de Maimônides, o mundo era dividido em sete zonas, sendo a primeira e a sétima consideradas inabitadas.

Alguém poderia objetar: “Entretanto, vemos alguns casos de imbecis e tolos que são preguiçosos, não se engajando em trabalho no mundo, enquanto outros lhes servem e se ocupam com suas necessidades, e é possível, inclusive, que o homem sábio e conhecedor esteja também trabalhando para servi-los!” No entanto, de maneira diversa do que parece, a preguiça do imbecil é também servil, na medida em que o produto resultante será direcionado ao homem a quem o Criador deseja destinar. Apesar dele se refestelar com seu monte de dinheiro ou propriedades, o tolo vai ainda ordenar a seus servos que construam um castelo perfeito e bonito, e que plantem uma vinha impressionante, como fazem os reis e outras autoridades.

É possível que o palácio esteja sendo preparado inadvertidamente para um indivíduo piedoso que no futuro poderá buscar refúgio do calor do sol em alguma de suas muitas paredes, as quais serão responsáveis, então, por salvá-lo da morte. “Ele poderá produzir (uma vestimenta), mas o justo a vestirá” (Jó 27:17); ou, um dia, um copo de vinho oriundo daquela vinha será comprado e dará origem a um medicamento denominado Teryaka, que poderá salvar a vida de um homem piedoso e perfeito, mordido por uma serpente. Estes são os caminhos do Santíssimo, bendito seja, e esta é a sua Sabedoria através da qual toda a natureza foi feita; “Ideias de há muito tempo (realizadas com) grande confiabilidade.”(Isaías 25:1)

Este conceito é explicado pelos sábios: “Quando Ben-Zoma se levantava no monte do Templo e via Israel subir para celebrar, **NA'** ele

dizia: Abençoado seja Aquele que criou todos eles para me aliviar!” **NA²**
- porque ele (a paz esteja com ele!) foi peculiar em sua geração.

NA¹ – Uma das três festas de peregrinação, quando os israelitas subiam à colina do Templo em estado de pureza ritual.

NA² – Cada uma destas pessoas da multidão de israelitas que estavam a subir à colina do Templo é peculiar, pode desempenhar uma função específica e, em conjunto, são responsáveis por todas as necessidades (roupa, comida, moradia, etc) de um sábio. A visão desta multidão, ao lembrar-nos de todo este potencial, nos obriga a pronunciar uma bênção (Berachá).

2 A segunda razão para a existência daqueles que não têm sabedoria profunda é um corolário do fato de que homens de sabedoria existem em número muito pequeno, uma situação que é vital de acordo com a sabedoria Divina (e alguém não deve dizer que a Sabedoria Primeira necessita disto, “Por que deveria ser assim?”, assim como alguém não pergunta: “Por que existem nove esferas celestiais?; por que são sete os planetas?; e **por que** as qualidades básicas são quatro?” **NA¹** Porque todas estas e outras situações similares são entendidas desta forma **no contexto** da Criação. Os sábios já explicaram esta situação (Sucá 45b). E o rabino Shimon bar lochai falou a seus contemporâneos: “Mesmo sendo eles gigantes em conhecimento, eu vi aqueles que cresceram em conhecimento e eles foram poucos... e se são dois, eles são eu e meu filho.” (Ibid.) **NA²**

NA¹ – Fogo, terra, água e ar.

NA² – A existência de limites para o conhecimento humano não foi imposta para se obter conformidade com as Escrituras Sagradas. Tal limitação é reconhecida também por vários filósofos, mesmo em outros contextos não religiosos.

Sendo assim, as massas foram portanto criadas para se associarem aos eruditos, para que eles não sejam abandonados em solidão. **NA**

NA – Esta afirmativa relaciona-se àqueles sábios que tinham tal grau de sabedoria que poderiam perceber toda a “Shechiná” (Presença Divina) diretamente e ascender à Academia Celeste sem permissão prévia. Outros sábios, em cada geração, podem atingir, entretanto, graus menos elevados de sabedoria.

Agora podes pensar que este último benefício seja insignificante. Entretanto, ele é essencial e mais importante do que o primeiro. Pois o Santíssimo, bendito seja, Ele mesmo estabeleceu os povos ruins dentro da terra de Israel, para dar aos israelitas companheiros e evitar, desta forma, que os piedosos ficassem sozinhos: “Eu não os banirei em um ano para que a terra não fique desolada...” (Êxodo 23:29). **NA** Os sábios comentaram sobre este conceito: “Qual é o significado de ‘Ki ze col ha-Adam’ - ‘porque isto é tudo: o Homem’ (ou seja, tudo isto é para o Homem)? (Eclesiastes 12:13). O mundo inteiro foi criado apenas para **dar sentido a** este significado, para remover a tristeza e a solidão que ele **o homem** sentiria se estivesse sozinho.”

NA – Nesta passagem, Deus determina uma banição gradual dos Hititas, Canaanitas e Hiveus, que é interpretada por Maimônides como forma de se impedir a solidão dos israelitas.

Portanto, está claro acerca de tudo o que dissemos, que a intenção subjacente à Criação de tudo o que existe no mundo não é nada além do homem perfeito que engloba a Sabedoria e a Ação (Mitsvót), como descrito acima.

Quando contemplares o estudo das palavras dos sábios (a paz esteja com eles!) nestes dois conceitos - sabedoria e ação -, o que afirmaram explicitamente e o que deram a entender através de alusões, verás quanto estavam certos ao falarem: “O Santíssimo,

bendito seja, não tem nada neste mundo (que lhe interesse) além de quatro Amót de Halachá.” **NA**

NA – Em suma, o homem de sabedoria profunda - ou seja, aquele que conhece a Vontade Divina e, portanto, Deus - é o propósito do mundo e dos seus habitantes. As Mitsvót são o meio para que o homem atinja este propósito, ativando seu intelecto dormente e liberando sua mente dos prazeres superficiais que a subjugam. Portanto, as quatro “Amót” da lei (Halachá) presentes na Torá, que especificam como cumprir as Mitsvót de forma adequada, constituem-se na única preocupação de Deus.

Distanciamo-nos um pouco do assunto que pretendíamos abordar inicialmente, mas eu trouxe estes fatos à atenção do leitor porque encantam nossa fé e inspiram o indivíduo a buscar a sabedoria, e não são, a meu ver, sem importância.

Estudo de um trecho maior da Guemará

A Guemará oferece uma outra prova:

Venha e aprenda uma prova para reforçar a opinião de Rava oriunda da seguinte Beraita:

Um ladrão que pegou um objeto de um indivíduo e o deu para outro, **NA**

e de maneira similar, um assaltante que pegou algo de um indivíduo e o deu para outro, **גנב**

NA – A diferença entre um ladrão e um assaltante, neste caso, é que o primeiro rouba em segredo, enquanto o segundo o faz abertamente (Schottenstein, Bava Metsia 21b4).

e de maneira similar, o rio Jordão que transbordou e tomou um objeto de um indivíduo e o deu a outro;

aquilo que o ladrão, o assaltante ou o rio pegou, **נטל**

.e o que o ladrão, o assaltante ou o rio deu, deu. ומה שנתן נתן.

É compreensível que objetos roubados pelo assaltante ou levados pelo rio Jordão pertençam a quem os recebeu

דקא חזי להו ומיאש porque o dono do objeto, nestes dois casos vê quando eles os objetos estão sendo tomados e perde, portanto, a esperança de recuperá-los e assim se desespera pela sua perda.

Mas no caso de um ladrão que usualmente rouba objetos secretamente, será que podemos assumir que

מי קא חזי ליה דמיאש o dono vê o ladrão e, portanto, se desespera pela perda do objeto roubado antes do momento do objeto passar do ladrão a uma outra pessoa?

Ou seja, como a Beraita permite a quem recebe este objeto do ladrão ficar com ele, aparentemente corrobora também a opinião de Rava no tocante a que a transferência do direito de posse sobre um objeto encontrado para aquele que o achou não dependa necessariamente da perda de esperança de sua recuperação pelo seu dono original, antes deste outro indivíduo passar a possuir o objeto perdido.

A Guemará responde:

O Rav Papa interpreta a Beraita de acordo com a opinião de Abaiê como se segue:

o tipo de ladrão ao qual a Beraita se refere é um assaltante armado. Portanto o dono estará ciente de que o objeto

Ihe foi tomado e, por conseguinte, tão logo o ladrão o roube, o dono original perde assim a esperança de recuperar o objeto roubado e, portanto, se desespera pela sua perda.

A Guemará pergunta: הכי

Se é assim, este caso do assaltante armado é igual ao do assaltante. Então, por que citá-lo duas vezes?

A Guemará responde:

A Beraita cita dois tipos de assaltantes. תרי גווני גולן.

Segundo a Beraita, o assaltante é aquele que rouba abertamente, sem medo e sem a necessidade de armas. O ladrão seria aquele que rouba com menos segurança e, portanto, necessita de armas. Em ambos os casos, o dono estaria imediatamente ciente da perda do objeto e, portanto, se desesperaria tão logo fosse roubado. Desta maneira, esta Beraita não serviria para refutar a opinião de Abaiê. A Guemará tenta dar apoio à opinião de Abaiê:

Venha e aprenda uma prova para apoiar a opinião de Abaiê oriunda da seguinte Beraita: תא שמע:

se um rio transbordou e levou embora שטף נהר

bigornas, madeira ou pedras de alguém קוריו עציו ואבניו

e os depositou em um campo de uma outra pessoa, ונתנו בתוך שדה חבירו

הרי אלו שלו **eles** bigornas, madeira ou pedras **pertencem** a quem os achou

מפני שנתיאשו הבעלים. **porque o dono** perdeu a esperança de sua recuperação e, portanto, **se desesperou** pela sua perda. **NA**

NA – Assume-se, neste caso, que a notícia da enchente de suficiente força para levar inclusive objetos pesados é dada ao dono dos objetos quase que imediatamente (Schottenstein Edition, Bava Metsia, 22a1).

A Guemará deduz da Beraita:

טעמא דנתיאשו הבעלים **A razão** pela qual quem encontra as bigornas, madeira ou pedras carregadas pelo rio pode com eles ficar **é que o seu dono** original certamente perdeu a esperança de recuperá-los e, portanto, **se desesperou** pela sua perda.

הא סתמא **Mas em situações comuns** em que o dono ainda não está ciente de sua perda e, portanto, ainda não se desesperou, o(s) objeto(s) perdidos

לא **não** podem passar a pertencer a quem os achou. **NA**

NA – A Beraita também se refere neste caso a objetos não salváveis, isto é, o dono perde certamente a esperança de recuperá-los. Entretanto, se estes objetos fossem salváveis, quem os achou não poderia apossar-se deles (Schottenstein, Bava Metsia, 22a1).

A Guemará rejeita esta prova alegando que a Beraita não se refere a um caso comum mas a algo especial:

הכא במאי עסקינן **Com qual caso** estamos lidando aqui? quando a Beraita menciona que alguém que encontra objetos não

pode deles se apoderar se o seu dono original não se desesperou ainda pela sua perda? **NA**

NA – “Com qual caso estamos lidando aqui? (הכא במאי עסקינן)” Esta expressão é utilizada na Guemará para introduzir uma explicação (אקימתא) cujo intuito é geralmente responder à pergunta que a antecede e limitar a aplicação da Beraita ou Mishná em discussão a um determinado cenário (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, pág. 17).

כשיכול להציל. Com um caso em que **ele pode recuperar** os objetos perdidos. Como os objetos são recuperáveis, não há razão para supor que o dono se desesperaria neste caso pela sua perda e, portanto, quem os encontrar não pode deles se apropriar.

A Guemará questiona esta explicação:

אי הכי **Se assim for,**

considere a última parte da Beraita que cita:

אם היו הבעלים מרדפין אחריהם **Se o dono os está procurando** as bigornas, madeira e pedras

quem os encontra **é obrigado a devolvê-los** para o dono, porque é claro que se ele os está procurando, não perdeu a esperança de recuperá-los e, portanto, ainda não se desesperou pela sua perda.

אי ביכולין להציל **Agora se** no caso a Beraita se refere a uma situação na qual **ele o dono pode recuperá-los** as bigornas, madeira e pedras, **NA**

NA – Por que da existência desta discussão? (במאי אריא) Em geral afirmações em uma Beraita ou Mishná são formuladas visando incluir todas as situações

relevantes. Quando a Mishná ou Beraita ligam uma dada lei a uma situação particular e não usual, ao invés de escolher uma circunstância mais comum, surge a pergunta: por que é necessário especificar esta situação particular, quando a aplicação do conceito em pauta poderia ser geral? (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, pág. 17)

por que falar do caso no qual o dono os está procurando?

Mesmo se ele não os estivesse procurando então a mesma regra seria **também** aplicável, pois a não procura pelo dono não poderia ser interpretada como um sinal de abandono, pois como ele poderia achar que estes itens perdidos seriam recuperáveis, poderia pensar em reclamá-los mais tarde.

Para resolver este problema, a Guemará modifica a explicação prévia:

Com qual caso estamos lidando aqui?

Com um caso apenas no qual ele consegue recuperar os itens perdidos com dificuldade. NA

NA – A dificuldade envolvida para a recuperação dos objetos perdidos neste caso requer que o dono original, uma vez ciente da perda, imediatamente inicie a busca destes itens, pois, do contrário, a dificuldade para encontrá-los aumentará sobremaneira. Desta forma, uma vez ciente da perda, o início imediato das atividades de busca pelo dono denuncia a sua esperança de recuperação dos itens perdidos. Caso ele não inicie imediatamente a busca, pressupõe-se que, ciente do aumento da dificuldade para a recuperação dos objetos oriunda da demora em buscá-los, ele perdeu de fato a esperança de recuperá-los e julga, portanto, a sua busca um ato fútil (baseado em Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, pág. 18).

Portanto, se ele imediatamente começa a procurar estes itens, ele indica que não perdeu a esperança de recuperá-los e, portanto, não se desespera pela sua perda.

אין מרדפין **Entretanto, se ele não procura estes itens,**

está indicando que ele se desespera pela sua perda.

A Guemará tenta novamente corroborar a opinião de Rava:

Venha e aprenda uma prova para confirmar a opinião de Rava oriunda da seguinte Beraita:

Em quais circunstâncias os sábios falaram:

Quando alguém separa a Terumá sem o conhecimento do dono do produto, NA

NA – Terumá é a porção do produto colhido que é dada a um Cohen (sacerdote) e consiste de 1/40 a 1/60 da safra. Esta lei era aplicada apenas à Terra de Israel e, por decreto rabínico, a certas áreas vizinhas. Uma vez separada a Terumá do produto colhido e assim designada, esta adquire um status de santidade que, entre outras coisas, proíbe seu consumo por um não-Cohen (Schottenstein, Bava Metsia, 22a2, nota 12).

aquilo que ele separou sem o conhecimento do dono é assim mesmo considerado Terumá?

Se alguém desceu ao campo de cultivo de seu vizinho

e colheu produto para o dono e separou a Terumá deste produto que foi colhido sem a permissão do dono,

se o dono se opuser a esta separação de Terumá que ocorreu sem a sua autorização sob a alegação de que

ocorreu roubo,

תרומתו תרומה **aquilo que ele separou não é considerado Terumá,**

ואם לאו **mas se o dono não se opõe à separação da Terumá que ocorreu sem a sua autorização,**

aquilo que ele separou é considerado Terumá.

A Beraita ainda elabora mais:

Como alguém sabe ומנין הוא יודע

se o dono proíbe a separação da Terumá que foi separada sem a sua autorização sob alegação de roubo ou não?

Se o dono vem e o encontra quem separou a Terumá הרי שבא בעל הביתומצאו

e lhe fala: Você deveria realmente ir para o produto de tipo melhor para dele separar a Terumá para o Cohen; ואמר לו כלך אצל יפות

e se um produto melhor for encontrado no estoque do dono, אם נמצאו יפותמהן

o que ele o indivíduo não autorizado pelo dono original separou previamente sem a sua autorização será considerado Terumá. תרומתו תרומה

ואם לאו **E se um produto melhor não** for encontrado no estoque do dono,

אין תרומתו תרומה. **o que o indivíduo não autorizado previamente separou não é considerado Terumá. NA**

NA – No caso do dono manifestar a vontade de que um produto melhor seja separado como Terumá e, de fato, este produto estiver disponível, pressupõe-se a sua aprovação do produto de menor valor já separado como Terumá. Se o produto de melhor qualidade mencionado pelo dono, entretanto, não for encontrado, entende-se a manifestação inicial do dono em querer separar Terumá do melhor produto como sarcástica, não se podendo assumir neste caso que o dono tivesse a intenção de separar Terumá daquele produto melhor (Schottenstein Edition, Bava Metsia, 22a2, notas 13 e 14).

ליקטו הבעלים **Se o dono colheu** produto adicional e dele separou a Terumá

והוסיפו עליהן **e adicionou a Terumá** deste produto recém colhido a ela à Terumá antes designada,

בין כך ובין כך **então em qualquer um destes casos se um** produto melhor foi encontrado ou não

תרומתו תרומה. **aquilo que o indivíduo não autorizado separou previamente mesmo sem autorização é considerado Terumá.** O ato do dono de adicionar Terumá à Terumá antes separada indica a sua aprovação à separação da primeira Terumá que ocorreu mesmo sem o seu expresse consentimento. **NA**

NA – Não se deve juntar Terumá separada de um produto com o que não seja considerado Terumá (tevel). Portanto o dono reconhece, ao juntar o que ele acabou de separar como Terumá ao produto que já se havia separado antes com esta finalidade (pelo indivíduo não autorizado), que o que antes se havia separado era de fato Terumá.

A Guemará demonstra agora como esta Beraita parece corroborar a opinião de Rava:

וכי נמצאו יפותמהן **Se produto melhor for encontrado,**

a Beraita diz que o que ele separar é considerado Terumá.

אמאי Por quê?

Quando a pessoa não autorizada separou a Terumá,

o dono não sabia que esta pessoa estava separando a Terumá para ele, o dono. Portanto, a Beraita implica que houve consentimento do dono, mesmo sem o seu conhecimento prévio de que alguém estava separando a Terumá para ele. Similarmente, como vimos anteriormente, Rava considera como abandonado algo perdido mesmo antes do conhecimento do dono, ainda que o desespero do dono pela sua perda ocorra posteriormente.

A Guemará rejeita esta prova:

Rava explicou a Beraita de acordo com Abaiê ao se referir ao caso no qual o dono **NA**

NA – Apesar de estarem em meio a um debate, Rava explica a Beraita de acordo com o ponto de vista de seu oponente: Abaiê. Tal atitude demonstra que os debates entre os sábios do Talmud não são motivados por motivações pessoais mas sim pela indiscutível vontade de descobrir a verdade (Steinsaltz, Bava Metsia, 22a, vol II, pág. 20).

apontou esta pessoa como seu agente para separar a Terumá para ele. Portanto, o dono consentiu antecipadamente com o ato da pessoa que separou a Terumá.

Antes de se ater às particularidades do caso, a Guemará expande sua explicação da Beraita:

Realmente, esta última explicação da Beraita parece mais lógica

porque se você pensar

que o dono não indicou a ele como seu agente para separar a Terumá,

como poderia aquilo que foi separado por ele ser considerado Terumá?

Mas o Misericordioso falou em sua Torá não apenas vocês devem separar a Terumá, mas

vocês também devem separar a Terumá (במדבר יח)
NA

NA – O versículo em estudo (Números 28:18) é o seguinte: "כן תרימו גם אתם" "Então, vós (os Levitas) também deveis separar a Terumá do Eterno, etc."

para incluir o seu agente como alguém que pode legitimamente separar a Terumá em seu benefício. Isto estabelece o seguinte paralelo entre o ato do dono e seu agente:

לדעתכם מה אתם **assim como vocês** os donos, separam a Terumá de maneira válida apenas quando **sabem** a que se está procedendo com este ato de separação,

לרבותאף שלוחכם לדעתכם. **também os seus agentes** devem separar a Terumá **somente com o seu conhecimento** dos donos, tendo sido apontados pelos donos para separar a Terumá em seu benefício. Como, para a separação da Terumá ser válida, é necessário que exista o consentimento do dono em relação à sua separação, a Beraita não poderia, portanto, estar falando de uma pessoa que separa a Terumá sem a prévia autorização do dono, pois esta separação não seria válida mesmo com o consentimento posterior do proprietário. Desta forma, esta Beraita não se presta a corroborar o ponto de vista de Rava.

A Guemará conclui agora esta interpretação da Beraita:

Então com qual **situação** estamos lidando aqui **nesta Beraita**?

Com uma situação na qual ele **o dono** o apontou como **seu** agente

e **lhe disse: vá e separe a Terumá**

mas não lhe falou especificamente para separar a Terumá destes **melhores frutos**

e **usualmente quando o dono separa a Terumá,**

מבינוניתהוא תרום **ele separa a Terumá a partir de um produto de qualidade intermediária.**

ואזל איהו ותרם מיפות. **Entretanto, este agente foi e separou a Terumá a partir de um produto de melhor qualidade.**

ובא בעל הביתומצאו **O dono voltou para sua casa e o encontrou o agente**

e lhe disse:

deverias realmente te dirigir à melhor qualidade de produto e designá-lo como Terumá.

Portanto, se um produto de melhor qualidade do que foi separado como Terumá for encontrado no estoque do dono,

o que o agente separou é considerado Terumá,

e se um produto melhor não for encontrado no estoque do dono,

aquilo que ele separou não é considerado Terumá. NA

NA – Nesta explicação fornecida pela Guemará fica claro que o agente foi legitimamente constituído pelo dono. A dúvida surge neste caso por ter o agente separado Terumá a partir de um produto de melhor qualidade, o que não é o habitual para o dono que geralmente escolhe um produto de qualidade intermediária para esta finalidade.

Considera-se tudo com que o dono concordar ao cabo do ato do agente como o seu desejo inicial, mesmo que não fosse antes expresso de maneira clara. Assim, se se

encontrasse produto de melhor qualidade no estoque do dono, a separação de Terumá de um produto de melhor qualidade - apesar de não ser o habitual para o dono - teria sido o seu desejo inicial e não haveria por que, então, se desqualificar o que já foi separado pelo agente do status de Terumá. Se entretanto este produto de melhor qualidade não fosse encontrado, não se poderia pressupor a anuência inicial do dono para a separação da Terumá a partir de um produto de melhor qualidade, o que invalidaria a separação da Terumá conduzida pelo agente.

A Guemará cita agora um incidente relacionado com uma Beraita citada anteriormente:

Os rabinos Ameimar, Mar Zutra e Rav Ashi אמימר ומר זוטרא ורב אשי

foram ao pomar de Mari bar Issac, לבוסתנא דמרי בר איסק

e seu meeiro trouxe tâmaras e romãs אייתי אריסיה תמרי ורימוני

e colocou as frutas na sua frente. ושדא קמייהו.

Ameimar e Rav Ashi comeram as frutas, אמימר ורב אשי אכלי
mas.

Mar Zutra não comeu preocupado com a possibilidade de que o meeiro estivesse oferecendo as frutas do dono sem o seu prévio consentimento. מר זוטרא לא אכיל

Neste íterim, Mari bar Issac אדהכי אתא מרי בר איסק

os encontrou אשכחינהו

e falou para o seu meeiro: ואמר ליה לאריסיה:

לרובן לא אייתיתלהו לרבנן **por que não trouxeste para os rabinos**

מהנך שפירתא **das finas frutas?** Mar Zutra ainda se recusou a comer.

אמרו ליה אמימר ורב אשי למר זוטרא: **Ameimar e Rav Ashi falaram então para Mar Zutra:**

השתא אמאי לא אכיל מר? **Por que agora não comes, mestre?**

והתניא: **Por acaso a Beraita não ensina**

אם נמצאו יפותמהן **que, se um produto melhor for encontrado no estoque do dono,**

aquilo que ele separou é considerado Terumá?
Da mesma maneira, o comentário de Mari bar Yits'chac deveria ser interpretado como uma expressão genuína de aprovação da conduta do meeiro.

Mar Zutra explica o porquê de ele se manter sem comer das frutas oferecidas pelo meeiro:

Ele lhes falou: **Ele lhes falou:**

אמר רבא: **Assim falou Rava:**

לא אמרו כלך אצל יפות **Os sábios mencionados na Beraita não falaram que você realmente devia ir ao melhor produto, para assim dar validade ao ato do agente**

לענין תרומה בלבד **exceto em relação à separação de Terumá,**

porque a separação de Terumá é uma Mitsvá

e é portanto, provável que o dono genuinamente se satisfaça em cumpri-la de maneira generosa,

mas aqui em relação à fruta oferecida aos rabinos,

a oferta poderia ter sido feita por constrangimento de parecer miserável aos olhos dos outros rabinos visitantes e é por isso.

que Mari bar Yits'chac falou desta maneira e não porque estivesse genuinamente contente pelo seu meeiro lhes ter oferecido do seu melhor fruto. Mar Zutra, portanto, recusou-se a comer.

A Guemará agora cita uma passagem para reforçar a opinião de Abaiê oriunda de uma Beraita que trata das leis de Hech'sher Letumá, isto é, relativas às situações que permitem que uma comida se torne suscetível de contaminação por Tumá, como explicado a seguir. A comida não pode contrair Tumá, a não ser que entre em contacto com um dos sete líquidos, a saber: água, orvalho, leite, mel, óleo de oliva, vinho ou sangue. Entretanto, o contacto com estes líquidos só pode tornar a comida suscetível de contrair Tumá se o dono tiver satisfação com este contacto. A Beraita, a seguir, define melhor esta satisfação do dono da comida com este contacto da comida com um dos sete tipos de líquido mencionados acima. **NA**

NA – As leis referentes à Tumá de alimentos têm sua origem na passagem bíblica abaixo (Levítico 11:34-38):

“E todo alimento (depositado no objeto) que se come, o qual tiver contacto com água alguma vez, ou qualquer líquido que se pode beber com qualquer vaso, este alimento será impuro. E tudo aquilo sobre que cair do cadáver deles será impuro; forno ou fogão (de barro) serão destruídos; impuros são eles e impuros serão para vós. Entretanto, uma fonte ou uma cisterna, lugares de ajuntamento de águas, serão puros; mas quem tocar os seus cadáveres, estando estes dentro das águas, será impuro. E quando cair de seus cadáveres sobre semente que se semeia antes desta ter contacto com água, pura é ela. E quando for derramada água sobre a semente e cair de seus cadáveres sobre ela, impura será para vós”

De acordo com a lei bíblica, um produto colhido só poderia tornar-se suscetível de contrair impureza (Tumá) através do contacto com um objeto ritualmente impuro se, entre o período em que foi colhido até entrar em contacto com o objeto ritualmente impuro, este produto fosse molhado por um dos líquidos acima mencionados. Estes líquidos, por sua vez, deveriam ter sido colocados por sobre o produto colhido intencionalmente pelo dono ou com a sua permissão (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, 22a, pág. 23).

שמע: תא Venha e aprenda uma prova para reforçar a opinião de Abaiê oriunda da seguinte Beraita :

עודהו הטל עליהן se o orvalho ainda estiver sobre eles os produtos que uma pessoa tiver deixado por sobre o seu telhado,

ושמח e ficar contente ao constatar que o produto ficou molhado,

NA

NA – Era hábito naquela época colocarem-se vegetais e frutas no telhado para secar e assim não contrair mofo. Devido à desidratação das frutas e vegetais, que era comum nestas circunstâncias, o seu contacto com o orvalho era bem visto pelo dono. Além disso, o aumento do peso, causado pela hidratação destes vegetais pelo orvalho, aumentaria o seu valor se posteriormente vendidos tendo como base de seu preço o seu peso (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, 22a, pág. 23).

הרי זה (ויקרא יא) בכי יתן. este caso se enquadra na lei da Torá de **“se for colocada água...”**. O produto é agora suscetível a

contrair Tumá, mesmo se mais tarde ele se secar.

נגבו Se o produto já **tiver secado** antes do dono se cientificar do seu contacto com o orvalho,

אף על פי ששמח **então mesmo que ele tenha ficado contente** em saber que o produto tenha ficado úmido,

אינן בכי יותר. **não se aplica** ao seu produto o trecho bíblico

“se for colocada água...”.

טעמא מאי **Qual é a razão** pela qual a Beraita estipula que, se o produto já tiver secado, após o contacto com o líquido que ocorreu sem o conhecimento do dono, a satisfação posterior do proprietário de o produto ter-se umidificado anteriormente é irrelevante ?

לאו משום דלא אמרינן **Não é porque nós não falamos que**

כיון דאיגלאי מילתא דהשתא ניחא ליה **como ficou claro que ele se satisfaz,** com o contacto com o líquido agora,

מעיקרא נמי ניחא ליה **ele também se teria satisfeito originalmente** enquanto o produto ainda estava úmido?

Portanto, a satisfação do dono com o contacto do produto com o líquido não se estende retrospectivamente ao seu conhecimento deste contacto, à semelhança da perda da esperança pela recuperação de um objeto antes do reconhecimento de sua perda pelo dono, conforme preconiza Abaiê.

A Guemará rejeita esta prova:

שאי התם **É diferente lá** no caso do produto

יתן **porque está escrito** em relação àquela lei : **se ele colocar,**

עד שיתן. o que implica que comida não se torna suscetível a contrair Tumá **a não ser que** o dono, em pessoa **coloque** o líquido sobre a comida. **NA**

NA – A Guemará agora irá utilizar um princípio hermenêutico baseado no contraste da interpretação de uma palavra das Escrituras, entre a forma pela qual a sua pronúncia nos foi tradicionalmente transmitida e a pronúncia que resulta unicamente da maneira pela qual está de fato escrita (sem pontuação) na Torá. Este princípio é denominado Kerí uKetiv, כתיב – קרי (lido–escrito). Neste caso, a maneira que nos foi tradicionalmente ensinada para a leitura deste versículo da Torá acima mencionado é Ki iutan (כי יותן), ou seja, “E quando for derramada água...”, ao invés da forma como de fato está escrito na Torá (sem a letra “vav”) Ki yiten (יתן כי), que implicaria um ato feito pelo dono: “Se derramares água...”.

Subseqüentemente na Guemará, Rav Papa - que foi o sábio que inicialmente levantou este contraste de interpretações possíveis para este versículo - reconcilia estas duas interpretações, encontrando na necessidade do conhecimento do dono acerca do contacto do objeto com o líquido, o ponto comum a ambas interpretações.

A Guemará desafia esta interpretação:

אי הכי **Se for assim,**

רישא נמי! **então no primeiro caso também,** quando o dono manifestou seu contentamento enquanto o produto ainda estava úmido, este produto também não poderia estar suscetível de contrair Tumá porque o dono não o tinha molhado pessoalmente.

A Guemará clarifica a sua explicação anterior e responde a este desafio:

התם Lá, na primeira lei exposta na Beraita,

פפא é como o rabino Papa falou,

porque o rabino Papa expôs uma contradição:

כִּי יִתֵּן está escrito na Torá Ki-yiten (כי יתן), que significa: **se ele colocar**. Isto implica que a comida se torna suscetível de contrair Tumá apenas se o seu dono a molhar pessoalmente.

Entretanto, וקרינן lemos estas palavras de acordo com a pronúncia que nos foi legada pela tradição como Ki-iutan (כי יותן), que significa

se for colocado. Isto implica que a comida pode tornar-se suscetível de qualquer maneira pela qual ela se tornar úmida, mesmo se isto ocorrer de forma natural sem a ação do seu dono.

הא כיצד Como pode esta contradição ser conciliada? Devemos dizer que, para a comida tornar-se suscetível a contrair Tumá pelos meios naturais,

requeremos que a situação que se entende pela forma pronunciada como Ki-iutan **se for colocado** isto é, por contacto natural, seja

comparável à situação implícita pela pronúncia Ki-yiten **se ele colocar** isto é, contacto feito pelo dono pessoalmente.

Portanto, **assim como** o contacto feito pelo dono, implícito pela forma yiten: **ele irá colocar, ocorre com o conhecimento** do dono, porque o dono certamente estará ciente se ele mesmo molhar o seu produto

também o contacto natural implícito pela forma Ki-iutan: **se for colocado, deve também ocorrer com o conhecimento** do dono, para que este contacto torne algo suscetível de contrair Tumá.

A Guemará apóia agora Abaiê:

Venha e aprenda **uma prova para apoiar a opinião de Abaiê**

porque o Rabi lochanan falou em nome do Rabi Ishmael, filho de lehotsadac:

de onde derivamos que um objeto perdido levado embora por um rio que transbordou

é permitido de ser possuído por quem o encontre?

Porque está escrito na Torá em relação ao mandamento de devolver propriedade perdida :

e assim farás em relação ao seu burro,

e assim farás em relação à sua vestimenta

e assim farás em relação a qualquer objeto perdido do teu irmão

que foi perdido por ele e encontrado por ti. NA

NA – Esta passagem, encontrada no livro Deuteronômio 22:3, é aqui interpretada às custas da aparente redundância da palavra, que significa “dele” equivalente na passagem acima a “do teu irmão”. Baseados na presença desta palavra aparentemente supérflua, nossos rabinos concluíram que o dever de retornar o objeto perdido se restringe, de acordo com esta passagem, a tudo aquilo que fosse perdido unicamente pelo dono, ou seja, objetos que perdidos pelo dono fossem ainda acessíveis a qualquer outra pessoa. Um objeto levado por um acidente natural fora do controle humano, como, por exemplo, um rio que transborda, é, portanto, inacessível de uma maneira previsível a qualquer outra pessoa. Desta forma o objeto se torna “de ninguém” e, assim, não é obrigatória a sua devolução por quem o encontre (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, 22b, pág. 25).

מי שאבודה הימנו Esta passagem nos ensina que apenas **o que é perdido por ele o dono**

אדם **mas acessível a qualquer pessoa deve ser devolvido ao dono.**

יצאתה זו שאבודה ממנו Este caso do objeto levado embora pelo rio que transbordou é, portanto, **excluído** da lei da devolução de objetos perdidos citada acima, sempre que o objeto tenha sido **perdido não só por ele seu dono,**

ואינה מצויה אצל כל אדם. **mas seja também inacessível para qualquer outra pessoa.**

ואיסורא דומיא דהיתירא. **E a situação do objeto proibido** de ser possuído por quem o encontre, isto é, no caso em que quem o encontrou deve devolver o objeto perdido **é comparado** à situação do objeto **permissível** de ser possuído por quem o encontrou, isto é, o objeto que foi perdido de maneira a se tornar inacessível a qualquer pessoa.

מה היתירא **Então, assim como o objeto permissível** de ser possuído por quem o encontre (como aquele carregado pelo rio que transbordou),

בין דאיתבה סימן **tendo ele o objeto um sinal** identificatório

ובין דליתבה סימן שרא **ou não tendo um sinal** identificatório,

אף איסורא **também o objeto proibido** de ser possuído por quem o encontre, como aquele perdido em condições usuais e que deve ser devolvido

בין דאיתבה סימן **é proibido tendo ele o objeto um sinal** identificatório

ובין דליתבה סימן אסורה. **ou não tendo um sinal** identificatório.

NA

NA – A refutação à opinião de Rava baseada nesta passagem pode ser entendida da seguinte forma: 1) se a perda do objeto carregado por um rio que transborda, mesmo que isto acontecesse antes do dono ter ciência deste fato e, portanto, ter-se desesperado pela perda, constitui um caso de “leúsh” antecipado, e 2) se “leúsh” antecipado, conforme a opinião de Rava, fosse a razão para se permitir a posse do objeto perdido - dotado ou não de um sinal identificatório - por quem o encontrasse, então não haveria necessidade de que a Torá assim o indicasse explicitamente, através da aparente redundância da palavra ubnnMimênu,. Desta forma, face à necessidade da permissão explícita da Torá para que quem encontre um objeto perdido desta maneira possa com ele ficar, depreende-se que não se aceita o “leúsh” antecipado (claramente caracterizado neste caso) como suficiente para permitir a posse do objeto pela pessoa que o encontrou. Refuta-se, portanto, a opinião inicialmente proposta por Rava (Steinsaltz, Bava Metsia, vol. II, 22b, pág. 26).

De acordo com Abaiê, esta regra é válida inclusive quando o dono não está ciente de sua perda e, portanto, ainda não perdeu a esperança pela sua recuperação. Entretanto, de acordo com a

opinião de Rava, isto não seria verdade, pois um objeto não identificável quando perdido poderia ser sempre possuído por quem o encontrasse, uma vez que o dono certamente perderia a esperança de recuperá-lo e, portanto, se desesperaria pela sua perda.

תשובתא דרבא תיובתא. Esta é, portanto, **uma refutação** à opinião de Rava que é realmente **uma refutação conclusiva**.

A Guemará agora conclui com uma decisão acerca desta disputa entre as opiniões de Rava e Abaiê:

והלכתא כוותיה דאביי A Halachá é de acordo com a opinião de Abaiê em

seis dos debates travados com Rava, indicados pelo mnemônico צעל רשט e a situação do leúsh (abandono) sem a ciência do dono é a primeira destas disputas.

Ordens e tratados da Mishná e do Talmud

(Baseado em Adin Steinsaltz, The Essential Talmud, Bantam Books, New York, 1977).

ORDEM ZERAIM			
Tratado	Nº de capítulos	Nº de folhas no T. Bab	Conteúdo
Berachót	9	64	Rezas e bênçãos.
Peá	8		Leis de colheita e caridade.
Demai	7		Produtos com dúvidas em relação ao seu dízimo.
Kiláyim	9		Vários tipos de sementes, árvores e animais.
Sheviít	10		Leis do ano sabático.
Terumót	11		Contribuições para os sacerdotes.
Maasrot	5		Dízimos para os Levitas e pobres.
Maaser Sheni	5		O segundo <i>dízimo</i> e seu envio para Jerusalém.
Chalá	4		A oferta da massa do pão para os sacerdotes.
Orlá	3		Proibições acerca da colheita de frutos das árvores por 4 anos.
Bicurim	3		Oferendas dos primeiros frutos para o Templo.

ORDEM MOED			
Tratado	Nº de capítulos	Nº de folhas no T. Bab	Conteúdo
Shabat	24	157	Leis do Shabat.
Eruvin	10	105	Leis sobre limites permitidos no Shabat.
Pessachim	10	121	Leis do Chamets, matsá e do sacrifício pascal.
Shecalim	8		Os pagamentos em shekel para o Templo e para as cerimônias.
Iomá	8	88	Sacrifícios e o jejum de Iom Kipur.
Sucá	5	56	A construção da Sucá, as quatro espécies e a comemoração no Templo.
Betsá	5	40	Leis gerais das festas.
Rosh Hashaná	4	35	Estabelecimento dos meses e anos, o shofar e as rezas de Rosh Hashaná.
Tannit	4	31	Os dias de jejum regulares
Megila	4	32	Leis de Purim
Moed Catan	3	29	Leis dos dias festivos intermediários.
Chaguigá	3	27	Leis para as festas que envolvem peregrinação.

ORDEM NASHIM			
Tratado	Nº de capítulos	Nº de folhas no T. Bab	Conteúdo
Iebamot	16	122	Levirato, casamentos proibidos, testemunho sobre a morte do marido.
Ketubot	13	112	O contrato do casamento e acordos especiais.
Nedarim	11	91	Vários tipos de votos e promessas.
Nazir	9	66	As leis do nazirato.
Sotá	9	49	Leis referentes a adultério, assassinatos e guerra.
Guitin	9	90	Divórcio.
Kidushin	4	82	Casamento e leis da genealogia.

ORDEM NEZIKIN			
Tratado	Nº de capítulos	Nº de folhas no T. Bab	Conteúdo
Bava Cama	10	119	Danos diretos e indiretos.
Bava Metsia	10	119	Perdas, empréstimos, trabalho e contratos por salário.
Bava Batra	10	176	Sociedade, vendas, promissórias e herança.
San'hedrin	11	113	Vários tipos de corte, lei criminal, princípios da fé.
Mackot	3	24	Punição por flagelação.
Shevuot	8	49	Juramentos.
Eduiot	8		Coletânea de testemunhos sobre vários assuntos.
Avodá Zará	5	76	Afastar ídólatras e práticas de idolatria.
Avót	5		Ética e ensinamentos morais.
Horaiot	3	14	Veredictos errados de cortes e sua retificação.

ORDEM KODASHIM			
Tratado	Nº de capítulos	Nº de folhas no T. Bab	Conteúdo
Zevachim	14	120	Leis de sacrifícios
Menachot	13	110	Leis de oferendas, tsitsit e tefilin.
Chulin	12	142	Leis do abate ritual e leis dietéticas.
Bechorot	9	61	Os primogênitos (crianças e animais) animais defeituosos.
Arachim	9	34	Avaliação das oferendas do Templo e solo.
Temurá	7	34	Substituindo uma oferenda animal.
Keritot	6	28	Pecados que requerem eliminação e sacrifícios.
Meilá	6	22	Sinais de sacrilégio contra a propriedade do Templo e como obter perdão.
Tamid	6	8	Sacrifícios diários do Templo.
Midot	5		Medidas arquitetônicas do Templo.
Kinim	3		O que fazer quando vários sacrifícios se misturam.

ORDEM TAHOROT

Tratado	Nº de capítulos	Nº de folhas no T. Bab	Conteúdo
Kelim	30		Vários tipos de utensílios e sua sensibilidade à poluição.
Ohalot	18		Leis de impureza referentes aos mortos.
Negaim	14		Leis referentes à lepra.
Pará	12		Preparação das cinzas da vaca vermelha e o ritual de purificação.
Tahorot	10		Várias leis de purificação.
Micvaot	10		Leis das Micvaot para purificação.
Nidá	10	73	Impureza ritual feminina
Mach'shirin	6		Maneiras pelas quais comidas se tornam ritualmente impuras.
Zavim	5		Gonorreia e como purificar-se dela.
Tevul Iom	4		Discussão de vários tipos de impureza ritual.
Iadáyim	4		Impureza ritual das mãos.
Uc'tsin	3		Categorização de coisas suscetíveis de impureza ritual.

Edições traduzidas do Talmud:

Rabbi Hersh Goldwurm. **Talmud Bavli**. The Schottenstein Edition. Tractate Bava Metzia, Volume 1, Mesorah Publications Ltd., Brooklyn NY, 1995.

Rabbi Adin Steinsaltz. **The Talmud**, The Steinsaltz Edition. Volume II, Bava Metzia, Part II, Random House, Inc., NY, 1990.

Guias sobre o Talmud e seus comentários:

Rabbi Adin Steinsaltz. **The Talmud**, The Steinsaltz Edition. A reference guide, Random House, Inc., NY, 1989.

Rabbi Adin Steinsaltz. **The Essential Talmud**. Bantam Books Inc., NY, 1977.

Rabbi Z. H. Chajes. **The student's guide through the Talmud**. Philipp Feldheim Inc., NY, 1960.

Rabbi Arie Carmell. **Aiding Talmud Study**. Feldheim Publishers, Jerusalem, 1988.

Rabbi Zvi Lampel. **Maimonides Introduction to the Talmud**. Judaica Press Inc., NY, 1998.

Rabbi Moses Mielziner. **Introduction to the Talmud**. Bloch Publishing Co., NY, 1968.

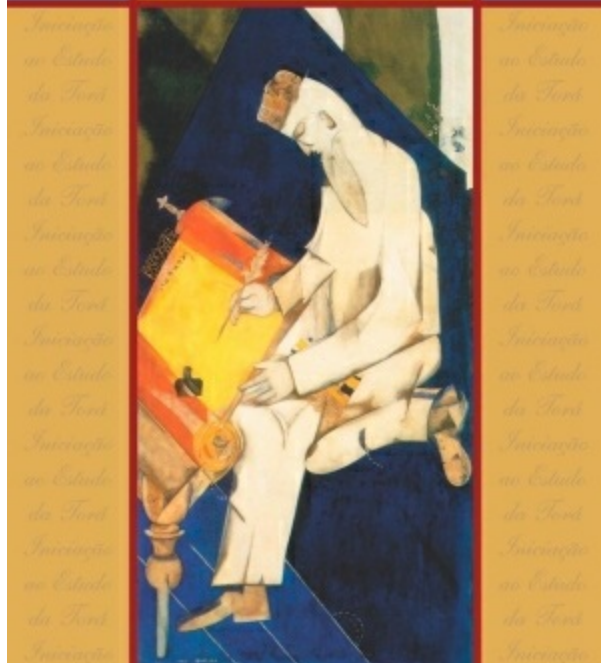
Rabbi Haim Perlmutter. **Tools for Tosafos**. Targum Press Inc., Jerusalem, 1996.

Rabbi Dovid Landesman. **A Practical Guide to Torah Learning**. Janson Aronson Inc., New Jersey, 1995.

Chaim Perl. **Rashi**. Grove Press, NY, 1988.

Rabbi Avigdor Bonchek. **What's bothering Rashi?** Feldheim Publishers, Jerusalem, 1997.

Rabino Meir Matzliah Melamed. **A Lei de Moisés e as Haftarot**. S. Cohen & Cia. Ltda., Rio de Janeiro, 1968.



Iniciação ao estudo da Torá

del Giglio, Auro

9788579310324

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Existe uma forma judaica de se estudar a Torá? SIM, e é isto o que esta obra nos apresenta, através da tradução literal do comentário de Rashi sobre uma das porções semanais da Torá ("Shofetim", Deuteronômio 16:18-21:9), acrescida de notas explicativas e ampliada por comentários de ilustres exegetas judeus de várias épocas - Nachmânides, Seforno, Hirsch e Leibovitz. Dirigida a todos os que almejam aprender e enriquecer suas vidas com os milenares ensinamentos da Torá, o livro fará o leitor entender um pouco mais sobre a metodologia

tradicional de estudo que há séculos alimenta generosamente intelecto e espírito.

[Compre agora e leia](#)

Biblia
Hebraica



Bíblia Hebraica

Gorodovits, David

9788579310317

880 páginas

[Compre agora e leia](#)

Apresenta a tradução para o português da Bíblia diretamente do hebraico e à luz do Talmud e das fontes judaicas. Apresentada apenas em português, mostra a forma como os judeus leem e entendem o texto bíblico há milhares de anos. De certa forma, isso explicará por que os judeus são como são, em que se baseia a fé judaica ancestral e, talvez, o segredo da sua existência ao longo da história. Para os leitores não-judeus, a leitura de certas passagens causará alguma surpresa, e isso os fará ver a Bíblia com outros olhos, a partir do contexto judaico original da

mesma e sem as "interferências" operadas em certas passagens polêmicas no decorrer dos tempos. * * * Os livros que compõem a BÍBLIA HEBRAICA são: Torá Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio Profetas Josué, Juízes, Samuel, Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Os Doze (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miah [Miquéias], Nahum, Habacuc, Tsefaniá [Sofonias], Hagai [Ageu], Zacarias e Malaquias) Escritos Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Ezra- Neemias e Crônicas

[Compre agora e leia](#)

MAIMÔNIDES

GUIA DOS PERPLEXOS

OBRA COMPLETA

רבי משה בן מימון
הרמב"ם
מורה (בזיון)



Guia dos perplexos

Maimônides

9788579310768

383 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Guia dos Perplexos é a obra-prima filosófica daquele que é considerado um dos maiores sábios judeus de todos os tempos: o Rabi Moshe ben Maimon – o Rambam, também conhecido como Maimônides. Escrito há mais de 800 anos e contendo 178 capítulos divididos em 3 partes, está sendo publicado na íntegra somente agora em português, com base nas mais respeitadas fontes históricas, religiosas e acadêmicas, em linguagem acessível e criteriosamente anotado pelo Dr. Yosef Flavio Horwitz – um brasileiro formado pela Universidade Hebraica de

Jerusalém e pela Universidade Bar-Ilan –, após muitos anos de intensa pesquisa e dedicação. Esta obra se destinava a guiar pessoas versadas tanto nas disciplinas filosóficas como na Bíblia e no Talmud e mostrar o caminho profundo de estudar ambas – religião e filosofia – dentro de um modo de pensar racional. Na época de Maimônides, a filosofia aristotélica disseminava-se livremente no seio dos territórios sob domínio muçulmano, ao contrário do que ocorria naqueles sob influência cristã. Neste contexto, Maimônides se preocupou em munir os judeus de sua geração com subsídios filosóficos que lhes permitisse enfrentar o profundo desafio às suas crenças judaicas mais genuínas, oriundo do estudo da filosofia aristotélica e que gerava uma perigosa situação de perplexidade. Concordam os judeus e Aristóteles com a necessidade de uma causa primeira e, por conseguinte, única e eterna – que para os judeus corresponde a Deus. Etéreo e afastado dos destinos do homem comum para os

filósofos, o Deus dos judeus é Quem lhes provê um caminho a seguir – a Torá – que, por sua vez, regulamenta todas as ações humanas e a Quem deve o ser humano se subordinar por completo. Porém, um Deus tão envolvido com o destino dos seres humanos, mas muitas vezes apresentado na Bíblia por meio de uma linguagem antropomórfica, gerava dificuldades para aqueles iniciados em filosofia. Maimônides resolve estas dificuldades brilhantemente, explicando as expressões antropomórficas e elucidando que os atributos atribuídos a Deus são somente negativos ou de Suas ações. Maimônides aborda com profundo rigor filosófico e em consonância com os ensinamentos da Bíblia, temas fundamentais para o judaísmo, como a Criação do Universo, a profecia, a Providência Divina, a ética e a natureza do bem, do mal e da virtude. Talmudista, codificador, filósofo, matemático, médico e dono de um talento literário ímpar, Maimônides se tornou um dos maiores

pensadores da Idade Média, e suas teorias exerceram influência significativa sobre filósofos e teólogos cristãos, muçulmanos e judeus de sua época, bem como em figuras como Tomás de Aquino, Espinoza, Leibniz, Newton, Kant e Emanuel Levinas, entre muitos outros, até os dias atuais, sendo estudado em universidades do mundo inteiro, e sua contribuição à humanidade de grande importância. O leitor moderno ficará impressionado com a sabedoria de Maimônides e a profundidade de suas ideias, e lhe ficará clara a razão de os estudiosos se referirem a este grande sábio assim: "De Moisés (da Bíblia) a Moisés (filho de Maimon) não houve outro igual a Moisés."

[Compre agora e leia](#)

Moshe Chaim Luzzatto

חסילת ישרים

O
Caminho
dos
Justos



CLÁSSICOS

O caminho dos justos

Luzzatto, Moshe Chaim

9788579310386

168 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este clássico da literatura religiosa judaica, escrito no século 18, ensina como alcançar uma vida santificada, baseada na mais pura e verdadeira devoção a Deus e às Suas leis. O caminho, descrito e explorado etapa por etapa, parte da observação e do pensamento, na busca por valores como Dedicação, Integridade, Pureza, Virtude, Humildade e Temor, para se atingir o ideal da Santidade em nossa existência.

[Compre agora e leia](#)

Maimônides

חזרה נבוכים (לקט)

Guia
dos
Perplexos
Coletânea



סדרת ספרים



CLÁSSICOS

Guia dos perplexos

Maimônides

9788579310362

242 páginas

[Compre agora e leia](#)

O pensamento de Maimônides, o grande Rambam, talmudista, filósofo, codificador de leis, matemático e médico que viveu de 1135 a 1204, torna-se disponível em português através desta edição única, uma obra compilada e comentada dos temas que compõem as 3 partes do famoso "Guia dos Perplexos". O trabalho desvenda de maneira fascinante as relações que Maimônides estabelece entre filosofia e judaísmo. Profundo e acessível a um só tempo, apresenta a razão como caminho que leva o homem a Deus. A iniciativa encontrou obstáculos, mas o saber

ímpar do genial Rambam prevaleceu e, graças a ele, estudiosos e leitores interessados puderam, século após século, compreender a verdade que tece os nítidos vínculos entre razão e religião. A partir de agora, o leitor brasileiro poderá desfrutar, explorar e discutir as idéias e conceitos de um dos maiores luminares intelectuais da Humanidade, cujas formulações são tão atuais hoje quanto há 800 anos, quando foram escritas.

[Compre agora e leia](#)